

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Alexsandro da Rocha Melo

ORIGEM, FÉ E IDENTIDADE
Um estudo sociológico da comunidade Alto da Bela Vista no
município de Jequié-Ba

Salvador-Ba

2007
ALEXSANDRO DA ROCHA MELO

ORIGEM, FÉ E IDENTIDADE
Um estudo sociológico da comunidade Alto da Bela Vista no
município de Jequié-Ba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

ORIENTADOR:

PROF. DR. CARLOS GERALDO D'ANDREA ESPINHEIRA

Salvador-Ba

2007

M528 Melo, Alexandro da Rocha
Origem, fé e identidade: um estudo sociológico da comunidade do Alto da
Bela Vista no município de Jequié-Ba. / Alexandro da Rocha Melo. – Salvador,
2007.
149 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

1. Sociologia e religião. 2. Comunidade – Desenvolvimento – Aspectos religiosos. 3. Urbanização – aspectos religiosos. 4. Alto da Bela Vista (Jequié –BA).
I. Espinheira, Carlos Geraldo D'Andrea. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
LINHA DE PESQUISA: DEMOCRACIA, CULTURA E MOVIMENTOS SOCIAIS

ALEXSANDRO DA ROCHA MELO

ORIGEM, FÉ E IDENTIDADE

**Um estudo sociológico da Comunidade Alto da Bela Vista no
município de Jequié-Ba**

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais,
apresentação pública em 04 de Abril de 2007, pela seguinte banca
examinadora:**

Prof. Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira (UFBA) – ORIENTADOR
(Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP)

Prof. Marcos Luciano Lopes Messeder (UNEB)
(Doutor em Antropologia e Sociologia pela Université Lumiere)

Profa. Miriam Cristina Rabelo (UFBA)
(Doutora em Antropologia pela University of Liverpool)

Salvador-Ba
2007
AGRADECIMENTOS

Ao professor Gey Espinheira, por ter me acolhido enquanto orientando e acreditado com paciência nos meus avanços. Pessoa que estimo e admiro.

Às professoras, Miriam Rabelo e Gabriela Hita que muito contribuíram com as suas colocações e orientações sobre esse projeto.

Ao professor Marcos Luciano, por participar da defesa e colaborar com o aprimoramento desse trabalho.

À Universidade Federal da Bahia, pelos ensinamentos e experiências nunca antes sentidas.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida em um período desse trabalho.

A todos os professores dos quais fui aluno no PPGCS-UFBA.

Aos funcionários do PPGCS-UFBA, pelas prestezas dos seus serviços.

A Freud, pelos risos e pelas dilatações dos prazos nas compras dos livros!

Ao amigo Alex Leite, pelas conversas e discussões sobre o projeto.

Aos amigos Rogério Mascarenhas e Walter Andrade, por suas agradáveis companhias.

Ao amigo Ezequiel, pelos momentos de companheirismo e das relevantes ajudas durante esse caminhar.

A Zapata, pela recepção e atenção a minha chegada na Cidade da Bahia.

Aos meus colegas de curso, pelas colaborações no processo do ensino-aprendizagem vivenciado em São Lázaro.

A Javier, pelo apoio no começo.

Aos amigos da Casa do Estudante de Jequié que me deram abrigo na primeira etapa dessa maratona.

À comunidade do Alto da Bela Vista, especialmente a todos que corroboraram na construção desse trabalho.

Aos profissionais do PHB-BID, pela gentileza das entrevistas e também pela disponibilidade dos arquivos, dados e documentos solicitados.

A minha mãe, por tudo que ela é e representa para mim.

Ao meu amor, Naiara, por tudo. Tudo mesmo!

MELO, Alexsandro da Rocha. **Origem, fé e identidade: um estudo sociológico da comunidade Alto da Bela Vista no Município de Jequié-Ba.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

O presente trabalho objetiva estudar a comunidade Alto da Bela Vista, localizada na cidade de Jequié-BA, sob três perspectivas de análise: a origem, a fé e a identidade. Através de pesquisa quanti-qualitativa estudou, no campo da origem, os aspectos do processo de ocupação e urbanização da área. Enfoca a participação da Igreja Católica do decorrer do povoamento, a implantação do PHB-BID e os impactos no local. No âmbito da fé, traça-se o seu perfil religioso, onde se detêm a investigar os universos religiosos do Pentecostalismo, do Catolicismo e do Candomblé, destacando, sobretudo, o Pentecostalismo. Por último, discute-se a questão que envolve o conflito identitário envolvendo os dois nomes (Alto da Bela Vista e Inferninho) que são dados ao local.

PALAVRAS-CHAVE: Alto da Bela Vista; Urbanização; Religião e Identidade.

MELO, Alexsandro da Rocha. **Origin, faith and identity: a sociological study of the Alto da Bela Vista community in the Municipality of Jequié-BA.** 2007. Dissertation (Master's Degree in Social Sciences) - Federal University of Bahia.

ABSTRACT

This paper sets out to study the Alto da Bela Vista community, located in the city of Jequié-BA, under three analytical perspectives: origin, faith and identity. As far as origin is concerned, the aspects related to the process of occupation and urbanization of the area were studied by means of a quantitative and qualitative research. The paper also focuses on the participation of the Catholic Church while the community was being populated, as well as on the implementation of PHB-BID and its local impacts. In regard to faith, a religious profile of the community is established, in which the religious domains of Pentecostalism, Catholicism and Candomblé are investigated, with an emphasis on Pentecostalism. Lastly, the issue of the identity conflict involving the two names by which the community is known is discussed: Alto da Bela Vista (Nice View Heights) and Inferninho (Little Hell).

KEY WORDS: Alto da Bela Vista; Urbanization; Religion and Identity.

LISTA DE FOTOS

Foto 01 - Vista parcial do centro da cidade - 2006

Foto 02 - O Alto da Bela Vista e sua bela vista da cidade de Jequié - 2006

Foto 03 - Casa localizada em uma rua sem a assistência do PHB-BID - 2006

Foto 04 - Os animais são alternativas de rendas para a comunidade - 2006

Foto 05 - Instrumento de trabalho - 2006

Foto 06 - Casas localizadas em uma rua com a assistência do PHB-BID - 2006

Foto 07 – Entrada da Igreja e da Creche Nossa Senhora de Fátima - 2006

Foto 08 - A fé: inscrição feita pelos moradores no muro da sede do PHB-BID - 2006

Foto 09 – Frontispício da I Congregação Pentecostal Deus do Impossível- 2006

Foto 10 – Frontispício do Terreiro - 2006

Foto 11 – Muros das casas pintados nas eleições de 2006 - 2006

Foto 12 - Largo do Cedil, através das ruas que o cruzam se chega ao Alto - 2006

Foto 13 - O Alto da Bela Vista e sua faceta cotidiana - 2006

Foto 14 - O centro da cidade de Jequié - 2006

Foto 15 - Placa em uma residência indicando o nome do local - 2006

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Limites geográficos da cidade de Jequié – 2006

Mapa 02 – Área do Alto da Bela Vista - 2001

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Faixas Etárias e Habitantes - 2001

Tabela 02 - Economia Local - 2006

Tabela 03 - Economia da Agricultura - 2004

Tabela 04 - Economia da Pecuária - 2004

Tabela 05 - Economia Poliduto - 2006

Tabela 06 - Procedência dos Moradores - 2001

Tabela 07 - Posicionamento dos Imóveis no Alto da Bela Vista - 2001

Tabela 08 - Procedência dos Imóveis - 2001

Tabela 09 - Ocupação dos Chefes de Famílias - 2001

Tabela 10 - Situação Econômica - 2006

Tabela 11 - Renda Familiar dos Chefes de Família / Salário Mínimo - 2001

Tabela 12 - Distribuição da População - 2001

Tabela 13 - Economia da Casa - 2001

Tabela 14 - Grau de Parentesco - 2001

Tabela 15 - Grau de Escolaridade - 2001

Tabela 16 - Divisão Religiosa Brasileira - 2000

Tabela 17 - Crescimento dos Evangélicos no Brasil - 1970, 1980, 1991, 1996 e 2000

Tabela 18 - Quantidade e Crescimento Anual dos Evangélicos - 2000

Tabela 19 - Divisão Religiosa Baiana - 2000

Tabela 20 - Divisão Religiosa de Jequié - 2000

Tabela 21 - Divisão Religiosa do Alto da Bela Vista - 2005

Tabela 22 - Denominações Religiosas do Alto da Bela Vista - 2005

Tabela 23 - Pedidos aos Céus - 2005

Tabela 24 - Ocupação Econômica - 2001

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

FMI - Fundo Monetário Internacional

HBB - Habitar Brasil BID

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

UAS - Urbanização de Assentamentos Subnormais

PC - Pesquisa de Campo

PCdoB - Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PMJ – Prefeitura Municipal de Jequié

PP – Partido Progressista

PSDC – Partido Social Democrata Cristão

PT – Partido dos Trabalhadores

PV – Partido Verde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – DA ORIGEM: O ALTO DA BELA VISTA	21
1.1 - Uma visão geral: do surgimento ao processo de urbanização	22
1.1.1 - Breve perfil histórico e socioeconômico da cidade de Jequié-Ba	22
1.2 - A origem e o processo de ocupação do Alto da Bela Vista	29
1.3 - A participação da Igreja Católica no decorrer do povoamento	43
1.4 - O Projeto de Habitação do Banco Mundial: os impactos no Alto da Bela Vista	52
1.5 - Características do perfil socioeconômico dos moradores.....	60
CAPÍTULO 2 – DA FÉ: A RELIGIÃO PRESENTE NO COTIDIANO	64
2.1 - Alto da Bela Vista: universos religiosos que se cruzam e se comunicam.....	69
2.2 - O Universo Católico	71
2.3 - O Universo Pentecostal	78
2.3.1 - O Espírito do Capitalismo e a Religião	80
2.3.2 - As influências das mudanças dos valores no cotidiano	84
2.3.3 - Os discursos e as disputas por fiéis	87
2.4 - O Universo do Candomblé	91
3 - A Religião (Pentecostal e Católica) e seus aconselhamentos na política eleitoral do Alto da Bela Vista	94
CAPÍTULO 3 – DA IDENTIDADE: DO INFERNINHO AO ALTO DA BELA VISTA: DISCURSOS EM BUSCA DA CONFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE.....	100
3.1 - A origem do Inferninho: prólogo de um conflito identitário	101
3.2 - A Violência: construções e reorganizações comunitárias em torno de uma falsa imagem projetada	103
3.3 - Processo identitário: a criação, a consolidação e a naturalização	111
3.4 - Mecanismos de defesas: a busca pela afirmação da identidade no Alto da Bela Vista	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119

BIBLIOGRAFIA	124
ANEXOS	131
Anexos A	132
Anexos B	135
Anexos C	141

INTRODUÇÃO

A nossa vivência no município de Jequié proporcionou o contato com as questões sociais dessa cidade e durante muitos anos mantivemos participações nas atividades políticas locais¹. As questões socioeconômicas sempre foram temáticas abordadas nesse meio em que convivemos. A participação em reuniões, mobilizações e organizações de eventos sempre foram marcas presentes dessa experiência. Dessa forma, dentre as preocupações que norteavam os discursos que nos envolviam; encontramos uma idéia que nos mobilizou a projetar esse estudo².

O crescimento da fé Pentecostal, nas localidades mais carentes, (no sentido de renda e apoio estatal) do município de Jequié³ e os mesmos resultados do fenômeno em nível brasileiro; foram os primeiros substratos das nossas inquietações na pesquisa proposta. Tínhamos inicialmente a idéia de fazer uma análise desse fenômeno no universo das igrejas pentecostais minimamente organizadas no local conhecido como Inferninho (Alto da Bela Vista), localizado no bairro do Joaquim Romão. Nessa área, que é afastada do centro da cidade, existe uma estigmatização social da sua identidade que foi construída no coletivo jequeense como um local violento e perigoso.

Todavia, com o aprofundamento das leituras proporcionado pelas disciplinas cursadas no PPGCS-UFBA, além das visitas a campo e as orientações ministradas

¹ Participação na política estudantil da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, em que se ocupou dos cargos de Coordenação Geral do Centro Acadêmico de Pedagogia e do Diretório Central dos Estudantes, bem como o ingresso na vida profissional da política, sendo dirigente partidário do PCdoB - Partido Comunista do Brasil, além de ocupar por um período a assessoria parlamentar de vereador e depois de deputado. Essas participações ocorreram nos anos de 1999 a 2005.

² Nesse aspecto, destacamos que a tentativa de compreender, explicar ou interferir na realidade social, através de um prisma teórico, traz desde o surgimento das primeiras pesquisas as escolhas intencionais do pesquisador, às vezes conscientes e outras inconscientes. Em outras palavras, a pesquisa sociológica traz na sua gênese as pré-noções do pesquisador. Quer queiramos ou não. Dessa forma, a nossa relação de estudo/pesquisa com a comunidade Alto da Bela Vista está margeada também por essas características, pois já tínhamos referenciais e certas curiosidades sobre o funcionamento do seu tecido social. Sabemos que para Durkheim (2000), as pré-noções são expressões da consciência individual do sujeito-pesquisador e tudo o que as representações poderiam significar para a investigação sociológica é uma fonte de erros e deformações. Em suma, são as representações que podem ser formuladas no decorrer da vida, tendo sido efetuadas sem método e sem crítica. As relações sujeito e objeto se constituem entre muitas tensões.

³ Apesar dos dados pesquisados nacionalmente pelo IBGE no decorrer dessas décadas, não existem pesquisas sobre o avanço desse fenômeno no município. A cidade de Jequié, 147.202 habitantes, segundo o IBGE, é uma importante cidade de médio porte, localizada no interior da Bahia e que apesar de ter um campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, tem poucos dados pesquisados sobre esse fenômeno urbano que vivencia.

durante esse caminhar, observamos que no local existia uma demanda de problemas a serem investigados e que serviriam para alicerçar o redirecionamento da pesquisa.

Dessa forma, reconduzimos o nosso trabalho na busca de uma confluência entre os três enfoques propostos: o da origem, o da fé e o da identidade; na perspectiva de se fazer uma análise geral da comunidade à luz de um estudo sociológico que fosse balizado no seu cotidiano. Com efeito, salientamos que no campo específico da análise da fé, oferecemos mais atenção aos universos religiosos dos Católicos e dos Pentecostais, sobretudo o crescimento e os mecanismos de manutenção do poder Pentecostal, remetendo assim, a algumas características do projeto original.

A nossa problemática foi estabelecida a partir de três perguntas que estão envolvidas em um conglomerado de questões teóricas e metodológicas. Apesar de estarem desenvolvidas em cada capítulo a parte, como se demonstrará em um breve resumo ainda nessa introdução, elas se articulam durante todo o plano do trabalho dissertativo. São elas:

- De que forma ocorreu o processo de ocupação da área estudada e quais os impactos da implantação do PHB-BID⁴ para o local?
- Como a Igreja Católica influenciou o processo de povoamento e de que forma se processa e organiza o seu universo simbólico religioso?
- De onde surgiu e como se elabora no cotidiano dos moradores a dubiedade entre os dois nomes Alto da Bela Vista e Inferninho aferidos ao local?

Nesse sentido, com essas indagações pretendemos fazer a interligação entre processo de ocupação do local, a participação do campo religioso e o processo identitário vivenciados por essa comunidade. Proporcionando assim, uma visão geral do Alto da bela Vista sobre esses três enfoques propostos.

O objetivo geral deste trabalho é estudar a comunidade Alto da Bela Vista no município de Jequié-Ba, enfocando o seu processo de ocupação, o seu espaço religioso e o conflito identitário existente na transição do nome Inferninho para o Alto da Bela Vista, partindo de uma análise da sociologia do cotidiano.

⁴ A partir do ano de 2001, a comunidade estudada conquistou a implantação do Projeto Habitar Brasil em convênio com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (PHB-BID), sendo implementado ações na melhoria física (construção de casas e pavimentação urbana) além de ações de cunho social, como veremos mais detidamente no primeiro capítulo desse trabalho.

Os objetivos específicos se definem da seguinte forma:

- Investigar a origem do seu povoamento e o processo de urbanização;
- Refletir e mapear o universo religioso (Católico, Candomblé e Pentecostal) local, sobretudo o Pentecostal.
- Entender a produção e os impactos dos discursos identitários no cotidiano da comunidade.

Para realizar esse trabalho, fizemos um planejamento sistemático das abordagens realizadas no Alto da Bela Vista. Utilizamos os recursos⁵ das entrevistas semi-diretivas, conversas, observações de campo e fotografias. Todas realizadas nos anos de 2004, 2005 e 2006. Para realizar as entrevistas, antes do agendamento era comunicado sobre o propósito do estudo e solicitado à autorização dos entrevistados, sendo que poucos não autorizaram a publicação dos nomes, todavia, para preservar as identidades desses entrevistados, iremos nomeá-los no decorrer do trabalho por letras aleatórias do alfabeto e só em alguns casos mencionaremos os nomes.

A base fundamental dessa ação se deu, principalmente, nos dias de observações sobre aspectos do cotidiano da comunidade, anotações, gravações e conversas. Buscamos caminhar no paradoxo: pesquisa de gabinete x pesquisa de campo. O levantamento de dados em órgãos oficiais, as entrevistas de estudiosos da região ajudaram a organizar o material para as fundamentações do trabalho. Ressaltamos também que as incursões ao campo nos turnos da manhã, tarde e noite foram realizadas, com um intuito de captar, de observar com mais assiduidade os movimentos, as rotinas dessa comunidade.

Os documentos e os dados do PHB-BID foram conseguidos através de reuniões com representantes da Secretaria de Desenvolvimento Social, do município de Jequié e com a ajuda significativa dos Coordenadores do PHB-BID local.

Remontando as questões metodológicas; sabemos que as abordagens qualitativas e quantitativas se complementam e, na maioria dos estudos quando são requeridas tais abordagens, como no presente trabalho, em que há recorrências a dados estatísticos produzidos pelo IBGE, PHB-BID e por outros órgãos de pesquisa elas não divergem. Com efeito, afirma-se que não se opõem os dados estatísticos

⁵ Todos esses recursos foram orientados sob a égide dos três eixos desenvolvidos na dissertação, a saber: A origem do local e o processo de urbanização, as questões relativas à fé do local e por fim a questão de identidade.

daqueles outros resultantes das entrevistas, em que a subjetividade humana é comunicada, portanto, objetivada pela linguagem, pela compreensão (*Verständnis*) como propõe Weber (2004)⁶, cuja sociologia consiste na análise da ação social e esta é a da compreensão da subjetividade que move a ação.

Como já destacado, a própria escolha do objeto de estudo tem inquietações subjacentes ao pesquisador. Com a utilização dos métodos e técnicas desenvolvidos e aprimorados pela ciência podemos chegar a uma pesquisa mais próxima da realidade do que está sendo estudado; mas apreender o real (*in totum*) e sem traços das pré-noções ao nosso entender, isso não se realiza. Ou nas palavras de Lallement (2004), quando aborda sobre a visão weberiana:

A “neutralidade axiológica” que deve guiar o cientista não significa que este tenha o dever de renunciar a suas convicções pessoais quando lança um olhar crítico sobre os acontecimentos. As crenças (juízos de valor), não devem, portanto, macular as hipóteses de trabalho que se submetem aos fatos (juízos de fato). (Lallement 2004, p.262).

Isso não quer dizer que a pesquisa não contenha elementos de uma ciência, pois, na montagem, no caminho metodológico que percorrerá, na elaboração de suas hipóteses e na aplicação de suas técnicas, estarão presentes os significantes e significados da linguagem científica que se submetem aos fatos. Como nos ensina Bourdieu (1999): “Ao se recusar a ser o sujeito-científico de sua sociologia, o sociólogo positivista dedica-se, salvo milagre do inconsciente, a fazer uma sociologia sem objeto científico”. (Bourdieu, 1999, p.64).

Esses argumentos nos direcionam mais uma vez a afirmar que, apreensão do real (ou do objeto estudado); na sua totalidade, é inviável sem a presença das concepções pré ou pós-concebidas pelo sujeito que elabora ou elaborou a pesquisa sobre determinado fenômeno da sociedade.

Por fim, afirmamos que esse trabalho não tem como objetivo ser uma peça acadêmica sem falhas, tanto no campo metodológico quanto no campo teórico. É

⁶ Max Weber nos ensina que os métodos científicos nos ajudam a compreender o real, mas não são totalmente “objetivos”. Vejamos: Não existe qualquer análise científica puramente “objetiva da vida cultural”, ou – o que pode significar algo mais limitado, mas seguramente não essencialmente diverso, para nossos propósitos – dos “fenômenos sociais”, que independentemente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa. (Weber. In: Cohn, 1982, p.83).

uma pesquisa realizada a luz dos critérios científico-sociológicos⁷, mas atenta aos percalços que possam acontecer durante o seu caminhar.

A organização da dissertação foi confeccionada em três eixos, onde o primeiro que envolve a **ORIGEM**, fica determinado no Capítulo 1, o segundo eixo que é o da **FÉ**, é desenvolvido no Capítulo 2 e o último eixo que é o da **IDENTIDADE** é debatido no Capítulo 3. A seguir vamos comentar brevemente o que se trata em cada capítulo:

O capítulo 1 oferece ao leitor uma abordagem geral sobre a localidade. Delimitamos o início de seu povoamento, a forma que se deu o processo de urbanização, fazemos uma análise sobre a cidade de Jequié-BA no contexto da urbanização,

Vamos verificar que Jequié-BA é uma cidade em crescimento dentro dos padrões brasileiros, cujas cidades de médio porte vêm buscando uma urbanização no seu estilo de vida e na sua prática cotidiana social e econômica, ingressando no mundo contemporâneo com seus benefícios e malefícios. Nesse sentido, encontraremos elementos também para afirmar que a mudança do perfil organizacional brasileiro favoreceu o surgimento do Alto da Bela Vista. Observaremos que existiu no processo de urbanização a participação da Igreja Católica onde organizou a comunidade juntamente com outras instituições.

Investigamos os impactos do PHB-BID para a comunidade, onde as lutas e as mobilizações reivindicatórias promovidas pela comunidade do Alto da Bela Vista geraram as ações governamentais em seu benefício e por fim, também fazemos uma análise do perfil socioeconômico dessa população em que favorecerá sistematicamente a análise desse tecido social.

No capítulo 2, ingressaremos nosso estudo no universo religioso presente no cotidiano local, onde mostraremos que existe uma grande densidade religiosa concentrada nas igrejas pentecostais, tanto na quantidade de membros e igrejas quanto no próprio discurso dos moradores. Também iremos refletir sobre o papel que Igreja Católica na localidade e que a religião afro-brasileira (o Candomblé,

⁷Nesse aspecto verificar (Bourdieu 1999); quando menciona: A ilusão de que as operações “axiológicamente neutras” são também” epistemologicamente neutras “limita a crítica de um trabalho sociológico, o próprio ou o dos outros, ao exame, sempre fácil e, muitas vezes estéril, de seus pressupostos ideológicos e de seus valores últimos. (Bourdieu, 1999, p.55).

especificamente) vem crescendo em números de membros, mas nada que ultrapasse os índices de crescimentos dos Evangélicos Pentecostais.

Observaremos os métodos utilizados pela Igreja Católica, pelo Candomblé e sobretudo, pelo Pentecostalismo. Investigaremos também, os discursos que são ministrados na busca por mais fiéis na localidade e e por fim destacaremos os aconselhamentos feitos por essas religiões na vida política eleitoral local.

Finalmente, no capítulo 3, nos debruçaremos sobre o problema identitário que envolve a localidade com a dubiedade dos nomes Alto da Bela Vista e Inferninho. Destacaremos que a construção de uma identidade tem várias referências e perpassa várias óticas, essa área, como outras em tantos lugares do país; são afastadas do centro da cidade e o poder público tem ações, porém insuficientes. Além disso, como já destacado nesse estudo, há efetivamente uma carência de renda dos moradores e problemas de várias naturezas.

Examinaremos a origem do nome Inferninho, problematizaremos sobre o universo da violência no local em torno de uma falsa imagem projetada, estudaremos os processos da criação, da consolidação e da naturalização da identidade local e por fim destacaremos os mecanismos de defesas estabelecidos pela comunidade.

Destarte, desejamos uma boa leitura deste trabalho.

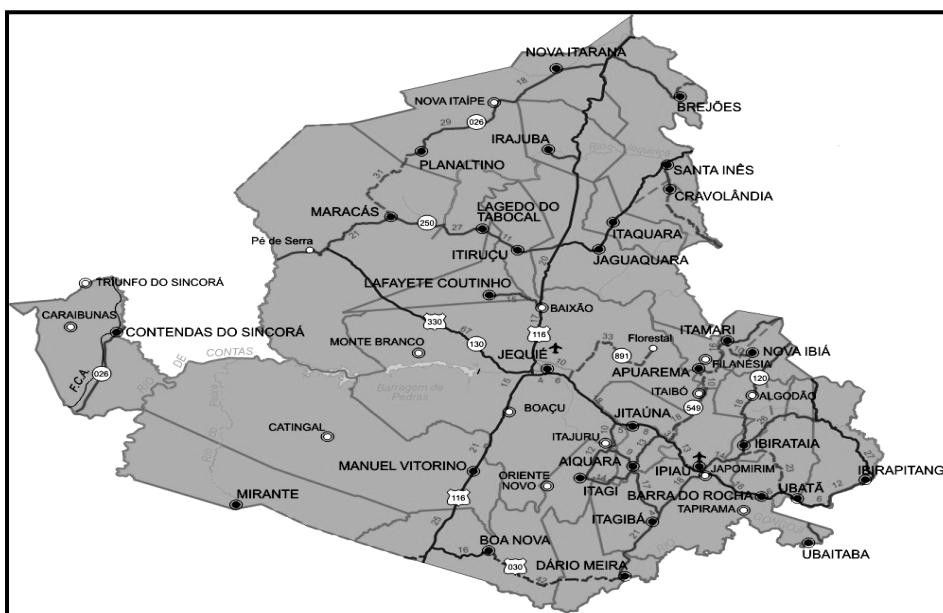
CAPÍTULO 1
DA ORIGEM: O ALTO DA BELA VISTA

1.1 - Uma visão geral: do surgimento ao processo de urbanização

O objetivo desse primeiro capítulo é refletir sobre o contexto social e político do processo de ocupação da comunidade do Alto da Bela Vista; para esse fim, iniciaremos com uma breve história e dados da cidade de Jequié-Ba, fazendo incursões sobre o processo de urbanização do país e da localidade, debateremos a cerca do papel da Igreja Católica na formação do local, analisaremos sobre a implantação e os resultados do projeto do PHB-BID para a comunidade. Também faremos uma análise dos índices socioeconômicos e a participação dos sujeitos nesse ambiente.

1.1.1 - Breve perfil histórico e socioeconômico da cidade de Jequié-Ba

A cidade de Jequié está localizada na região econômica do Sudoeste da Bahia, com uma área de 3.113 km². É o principal Município da 13^a Microrregião, composta de 25 municípios, limitando-se na própria região, com os municípios de Jaguaquara, Lafaiete Coutinho, Itiruçu, Maracás, Manoel Vitorino e Boa Nova, e na região do Litoral Sul, com os municípios de Aiquara, Apuarema, Ipiauí, Jitaúna e Itagi. Como nos mostra o (Mapa 01) abaixo:



Mapa 01 - Limites geográficos da cidade de Jequié - 2006

Fonte: http://www.derba.ba.gov.br/db_map_jequie.htm (Acesso: 02/09/2006)

É estabelecida na zona limítrofe entre a Caatinga e a Zona da Mata. A sua paisagem é caracterizada por relevos e é perpassada pelo Rio de Contas que é sua principal fonte hidrográfica. Situa-se em uma zona de transição climática. A Leste tem o clima Tropical Úmido, enquanto que a Oeste predomina o clima Semi-Árido. Sua temperatura média anual é de 21,5°C, sendo que a máxima atinge muitas vezes 39°C durante o ano e a mínima em torno de 18°C. O período chuvoso ocorre entre os meses de novembro a abril.

No início de sua história, a cidade se favoreceu com sua destacada feira livre, pois atraía comerciantes de todas as localidades da região, esse era um período do século XIX. Jequié pertencia ao município de Maracás entre 1860 a 1880 e supria com seus produtos e serviços as regiões Sudeste da Bahia, assim como a bacia do Rio das Contas.

O território, que hoje é a cidade de Jequié, foi desbravado e percorrido por alguns bandeirantes em meados do ano de 1718. Entre eles estava presente o Sertanista Pantaleão Rodrigues e o Bandeirante João Gonçalves da Costa.

Em 1789, o inconfidente, José de Sá Bitencourt passou pela região e só em meados de 1808 adquiriu algumas terras de Gonçalves da Costa e fundou a Fazenda Borda da Mata, que segundo os historiadores, foi o local que levantaram a primeira edificação das terras de Jequié.

No ano de 1832, o já latifúndio Borda da Mata foi repartido entre seus herdeiros, ficando a Fazenda Jequié, para Bitencourt e Câmara. Em torno de sua nova sede começou a surgir o povoado que tempos depois se constituiria a futura cidade de Jequié.

O desenvolvimento proporcionado pelas rotas dos tropeiros fez com que o povoado obtivesse o apoio de Joaquim Fernandes da Silva e fosse elevado à categoria de Distrito de Maracás em 1880.

Em 1897, Lindolfo Rocha teve papel destacado no desenvolvimento da lei que viria emancipar Jequié de Maracás. Também foi responsável pela primeira Sociedade Literária de Jequié.

Foi com o Projeto de Lei nº. 180, apresentada a Assembléia Legislativa do Estado da Bahia pelo deputado Lélis Piedade, que o Governador Luís Viana sancionou a emancipação da cidade de Jequié e em 25 de outubro de 1897 foi tomada a posse do Conselho Municipal de Jequié, ficando essa data para a

comemoração da emancipação política de Jequié. A elevação de sua categoria para Cidade registra-se na lei 779, sancionada pelo governador Araújo Pinho.

Jequié se destaca na política baiana, onde já teve representantes no Senado, no Governo da Bahia e no poder legislativo, tanto em nível Federal quanto Estadual.

Antônio Lomanto Júnior exerceu o mandato de Governador do Estado de 1964 à 1967, sendo o último governador eleito democraticamente nesse período, pois logo após a sua eleição o Brasil atravessou o período ditatorial só retornando a democracia eleitoral no ano 1988 com a promulgação da Constituição Federal. O outro político a ocupar um cargo destacado da hierarquia política da Bahia foi César Augusto Rabello Borges, (PFL) (apesar de ter nascido em Salvador tem laços familiares e de criação na cidade de Jequié), esteve a frente do Executivo estadual de 1999 à 2002.

O eleitorado do município, segundo informações do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (Ano de 2006), é de 103.534 eleitores aptos a votar. Ficando assim entre os maiores colégios eleitorais da Bahia. A sua gestão política é atualmente representado no poder Executivo pelo prefeito Reinaldo Moura Pinheiro (PP). A Câmara de Vereadores se compõem com 12 membros: Ednael Alves de Almeida (PFL); Euclides Nunes Fernandes (PDT); Ivan de Oliveira Santos (PRP); Joaquim Caíres Rocha (PDT); José Simões de Carvalho Júnior (PP); Ladislau Muniz de Bulhões Neto (PP); Luiz Elizeu Ferreira Brito Oliveira (PL); Nara Rúbia Muniz Chaves Pelegrini (PFL); Paulo Sérgio Souza Vasconcelos (PMDB); Régés Pereira da Silva (PT); Sonia Maria Amparo Santos (PSB) e Valdemir Souza Braga (PSDC).

A distribuição geral do município entre as faixas etárias e os habitantes por domicílios, são retratadas na (Tabela 01), das seguintes formas:

Tabela 01 - Faixas Etárias e Habitantes

<i>FAIXA ETÁRIA</i>	<i>HABITANTES/MIL</i>
0 a 9	28.411
10 a 14	16.368
15 a 24	32.673
25 a 39	31.017
40 a 49	14.914
Acima de 55	23.819
TOTAL:	147. 202

Fonte: IBGE - Pesquisa da Divisão Territorial no ano de 2001

Verificamos, com os dados, acima, que a maior parte da população jequeense está entre as faixas de 15 a 24 e 25 a 39.

Ao refletirmos sobre esses números, vamos identificar que existe uma força de produção jovem acumulada na cidade. Todavia, a maior parte desses jovens não é absorvida no mercado de trabalho formal⁸, gerando assim um crescimento direto de diversos problemas, entre os quais, dois merecem a nossa atenção: A) o crescimento do mercado informal e B) a migração crescente de jovens jequeenses para outros centros produtivos.

Quando debruçamos sobre o primeiro problema encontraremos uma cidade onde existe um crescimento desordenado de prestações de serviços informais, sobretudo, nas áreas de alimentação, transporte e mercadorias advindas do Paraguai, a grande parte, oriunda de “pirataria”.

As praças e avenidas do centro da cidade e dos bairros (Joaquim Romão, Jequezinho e Mandacaru) são ocupados cotidianamente por esses prestadores de serviços informais. As pessoas precisam de uma renda e na falta de uma ocupação dentro da formalidade utilizam-se das mais variadas formas para sobreviverem.

Um exemplo concreto é o número crescente do serviço de moto-táxi. Em uma pequena amostra (20 entrevistados no universo de 200) coletada através de uma pesquisa, no ano de 2001, elaborada pelos alunos do curso de enfermagem⁹ da UESB-Jequié, constatou-se que, em um dos maiores (em densidade demográfica) bairros de Jequié, o Joaquim Romão, tem 85% de sua faixa etária entre os motoqueiros com idade de 20 a 39 anos.

Com efeito, o poder público local não age sistematicamente para resolver essa situação; existem muitas reclamações feitas pelos jequeenses através das Rádios e Jornais locais. Não existe uma política pública de emprego e renda eficiente que forneça ocupações formais no mercado de trabalho para essa parcela da população. Assim como no Brasil, o crescimento do mercado informal em Jequié é fruto da associação de erros implementados pelo Estado, no decorrer de anos.

⁸ Vale ressaltar que os termos trabalho formal e informal, utilizados no Brasil, estão associados diretamente à carteira de trabalho assinada; garantindo assim ao trabalhador as garantias previstas pela CLT. Destaca-se que mesmo depois das alterações atuais (Final da década de 90 e início de 2000) da CLT, onde se garante a contratação temporária pelas empresas, para os brasileiros, a carteira de trabalho ainda é o símbolo do correto, do justo e do formal, enquanto que as outras formas de trabalho são incorretas, injustas e informais. Nesse aspecto, é bom verificar: Noronha (2003), onde desenvolve um artigo sobre as Percepções do Mercado de Trabalho no Brasil.

⁹ SANTOS, Bruna, DUARTE, Edimara, VASCONCELOS, Gilmar. A concepção dos profissionais dos serviços de moto-táxi do bairro Joaquim Romão – Jequié- a cerca dos riscos ocupacionais. Pesquisa da disciplina Epidemiologia II, UESB, 2001.

Essa falta de ação atinge consideravelmente a população jovem da cidade que fica entre a informalidade, o pequeno mercado formal e a saída, mesmo que forçada, da cidade natal.

Nesse aspecto, por outro lado, quando analisamos o segundo problema vamos verificar que uma parcela dos jovens jequieenses, diante essa realidade, acabam migrando para outras cidades na busca de emprego e renda. Uma parte dessa população jovem, na sua maioria, migra para Salvador ou para São Paulo. Nesses centros vão atrás do primeiro emprego, da possibilidade de se inserirem na sociedade do consumo e de, sobretudo, auxiliar na renda da família. Há uma manutenção da mesma lógica que se reproduz nas cidades brasileiras que não possuem diretrizes públicas capazes de manterem esses jovens em sua terra natal. Um êxodo urbano que tem na sua marca a migração juvenil. O que resta ao jovem é a opção de migrar para lugares mais abertos às possibilidades de trabalho ou de permanecer e viver modesta ou mesquinamente na cidade natal.

Esse é um aspecto marcante na força produtiva da cidade. Como já mencionado, os jovens se empregam na área do comércio, serviços e da indústria. E existe um crescimento¹⁰ do mercado considerado informal onde a maioria é ocupada pelos jovens. Segundo os dados (Tabela 02) da Prefeitura Municipal de Jequié¹¹, as unidades empresariais cadastradas geram em média de 8.346 empregos.

Tabela 02 - Economia Local

<i>SETOR</i>	<i>QUANTIDADE</i>
Indústria	302
Comércio	1.020
Serviço	1.230
TOTAL	2.552

Fonte: PMJ- 2006

A economia local também se movimenta numa forte inclinação para a Pecuária e para a Agricultura. As criações de caprinos e bovinos, o desenvolvimento da cultura do cacau e do café, bem como outras espécies como a mandioca e a cana-de-açúcar modelam o perfil econômico da região. A cidade tem um perfil

¹⁰ A grande quantidade e jovens que prestam o serviço do moto-táxi e que trabalham vendendo rifas, no jogo do bicho ou como ambulante. Existe um dado extra-oficial (divulgado na imprensa local) de mais 6.000 pessoas vivendo na informalidade.

¹¹ Fonte: <http://www.jequie.ba.gov.br/content/blogcategory/24/122/> (Acesso: 03.10.2006).

urbano, mas as atividades do meio rural ainda geram muitas riquezas para a sua população. Vejamos logo abaixo (Tabela 03 e na Tabela 04):

Tabela 03 – Economia da Agricultura

<i>CULTURA</i>	<i>ÁREA PLANTADA/HA.</i>
Banana	200
Cacau	6.947
Café	60
Cana - de - Açúcar	130
Feijão	160
Mandioca	450
Milho	160
Tomate	100

Fonte: IBGE - 2004

Tabela 04 – Economia da Pecuária

<i>TIPO DE ANIMAL</i>	<i>QUANTIDADE</i>
Bovinos	113.104
Caprinos	29.710
Ovinos	15.805
Suínos	7.806

A partir de 1995, a cidade ganha uma nova dinâmica econômica devido a implantação de um Poliduto, localizado próximo as margens da BR-116, próximo do Alto da Bela Vista. São 365 km de tubulação de 200 a 250 mm para o transporte de derivados de petróleo. Liga a Refinaria de Petróleo Recôncavo Baiano, a Jequié e Itabuna, onde atinge 22 municípios da Bahia. Logo abaixo (Foto 01) observamos como a cidade de Jequié tem o seu perfil urbano consolidado.



Foto 01 - Vista parcial do centro da cidade

Fonte: PC - 2006

As concentrações de empresas nacionais e internacionais favoreceram uma mudança na composição do tecido urbano do local, todavia não gerou melhorias significativas para a comunidade que reside próximo. O entorno ainda continua com as mesmas características de antes. É corriqueira a falta de saneamento básico em muitas áreas, onde é necessária uma atenção mais articulada entre a iniciativa pública e privada para com a população local. A geração de renda existe na medida em que também existe a concentração.

As empresas como a Petrobrás, Esso, Ypiranga/Atlantic, Shell, Gás Butano e Minasgás fazem parte desse núcleo econômico. Segundo informações (Tabela 05) o Poliduto jequeense tem a seguinte capacidade:

Tabela 05 - Economia Poliduto

<i>CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO DA BASE DE DISTRIBUIÇÃO</i>	<i>BARRIS/MIL</i>
Álcool	57.000
Gasolina	40.000
Óleo Diesel	154.000
Glp-Gás de Cozinha	288.000

Fonte: <http://www.camarajequeie.com.br> (Acesso: 10.09.2006)

Diante dessa nova face de desenvolvimento; a cidade se molda com um perfil econômico e social urbano, onde a maioria da população reside na área urbana e vem diminuindo a cada ano que passa, gradativamente, a densidade demográfica da zona rural. Como nos afirma o professor Emerson Pinto de Araújo (2005):

Jequié chegou ao alvorecer do atual milênio com 82% de sua população vivendo na área urbana (73% na cidade e 9% nas sedes dos distrito e povoados), ficando apenas 18% na zona rural, ou melhor, no campo, com predominância do sexo feminino e de habitantes pardos, numa densidade demográfica de 48,74. (Araújo, 2005,p.508).

Dessa forma, observamos que Jequié é uma cidade em crescimento dentro dos padrões brasileiros, cujas cidades de médio porte vêm buscando uma urbanização no seu estilo de vida e na sua prática cotidiana social e econômica. Ingressando no mundo contemporâneo com seus benefícios e malefícios.

A seguir vamos compreender como iniciou as primeiras ocupações do Alto da Bela Vista.

1.2 – A origem e o processo de ocupação do Alto da Bela Vista

A comunidade do Alto da Bela Vista situa-se ao norte da cidade e fica distante do centro comercial, cerca de 3 km. Faz parte do Joaquim Romão, um dos maiores bairros da cidade de Jequié-BA Tem como limites: ao Norte a 1º Tv. Americano da Costa; ao Oeste a 1º Travessa São Lucas; ao Sul a 4º Travessa Americano da Costa e a Leste a Avenida Tote Lomanto que liga o centro da cidade a BR 116.

Possui 1.200 edificações e segundo os dados da pesquisa de campo do PHB-BID/2001 existe uma ocupação média de 3,77 moradores por unidade de uma área equivalente a 197.738,40 m², que é de natureza privada e fazia parte do espólio de Pedro Álvaro de Almeida e de Alberico Brito de Andrade. Segundo os moradores, essa área era uma fazenda grande (latifúndio) “improdutiva”, cerca de 60 anos atrás. O dilema ideológico sobre o conceito de improdutividade.

O nome Alto da Bela Vista, além de fazer jus à paisagem que pode ser observada, pois está em um local privilegiado na cidade de Jequié (Foto 2), foi também criado pela comunidade com o propósito de retirar o estereótipo do nome “infernhinho”, nome difundido amplamente e mais conhecido no entorno jequeense. Ressaltamos que essa dupla identidade do local será tratada em um capítulo a parte.



Foto 02 - O Alto da Bela Vista e sua bela vista da cidade de Jequié
Fonte: PC- 2006

O seu surgimento tem um vínculo com o deslocamento da população do campo para os centros urbanos, processo bem caracterizado no período de urbanização do Brasil nas décadas de 60, 70 e 80. Uma parcela dos moradores, que mantivemos contato, é de regiões da zona rural da cidade de Jequié ou de sua micro-região. A localização próxima a BR 116 (Rio-Bahia) favoreceu o seu povoamento por pessoas oriundas da zona rural, da zona urbana de Jequié e da micro-região.

A busca por melhores condições de vida no meio urbano; incentivou esse fluxo crescente das populações mais afastadas dos grandes centros comerciais. Essa é uma marca destacada dessa época no país. O êxodo rural influenciado por fatores políticos e econômicos modificou o perfil habitacional brasileiro trazendo com isso o desenvolvimento da urbanização e várias conseqüências negativas; devido à falta de planejamento sobre os impactos do fluxo crescente de pessoas, ocasionando o crescimento desordenado das cidades e modificando o espaço social.

Como já destacamos, o processo de urbanização brasileiro seguiu seu roteiro, incentivado pelo êxodo rural sem precedentes dos anos 60 e 70, quando cerca de 13,5 e 15,6 milhões de pessoas¹², respectivamente, saíram da área rural. Inclusive nos anos 80, pela primeira vez, a população rural brasileira diminuiu em números absolutos. Nesse processo, o país chegou ao ano de 2000 com mais de 81% das pessoas vivendo nas cidades.

Sabemos que a urbanização brasileira tem várias linhas interpretativas, todavia, iremos trabalhar com os dados do IBGE e outros dados quantitativos confrontando-os com a realidade pesquisada em nosso objeto de estudo, sobretudo nas questões relativas ao cotidiano, à formação da identidade e a religião. Nesse sentido, Cunha (2003) ensina:

No Brasil, o fenômeno da metropolização teve como corolário um marcante processo de "periferização" de boa parte da população nacional. De fato, a maioria das regiões metropolitanas brasileiras havia apresentado, no período 1970-80, taxas de crescimento mais elevadas em seus municípios periféricos. Nos anos 80, a despeito do processo de desconcentração populacional e do fato de as sedes metropolitanas terem registrado decréscimos em suas taxas de crescimento populacional, o processo de periferização intensificou-se

¹² Fonte: IBGE - Censos Demográficos de 1950 a 2000.

ainda mais, com os municípios não centrais exibindo taxas elevadas e superiores às do núcleo metropolitano. (Cunha, 2003, 226).

O processo de urbanização no Brasil é recente. As regiões menos potencializadas economicamente só entraram nessa lógica de desenvolvimento com anos de atrasos.

Ao adentrar no entorno de nosso objeto de estudo e ao analisar os dados do IBGE, vamos verificar que em 1970, Jequié-BA tinha 101.257 habitantes, se dividindo em 65.649 na zona urbana, 36.608 na zona rural e que justamente nas décadas de 80 e 90 há uma grande ampliação da população urbana, um movimento que acompanha as mudanças do crescimento e da distribuição demográfica do país. Estudos¹³ desenvolvidos atualmente pelo IBGE revelam que:

O século XX foi caracterizado, no Brasil, por um intenso processo de urbanização iniciado em meados do século e fortalecido a partir de 1960. A parcela de população urbana passou de 31,2% em 1940 para 67,6% em 1980. A mudança de país predominantemente rural para urbano ganhou velocidade no período 1960-1970, quando a relação se inverteu: dos 13.475.472 domicílios recenseados no Brasil em 1960, pouco menos da metade (49%), se situavam nas áreas urbanas; em 1970, quando foram contados 18.086.336 domicílios, esse percentual já chegava a 58%. (IBGE-2005).

Nesse processo de urbanização, a cidade comportava no ano de 2000, 147.115 habitantes, sendo que, 130.207 na área urbana e 16.908 na área rural. Os últimos dados do IBGE informam que a projeção para o ano de 2005 da cidade de Jequié seria uma população de 147.724 habitantes.

Ao investigar a procedência da população do Alto da Bela Vista encontraremos aspectos importantes para compreender-mos as origens dos habitantes e os efeitos na formação do mundo social, tanto no campo da religião e da política, como nas ações do cotidiano e nas outras diversas práticas sociais. Nesse sentido, reforçamos que a articulação entre a religião, a identidade e a política fará parte das observações e análises dentro do estudo proposto, pois a conquista desse espaço perpassa uma série de acontecimentos históricos que modela as ações sociais dos sujeitos envolvidos no processo do movimento pela habitação própria.

¹³ Fonte: <http://integracao.fgvsp.br/ano6/11/pesquisas.htm> (Acesso 30.08.2006).

Uma parcela dessa população advém das áreas rurais do entorno de Jequié e uma parcela significativa procede dos bairros periféricos da cidade. Há 20 anos a cidade sofreu o reflexo do movimento nacional que culminou com a fundação dessa comunidade em um local afastado do centro urbano jequieense.

Ao estudar a procedência desses moradores nos defrontamos com os seguintes dados¹⁴ (Tabela 06):

Tabela 06 - Procedência dos Moradores

<i>PROCEDÊNCIA</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
Jequié - Zona Rural	452	26,14
Jequié - Zona Urbana	927	53,61
Micro Região - Zona Rural	158	9,14
Micro Região - Zona Urbana	95	5,49
Bahia - Zona Rural	20	1,16
Bahia - Zona Urbana	38	2,20
Outro Estado - Zona Rural	06	0,35
Outro Estado - Zona Urbana	32	1,85
Outro País	01	0,06
TOTAL	1.729	100

Fonte: PHB-BID - 2001

A projeção de seu tecido social revela-se entre um Brasil rural e urbano, como já mencionado. Onde 36,79% procedem da zona rural e 63,15% da zona urbana. O local era um amparo para muitos migrantes que percorriam a região Sudoeste da Bahia na procura de melhores condições de vida.

A mudança do perfil organizacional brasileiro favoreceu o surgimento do Alto da Bela Vista e de outras localidades próximas às rodovias. Os fluxos de veículos, principalmente caminhões de outros estados, e o amparo logístico que se oferece aos viajantes contribuíram como importantes elementos para a organização dessa localidade nos dias atuais.

Nas conversas e entrevistas realizadas com os moradores foram identificadas alguns exemplos concretos dessas influências nas mudanças dos fluxos de pessoas na região. É bom salientar que a cidade de Jequié era um pólo em desenvolvimento econômico da região Sudoeste nesse período.

A Sra. X, uma moradora antiga do Alto da Bela Vista, informa em entrevista como foi o processo de sua chegada na área. No seu depoimento ela afirma:

[...] Aqui... para falar a verdade... quando eu cheguei para aqui que tinha poucas casas... era na base assim de umas...umas 12

¹⁴ Dados retirados do volume D - Diagnóstico e Projeto Social do Programa Habitar Brasil / BID, UAS – Urbanização de Áreas Subnormais, Fases I e II, 2001.

casas...quando eu cheguei para aqui...então foi crescendo, crescendo, eu cheguei com um menino...com dois menino...com idade de...um de 4 anos e outro de seis meses...hoje em dia já tão...grande...já tão velho...pai de família...e o bairro foi crescendo, foi crescendo... Eu cheguei aqui na, na... base de...55 (ano de 1955)...tinha poucos moradores...eu morava em Planaltino...eu morava lá...depois eu vim trabalhar em Cravolândia, de Cravolândia e vim para Aiquara para casa dos meus pais e de Aiquara eu vim para aqui...foi aonde eu surgir a minha família e estou aqui...Eu cheguei porque...eu tinha...eu tinha...não, eu tenho...parente aqui...que meu tio...quer dizer que hoje é falecido...mas eu agradeço a Deus e ele...foi que eu vim passear na casa deles...uma irmã que morava no Jequiezinho...e então...foi ai que eu cheguei para aqui...vim morar com um irmão...também...que era solteiro...precisava de uma pessoa para ajudar ele...eu vim e passei um ano e pouco com ele...ai ele foi embora e eu fiquei...achei uma prima também que mora aqui...pertinho da minha casa...foi quem me ajudou a construir a minha casa...que cedeu o local de eu fazer a casa (X- moradora antiga da comunidade).

Como já mencionado, o fluxo dessas populações que giravam em torno na cidade de Jequié foi a grande mola propulsora para o surgimento dessa comunidade. Em sua obra, *A Nova História de Jequié*, o professor Êmerson Pinto de Araújo (2006), revela:

A ocupação econômica do território jequieense na primeira década do século XX acelerou bastante a expansão e diversificação do comércio do município, estendendo sua área de influência até regiões distantes. A inexistência de rodovias consolidou a condição privilegiada de Jequié como porto-de-terra e boca-do-sertão, funcionando simultaneamente como centro receptor e distribuidor de mercadorias. Muitos dos produtos industrializados oriundos do exterior e do sul, do país que desembarcavam na capital do Estado chegavam a Jequié e iam abastecer o sudoeste baiano e o norte de Minas Gerais. Em contrapartida, a produção agrícola e demais gêneros da região em tela depois de armazenados em Jequié, tomavam destino de Salvador. (Araújo, 2006, p.188).

A grande maioria procurava amparo em outras localidades com finalidade de organizar as suas vidas em busca de trabalho, educação, saúde e outras oportunidades mais difíceis de serem conseguidas na zona rural brasileira.

Nos depoimentos e na análise dos dados dos órgãos e projetos investigados encontramos sustentação para afirmar: os latifúndios que ocupam as áreas próximas às zonas urbanas das cidades, sobretudo, no Nordeste brasileiro são os alvos principais dos movimentos populares que reivindicavam e reivindicam melhores condições de vida para as populações carentes. Um típico problema brasileiro que já vem de muitas décadas.

A questão agrária sempre esteve presente nos caminhos do processo de desenvolvimento do Brasil. O modelo concentrador de renda, aplicado no Brasil, gerou grandes bolsões de misérias de agrupamentos humanos que vivem em condições muito precárias afastadas do centro produtivo/serviços das cidades.

Seguindo essa lógica, Sá (2004) faz a seguinte afirmação sobre as desigualdades espaciais da cidade de Jequié:

No caso de Jequié, as desigualdades espaciais entre áreas urbanas segregadas aparentemente uniformes ocorrem em razão da existência de um desnivelamento da capacidade de renda dos moradores que está presente em quase todos os bairros, produto do desordenamento do uso do solo. Em outros termos, as áreas segregadas uniformes também repercutem o tipo de residência adquirida e a localização das mesmas, quer em termos de acessibilidade, quer em termos de oferecimento de serviços infra e supra-estruturais. A segregação espacial, nesse sentido, se assemelha muito ao processo de estruturação de classes, em seus aspectos reprodutivos de ordem capitalista. (Sá, 2004, p. 9).

Tabela 07 - Posicionamento dos Imóveis no Alto da Bela Vista

<i>POSICIONAMENTO</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
No Alto	306	66,67
Na encosta	73	15,91
Em baixo	80	17,42
TOTAL	459	100

Fonte: PHB-BID- 2001

O início do povoamento, segundo os moradores, não foi estabelecido por critérios organizativos estabelecidos pelo poder estatal. O Estado moderno dissimula as ações sobre as demandas das populações mais carentes. Na fundação dessa comunidade a regra não foi diferente. Interessante mencionar que, segundo os moradores entrevistados, os órgãos da Prefeitura Municipal de Jequié; sabiam e acompanhavam os acontecimentos no processo de povoamento do local, entretanto, não trabalharam na sistematização da melhoria urbana do local. Nas falas dos moradores mais antigos, fica patente que as pessoas ocupavam os espaços disponíveis no terreno e levantavam as suas moradias de acordo com os padrões mínimos de construção estabelecidos por critérios próprios.

Não existia um planejamento estratégico sobre as divisões das ruas ou infraestrutura. Outro morador nos informa com mais detalhes, como o processo de povoamento, aconteceu:

[...] As ruas... quer dizer... a gente fazia uma casa...um fazia casa de um jeito o outro fazia a casa mais para dentro...aquele que tinha mais experiência dizia:, não rapaz deixa a casa mais aberta um pouquinho para fazer uma rua...mais tarde...não teve planejamento não...é por isso que você vê que tem rua aqui não tem saída...por isso que no começo, não teve um planejamento, um estudo e até hoje está assim...cada um fazia assim...uma casa para lá outra casa para cá [...] (W, 20 anos no local).

O povoamento realizado¹⁵ não se processou segundo os padrões urbanos convencionais, mas segundo uma lógica que mais se aproxima da forma livre de selecionar o espaço para erguer a moradia, que pode ser considerada como uma forma desordenada que agravou os problemas infra-estruturais. Nesse aspecto, é salutar observamos o que Yves Pedrazzini (2006) revela em sua obra, *A Violência nas Cidades*:

A urbanização rimou muito tempo com civilização, uma vez que o conceito de cidade estava vinculado ao progresso e à modernidade. Hoje, porém, urbanização lembra fragmentação, segregação, divisão, *des-civilização*. Essa realidade é agravada pela atitude de profissionais que pensam as cidades apenas a partir de questões espaciais. (Pedrazzini, 2006, p.59).

O processo de urbanizar perpassa as demandas de grupos e interesses. A parte da população que não circula nesse âmbito, não detém um acúmulo de capital simbólico e material na sociedade capitalista, não participando das decisões favoráveis às suas necessidades elementares, como a moradia. A cidade é vista como um território demarcado entre os que mais detém esses dois capitais (simbólico e material) e os que detém pouco. Assim se divide o espaço citadino.

Existiram vários confrontos com a proprietária do terreno, em que acionado o poder policial para apreender as ferramentas de quem estava construído as casas. Foi à partir do governo do Prefeito Luís Amaral (1987-1992) que o terreno foi liberado para construção, liberado, porém sem nenhuma segurança jurídica ou planejamento das futuras habitações. O morador que reside no local há mais de 20, anos relata o discurso oficial emitido por um representante do alto posto governamental da época:

¹⁵ Segundo alguns moradores há cerca de 25 anos.

[...] A partir de hoje em diante... vocês podem fazer o tanto de casa que quiser lá. Mais adiante complementa: não existia planejamento projeto, nada... cada um fazia o que queria...[...] (W).

A não ação do poder público local, sobretudo no período que essas mudanças ocorriam nesse espaço, confirma o que a professora Ângela Gordilho (2000), ensina sobre a segregação do espaço urbano, diante a lógica antagônica do modo de produção capitalista:

Na reprodução do espaço sob a lógica capitalista, a segregação espacial sempre existiu, desde os primórdios da metrópole industrial, separando espacialmente ricos e pobres, sendo as áreas mais nobres melhor servidas de infra-estrutura e outros benefícios coletivos e as demais, de certa forma, “largadas à própria sorte” e à ganância especulativa. Portanto, a exclusão social se manifesta no próprio fenômeno da segregação espacial, uma vez que, separando as áreas de moradia na cidade por classes sociais distintas, coloca “de fora” das melhores condições de habitabilidade as populações mais pobres, resultando em acessos diferenciados às benfeitorias e ao conforto urbano. (Souza, 2000, p.55).

Essa forma sistemática atinge a dinâmica comportamental dos habitantes do Alto da Bela Vista. Existem inúmeras reclamações dos poderes públicos, um “ódio” articulado diante da falta de acompanhamento e melhorias básicas para a população. Mesmo com a chegada do PHB-BID, as reivindicações vão desde a melhoria da iluminação, a falta de água até projetos que incluam seus moradores no mercado de trabalho.

Uma questão também que contribuiu para as dificuldades de ordenar as moradias foi o terreno, já que grande parte é muito íngreme e a formação do solo é acentuadamente pedregosa. Atualmente, ainda é um dos problemas para os moradores e para o desenvolvimento do PHB-BID.

A crescente busca por um terreno para construir levou muitas pessoas a ocuparem mais de um espaço (terreno) para construir as suas casas. Muitos moradores chegaram a possuir quatro terrenos, o que aumentou a especulação do mercado imobiliário no local.

Em um levantamento sobre o preço dos imóveis na localidade verificamos que uma casa (casa de três cômodos) construída de “adobão”¹⁶ custa em média R\$ 4.000 e uma casa com pavimento superior feita com bloco ou tijolo custa em média

¹⁶ Bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol.

R\$18.000. Entretanto, o processo de regularização fundiária está em curso, muitas casas não têm documentos oficializados, somente tem os recibos de construção ou recibos de compras e vendas.

Somente as casas que fazem parte do campo de ação do projeto PHB-BID estão com a documentação em processo de regularização. Logo abaixo (Foto 03) se observa uma residência localizada em uma rua que não está dentro do campo de ação do PHB-BID.



Foto 03 - Casa localizada em uma rua sem a assistência do PHB-BID
Fonte: PC - 2006

Mesmo diante de tanta adversidade existe mercado de trocas e compras de imóveis entre os moradores. Com a chegada do projeto PHB-BID, que foi implantado na comunidade em 2001, aumentou-se a procura por moradia nesse espaço. A pavimentação e o serviço de esgotamento foram os grandes incentivadores para essa procura. Ampliou-se também o número de pequenos comércios.

O que acontece no Alto da Bela Vista nos remete a um sucinto comentário sobre a concepção das políticas públicas habitacionais de Estado, adotadas no Brasil.

Seguindo esse raciocínio, quando observamos no decorrer das décadas as políticas sociais traçadas com o objetivo de cuidar dos problemas habitacionais

vivenciados no país, iremos notar que na sua maioria não contemplaram e não contemplam os anseios da população mais necessitada.

Os créditos oferecidos pelo governo são difíceis de serem liberados, pois requerem muitos documentos, comprovantes de rendas fora da realidade socioeconômica da maioria dos brasileiros que precisam de moradia. Somam-se a isso a burocracia estatal que praticamente “trava” a resolução do problema da moradia.

Essa problemática perpassa a história da política de habitação. Ao analisarmos rapidamente as transformações do Estado brasileiro, iremos verificar que, desde as primeiras intenções do governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), ao implantar a Fundação da Casa Popular (FCP), um dos primeiros órgãos com foco na habitação popular; já nasce em um cenário onde as articulações políticas tinham um contexto complexo entre a caça aos comunistas, o crescimento da classe operária e o medo das articulações políticas efetuadas por Getúlio Vargas.

Esse embrião da política habitacional já surge com falta de recursos e com interesses voltados para a contenção das revoltas da classe trabalhadora urbana que crescia nos grandes centros (sobretudo, Rio de Janeiro e São Paulo) e eram simpáticas as idéias comunistas da época. Nos seus objetivos constavam à contenção dos crescimentos das favelas e as construções de habitações populares. Nesses quesitos, também como nos dias de hoje, houve favorecimento na distribuição das verbas públicas e entre 1946 a 1964 só se construiu 18.143 habitações, menos de 1.010 habitações por ano. Não resolvendo eficazmente assim o problema da moradia¹⁷.

Outro marco importante que merece a atenção dessa breve análise sobre essas políticas públicas de estado é a criação do BNH-Banco Nacional de Habitação e a criação do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) implementados após o golpe militar de 1964. Assim com o FCP-Fundação da Casa Popular, o BNH surge em um contexto turbulento da história política brasileira, onde

¹⁷ Nesse aspecto sugerimos verificar Filho (2006) quando menciona: “A FCP, instituída pelo Decreto-Lei nº 9.218/46 e subordinada ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), tinha por finalidade “proporcionar a brasileiros ou estrangeiros com mais de dez anos de residência no país ou com filhos brasileiros a aquisição ou construção de moradia própria, em zona urbana ou rural” (art. 2º). Teria a preferência para a aquisição ou construção de moradia o candidato que trabalhasse em atividades particulares, os funcionários públicos e de autarquias e aqueles que, fixados em zonas rurais, trabalhassem no cultivo de produtos essenciais à alimentação popular – naquele momento, um dos fatores do elevado custo de vida era o alto valor dos produtos alimentícios (DL 9.218/46).” (Filho, 2006, p. 47).

por um lado existia um forte crescimento do processo de urbanização nacional e por outro lado mais uma vez a preocupação com o apoio político das classes populares urbanas, já que se vivia em um período ditatorial.

Diferente do FCP o BNH chegou a financiar cerca de 4,5 milhões de moradias, tinha uma organização hierárquica complexa onde envolvia agentes financeiros e assistência técnica em todo o Brasil. Apesar de todas essas moradias construídas, no decorrer de sua existência o BNH sofreu com as crises econômicas enfrentadas pelo país e o mundo, onde mais uma vez a ingerência das políticas públicas brasileiras, sobretudo, na área econômica levou o crescimento desenfreado das inadimplências devido às altas nos valores das parcelas das prestações. Vale destacar que, foi nesse período em que o governo ditatorial do general Castelo Branco (1964-1966) extirpou a estabilidade de emprego após dez anos de serviço, garantida antes pela CLT - Consolidação das Leis do Trabalho e criou o FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Esse impacto foi negativo para classe trabalhadora, pois a correção monetária ficou abaixo da inflação e houve o não pagamento das parcelas, além da perda da estabilidade.

Mais uma vez o sonho da moradia própria no Brasil se transformou em um pesadelo, que no final culminou com um atraso de mais de 720 mil mutuários e atualmente com R\$ 50 bilhões de déficit para o Tesouro Nacional¹⁸. Déficit, que na verdade ficou para todos nós. E mais do que isso, o foco de atenção do BNH foi mudado/adequado pela lógica mercantilista do mercado habitacional, sendo direcionado para construções de moradias, para a classe média e para construções comerciais.

Em linhas gerais, podemos afirmar que, logo após a abertura democrática brasileira a política de habitação se resumiu da seguinte forma: no governo José Sarney (1985-1990) o BNH foi eliminado, período em que o Brasil passou sem uma agenda política sistematizada para a habitação popular. No governo Fernando Collor de Mello (1990-1992) teve uma reinvestida no financiamento habitacional através do FGTS, culminando com falta de recursos para o grande número de procura; obrigando assim, o Estado, mais uma vez, a protelar boas ações para a política habitacional. Nos governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002), o PCC- Programa Carta de Crédito, foi o destaque de seus mandatos. O PCC de FHC, mais

¹⁸ Dados obtidos através dos estudos de Silveira (2006).

uma vez repetiu a lógica do mercado imobiliário¹⁹; excluiu a maior parte da população brasileira de ter acesso à moradia, pois foi confeccionado para um público que tinha renda de até 12 salários mínimos. Poderia ser usado ou ser adquirido para reformas, construir ou compras de habitação.

Nas atuais gestões do governo Lula, até o momento, não houve uma grande ação pública em torno da moradia. Pode-se destacar a criação do Ministério das Cidades, o Programa Habitar Brasil-BID e o Programa de Subsídio à Habitação-PSH.

A criação do Ministério das Cidades gerou e ainda gera um grande número de mobilizações em todo o país, propostas e discussões sobre os temas ligados a habitação foram/são difundidos, todavia a ação prática do governo federal não se deu/dá. Nesse aspecto, verifica-se que o déficit habitacional brasileiro é uma crescente onde em 2004 tínhamos 6,9 milhões de pessoas precisando de moradia e em 2006 já tínhamos mais 7,9 milhões²⁰.

Em uma das mais recentes ações do governo Lula, lançou o PAC - Programa de Aceleração de Crescimento, na sua receita propõe mais de 503,9 bilhões em investimentos até 2010, nas diversas áreas. Desse montante, um total de 1 bilhão será acrescido aos investimentos habitacionais operados pela Caixa Econômica Federal, cujo público alvo será a família que tenha renda mensal de até cinco salários mínimos.

É certo afirmar que até o momento, o problema da habitação no Brasil não se desmembrou de uma ação do mercado imobiliário ao invés de uma preocupação de Estado. Não se pode dissociar níveis de renda e habitação²¹.

¹⁹ Nesse aspecto Arretche (2002) afirma: "A gestão seletiva das linhas de financiamento não foi um resultado não-intencional, derivado da exigência de adimplência com o governo federal para obtenção de recursos do FGTS, isto é, o desfinanciamento das empresas públicas não foi resultado apenas das taxas de inadimplência das prestadoras públicas. A meta de prioridade de aplicação de recursos no Programa Carta de Crédito em detrimento do Programa Pró-Moradia foi objeto de uma Resolução do Conselho Curador do FGTS (nº 246) já em 1996. Em outras palavras, o desfinanciamento das empresas públicas fez parte de uma estratégia cujo objetivo central era introduzir mecanismos de mercado na gestão das políticas de desenvolvimento urbano." (Arretche, 2002, p.37).

²⁰ Ministério das Cidades – Secretaria Nacional de Habitação, 2006.

²¹ Nesse sentido concordamos com o sociólogo Francisco Oliveira (2006), quando afirma: "Nas pesquisas sobre custo de vida, hoje bastante amplas (naquele tempo já eram suficientemente sofisticadas, feitas em diversos níveis e graus de abrangência diferentes), o item *habitação* quase desaparece. Isso vai se refletir diretamente na avaliação do custo de sobrevivência. É assim que a lei define: salário mínimo é a cesta de bens necessária para a reprodução de uma família clássica, de tipo nuclear. Quando os governos, para orientar a política econômica, calculam o salário mínimo, o custo da habitação desaparece e influencia na fixação do valor. É isso que tem o efeito de rebaixar o salário." (Oliveira, 2006, p.68).

Nesse aspecto, em recente reflexão sobre o Estado, Chomsky afirmou: “Da arena econômica, que é onde se determina a maior parte do que acontece na sociedade, a população em geral deve ser totalmente excluída”. (Chomsky, 2002, p.5).

A materialização dessa prática é muito presente na política/econômica brasileira. Facilmente é encontrada, sobretudo nas ações que direcionam os planos econômicos que atingem a população e nos debates sobre a distribuição dos gastos do orçamento do Estado. A diminuição do Estado, sobretudo, nos setores em que as populações mais carentes necessitam, gerou nas últimas décadas, uma gama de problemas sociais que refletem no cotidiano das cidades. O crescimento da violência urbana e o aumento da população de rua são alguns desses casos. Nesse aspecto, ao observar os resultados dessa fragmentação efetuada, constataremos que ela imprime uma volatilidade na vida social, reafirmando as características negativas comandada sob a égide dessa lógica: Como afirma Espinheira (2004):

A desterritorialização da produção e do consumo, a mudança estrutural do trabalho, a emergência de instituições econômicas supranacionais, a aceleração da movimentação de capitais no mercado financeiro, somados a outros fatores, refletem uma mudança lógica instrumental de produção dos sistemas de mercadorias sob o rótulo do que se convencionou chamar “globalização econômica”, revelando a consagração de uma doutrina política econômica: o Neoliberalismo. (Espinheira, 2004, p. 95).

Há uma melhor aplicação²² nos pagamentos da dívida externa e no comprometimento com os capitais internacionais do que nas necessidades básicas da população.

O presente debate sobre a concepção do Estado como um instrumento de dominação de uma classe segue a análise do que já foi estudado por Karl Marx²³.

²² Segundo dados do Encontro Nacional dos Direitos Humanos do ano de 2005 mais de 70% do orçamento do país vão para o pagamento da dívida externa. Disponível em: <http://www.rbrasil.org.br/file/603.pdf> (Acesso: 10.09.2006).

²³ O Estado na visão marxista é conceituado fundamentalmente como instrumento da dominação de uma classe. Em consequência, um regime político é definido pela classe que exerce o poder. Marx formula sobre um regime econômico-social em que não mais haja dominação de classe. Por isso, por definição, o Estado será eliminado, pois ele só existe na medida em que uma classe necessita dele para explorar as outras. Na sua visão a sociedade antagônica (Capitalismo) e a sociedade não-antagônica (Comunismo) do futuro interpõe-se o que é chamado de ditadura do proletariado que significa o fortalecimento supremo do Estado, antes do momento crucial do seu desaparecimento. Segundo Marx, o Estado é um mal que deve ser extirpado. O Estado, como parte principal da superestrutura, tende a preservar e a fortalecer o sistema econômico que o criou. O Estado não

O Estado é considerado essencialmente como instrumento da dominação de uma classe. Em conseqüência, um regime político é definido pela classe que exerce o poder. Os regimes da democracia burguesa são assemelhados àqueles em que a classe capitalista exerce o poder, embora mantenham a fachada das instituições livres. (Aron, 2002, p.266).

Os interesses não são produzidos para a coletividade, mas, sim, para uma minoria de burocratas, técnicos e autoridades. O abismo é profundo, principalmente, nos países da América do Sul, África e alguns do Oriente. Há uma exclusão dos elementos basilares para a sobrevivência desses seres humanos. A falta de habitação é uma das marcas mais acentuadas dessa exclusão social. Seguindo esse raciocínio Touraine (2002), indaga:

A separação completa da vida pública ocasionará o triunfo de poderes que só serão definidos em termos de gestão e de estratégia, diante dos quais a maioria se incluirá sobre um espaço privado, o que deixaria apenas um abismo sem fundo lá onde os poderosos e o povo vivia em universos separados, de um lado os guerreiros conquistadores, do outro pessoas comuns confinadas em uma sociedade local? (Touraine, 2002, p.13).

A negação de uma concepção de Estado voltada para o amparo aos mais necessitados economicamente, acaba não respondendo, não atendendo a demanda da coletividade do Alto da Bela Vista ou de qualquer outra que aplique esse modelo ideológico. *O Estado da providência*, amparo para os mais necessitados economicamente, não responde, não atende mais a demanda dessa coletividade. As preocupações que movem os dirigentes ou “executivos” do Estado, são outras. Concentram-se na economia internacional, nos investimentos futuros, no controle da inflação, nas aplicações, amortização de dívidas, como já citado nesse estudo. O modelo empresarial é explicitamente aplicado à lógica da administração coletiva. As políticas públicas não chegam à maioria da população. O Estado burguês funciona com toda a sua força na contemporaneidade. Os interesses individuais movem seus objetivos e funções.

supera os antagonismos da sociedade civil, mas é o reflexo deles, e está aí para perpetuá-las. Por isso só aparentemente visa ao bem comum, estando de fato a serviço da classe dominante.

1.3 A participação da Igreja Católica no decorrer do povoamento

A organização da comunidade foi articulada juntamente com a Igreja Católica e outras instituições. Em várias reuniões e missas que ocorriam na Igreja Nossa Senhora das Graças, localizada no bairro do Joaquim Romão, os moradores manifestavam as suas reclamações. Em nossos estudos verificamos que a Igreja Católica tinha e tem um papel destacado na comunidade, sobretudo, no aspecto social. A própria organização dos movimentos dos moradores buscando as melhorias para a comunidade, em grande medida foi patrocinada pela igreja.

Verificamos isso na fala dos moradores sobre a mobilização para a construção do prédio da própria igreja. Uma relação de poder e de fé:

[...] Os pastores que a gente chama foi que nem o padre Jesus, o padre Pintado, depois que Jesus...passou para outra igreja...mas a igreja Católica mesma...ele foi para a Espanha...eram os padres e tinha, tinha não tem os ministro que nem foi o compadre Romildo, o irmão de..era...de...Jarinho... era um rapaz que morava ali cima... e Deus já descansou...há muito tempo...eles vieram para aqui...lendo a Bíblia para gente...foi como eu falei...e todos eles são pastores...e da palavra são pastores...e começou ai resplandecer e graças a Deus tem essa igreja aí...A gente começou a trabalhar com a Bíblia ai no tempo, sem casa, sem nada,.quando ia celebrar a missa.... a gente fazia o que...tirava palha, madeira, fazer aquela... do jeito de uma casa...só não tapava por cima mais, pegava aquelas palhas...celebrava a missa teve casamento, teve batizado e daí foi crescendo...o padre viu a nossa força de vontade de ter a palavra entre o nosso bairro...conversou com a dona do... terreno pegou essa posse e fez a igreja da gente... ai depois da igreja fez a pastoral da criança...veio a creche, grupo de jovens e... somos um movimento muito bom. (X).

Sabemos que existe todo um movimento de força centrífuga que afasta as classes populares dos grandes centros das cidades. Essa força tem a sua origem na concentração de capital no núcleo das cidades e se relaciona diretamente com a face antagônica do capitalismo. Existe um conjunto de serviços e benefícios que são omitidos para as estas populações, as quais são as grandes maiorias nas cidades brasileiras. Saúde, Segurança, Educação, Lazer e Cultura todas essas necessidades básicas são minimizadas e observadas como despesas e não investimentos.

Recorrendo a Giddens (2005) para balizar o que pensamos:

A exclusão pode assumir uma dimensão espacial: os bairros variam muito em termos de segurança, condições ambientais e disponibilidade de serviços e instalações públicas. Por exemplo, os bairros poucos procurados tendem a oferecer menos serviços básicos, como bancos, mercearias e agências do correio, do que as áreas mais desejadas. Espaços comunitários, como parques, campos de esportes e bibliotecas, também podem ser limitados. (Giddens, 2005, p.268).

Esse conflito é latente na sociedade brasileira e existe uma demanda crescente para que os organismos da Justiça ofereçam pareceres que contemplem as partes envolvidas. Os diálogos e os conflitos são sempre presentes quando se trata dessa temática. Observamos o que nos afirma um estudo sobre essa temática intitulado: *Entre o ideal e o real rumo a sociedade urbana - algumas considerações sobre o "Estatuto da Cidade (2003)*:

A concepção de combate a ilegalidade e informalidade podem converter-se em um curto espaço de tempo em um instrumento de opressão contra os que vivem em habitações ilegais e informais que são integrantes em sua maioria da classe trabalhadora mais explorada e oprimida. Isso não quer dizer que os moradores de favelas e periferias não estejam interessados em preservar juridicamente suas conquistas territoriais, pois isto significa a consolidação dos espaços populares diante das investidas notórias de remoção. (Limonad, p.4, 2003).

A influência da Igreja Católica no início dessas mobilizações aconteceram sob as lideranças, nos idos da década de 80, com o do padre Jesus Villacê de Castro, denominado, por alguns moradores como o "padre da pobreza", que trabalhou mais de 20 anos no local e foi responsável pela primeira missa na comunidade. Também passou pela localidade o padre Antônio Pintado, o qual trabalhou oito anos na década de 90. Nesse período, foram realizadas várias manifestações populares envolvendo os moradores da comunidade. Faziam passeatas no centro jequeense, utilizavam as rádios com intuito de divulgarem os problemas locais, articulavam com os seguimentos dos professores, cobravam melhores condições de trabalhos e salários.

A igreja ampliou ao máximo a atuação do movimento popular, conseguindo melhorias significativas para a comunidade. A chegada da energia elétrica e da água encanada foi uma importante conquista. Além desses pontos reivindicatórios sobre infra-estrutura, a igreja coordena na comunidade vários serviços de amparo social:

creche para as crianças, atendimento ao idoso, trabalho específico para adolescentes e jovens.

Foi desenvolvida uma série de ações para solucionar o problema da moradia, entre os quais se destaca a organização dos mutirões,²⁴ feita pela igreja católica que conseguiu os materiais de construção com o poder público local e através de doações. O público alvo eram as pessoas mais carentes da comunidade.

Em entrevista o padre Sidney Marques, atual responsável pelo culto Católico no Alto da Bela Vista, afirmou:

[...] A comunidade católica eclesial nasceu junto com a chegada dos moradores que eles chamavam de invasão que nós preferimos chamar de ocupação... nasceu desse espírito de... invasão e junto também chegou a... igreja tentando ajudar organizar o povo e logo surgiu a possibilidade de um salão comunitário... os salões comunitários aqui... eles foram todos construídos em regime de mutirão... de forma envolvendo as pessoas da localidade e pessoas também de outros bairros, de outras comunidades da paróquia que iam lá para ajudar.

Eram padres espanhóis, tinham uma linha marxista de atuação e também eram carismáticos²⁵. Nesse aspecto, corroboramos com as idéias de Machado (1996), quando adverte: “A inclusão dos segmentos populares no estudo do movimento carismático foi decisiva para relativizar a tese do “ajustamento” às estruturas institucionais da igreja católica”. (Machado, 1996, p.53).

A comunidade juntamente com a igreja Católica promoveu encontros com a Câmara de Vereadores e com os políticos da época para tratar da ausência de políticas públicas do Estado na localidade. Ações foram desenvolvidas, mas na fala dos moradores observamos que a grande demanda das necessidades da comunidade foi atendida de forma lenta e sem muita atenção dos poderes

²⁴ Vamos verificar que os mutirões foram grandes conquistas para essa comunidade, muitas moradias surgiram dessas mobilizações. Todavia, ressaltamos que toda essa organização demonstra como o Estado brasileiro é omissivo em relação à moradia popular. Nesse quesito, concordamos com o sociólogo Francisco de Oliveira (2006), quando afirma: O mutirão é uma espécie de dialética negativa em operação. A dialética negativa age assim: ao invés de elevar o nível da contradição, ela o rebaixa. Elevar o nível da contradição significaria atacar o problema da habitação pelos meios do capital. Rebaixar o nível da contradição significa atacar o problema da habitação por meio dos pobres trabalhadores. E aí se chega ao seguinte paradoxo: não se cria um mercado imobiliário. Mercado imobiliário no Brasil só existe da classe média para cima. Nas classes populares, não existe. (Oliveira, 2006, p.72).

²⁵ Foi em 1967 que surgiu na cidade norte-americana de Pittsburgh a Renovação Carismática Católica. Dedicavam-se a buscar o “Batismo no Espírito Santo” e os desenvolvimentos dos dons carismáticos. Aqui no Brasil, iniciaram em 1969 por integrantes da Igreja Católica, alguns com influências dos pastores evangélicos. Pregavam o “batismo de fogo”. A idéia central é baseada no livro bíblico de Atos, capítulo 2, onde valoriza o papel do Espírito Santo na vida do cristão. A glossolalia (falar em línguas), a cura pela oração, a cura pela imposição das mãos e de outros dons.

constituídos. A morosidade estatal para com as zonas mais carentes da sociedade é uma marca do Estado brasileiro. Os bairros ricos e as áreas nobres de qualquer entorno urbano são mais rapidamente atendidos e bem cuidados. Essa afirmação se complementa com as inúmeras visitas feitas *in locum*, como ensina Cordeiro (2006):

Apesar de alguns investimentos terem sido desenvolvidos para minimizar esta situação, ainda está longe de resolvê-la. Por outro lado, a população mais carente, mais afetada pela grave crise econômica do país, não tem acesso a financiamentos habitacionais, ou se o tem é restrito a poucos. Os governos municipais e estaduais estavam comprometidos com outras políticas públicas que não a de garantir uma condição digna de habitabilidade aos cidadãos, com saneamento básico, saúde, educação, segurança, atividades culturais e de lazer voltados à população. (Cordeiro, 2006, p.48)

Como mencionado, nas décadas de 80 e 90 foram organizados vários mutirões para construir alguns imóveis, bem como várias manifestações populares foram realizadas. A partir do momento em que o Estado não cumpriu as suas funções básicas diante de uma população carente, como a do Alto da Bela Vista, a Igreja Católica entra com uma função destacada na alteração da realidade política e social, como ensina Camargo (1982):

[...] decresceu o interesse de colaboração entre Igreja e Estado, isto é, poder político e poder eclesiástico, e cresceu o contato com a massa de explorados e excluídos sociais: Nesta direção, elaborou-se na América Latina um novo pensamento teológico que procura se fundamentar na análise sociológica da realidade social e na releitura dos Evangelhos. (Camargo, 1982, p. 60).

As angústias, os medos e os desejos foram os motores do discurso dessa comunidade, que já nasceu estigmatizada e literalmente à margem da sociedade jequiense. Os tons das falas dessas reuniões²⁶ resumiam a vida que era levada e a vida que desejava ser levada pelos primeiros moradores. Vejamos, neste relato um desses elementos que circunscreve a realidade vivida: a possível picada do escorpião e a intervenção popular.

[...] cheguei na igreja uma ocasião e falei...por causa que... eu tava dormindo com meus filhos e quando eu acordei tinha um escorpião...faltava um parmo para morder a cabeça de meu filho (o Zé Cláudio)...eu risquei o fósforo, acendi o candeeiro...quando eu olho na parede... a minha casa não tinha reboco, não tinha nada

²⁶ As reuniões que mobilizavam os moradores em busca de melhorias para a comunidade. Na Câmara de Vereadores, nas Igrejas, em Associações e Sindicatos, bem como no próprio local.

disso...e tava fartano um parmo...Ai eu cheguei na igreja e falei que a gente não tinha luz, não tinha água, a gente tava assim...jogada as traças...a Igreja Nossa Senhora de Fátima, na paróquia...lá tava prefeito, tava vereador, o pessoal da Câmara (Câmara de Vereadores de Jequié) tava todo, tava médico, tinha bastante gente...tava eu e mais três colegas...ai... a gente começou sempre ... Jogando essas coisa... a gente foi falando, foi falando e o pessoal foi...tomando conhecimento. (X).

Todo esse discurso e os problemas mencionados pela moradora conduzem ao entendimento de que, a falta de planejamento na criação das cidades brasileiras, o crescimento desordenado e a concentração da renda em torno de poucos são representados nas grandes aglomerações de ocupações e do aumento dos movimentos populares em torno da moradia e de melhores condições de vida. Recorremos novamente a professora Ângela Gordilho (2000), quando afirma:

Essas áreas de ocupação informal, onde habita grande parte da população dessas cidades, concentram também a localização da pobreza. Crescem à revelia dos parâmetros urbanísticos estabelecidos, com infra-estrutura e edificações precárias, deficiência de áreas verdes e abertas, carentes de acessibilidade segura, de equipamentos sociais e de conforto coletivo, elementos esses essenciais para atingir-se condições de habitabilidade digna. Na composição espacial urbana atual, configuram um ambiente construído intensamente segmentado, diferenciado e complexo, marcado por grandes contrastes, desigualdades e deficiências. Portanto, soma-se à situação de segregação social no espaço urbano um amplo processo de exclusão urbanística, condições que contribuem para um isolamento acentuado dessas áreas no que se refere às suas possibilidades de inserção no cotidiano da cidade. (Souza, 2000, p.54).

As pessoas de um baixo poder econômico, não são contempladas, em sua maioria, com as políticas públicas do Estado. Essa exclusão se organiza de diversas formas: falta de base material econômica, erro político na gestão dos recursos públicos, falta de informação e a própria exclusão social que é um produto da sociedade capitalista. Nesse sentido, Santos (1999) ajuda a fundamentar essa assertiva:

Quanto às ações *sociais* do governo na área de habitação, isto é, aos programas governamentais voltados para a população de renda baixa e média-baixa, deve-se destacar seu sucesso no que tange à focalização dos investimentos e a sua efetiva realização. No passado, dada a incapacidade de fiscalização do governo federal, grande parte dos recursos destinados aos governos locais para

ações na área de habitação popular era, de fato, canalizada para outros fins. (Santos, p. 28, 1999).

A falta de energia, de água encanada, de saneamento básico, de pavimentação e de elementos outros da moderna urbanização fez com que os moradores se reunissem em busca de saídas para essas problemáticas. Somente a partir de 1989 que começaram a chegar esses serviços básicos. A energia e água encanada só foram conquistadas nesse período depois dos vários movimentos reivindicatórios organizados pelos moradores e instituições colaboradoras como a Igreja Católica. Isso demonstra a marca da exclusão social do campo habitacional brasileiro. A ocupação desse espaço faz refletir a situação das políticas habitacionais do país.

A natureza da exclusão social pode ser percebida claramente dentro do setor de habitação. Enquanto, nas sociedades industrializadas, muitas pessoas vivem em moradias confortáveis, espaçosas, outras residem em habitações superlotadas, mal aquecidas, ou com defeitos estruturais. (Giddens, 2005, p.267).

As linhas de créditos para o financiamento habitacional, apesar de amplas, não contemplam a maior parcela da população brasileira, pois funcionam sob a égide de lógica bancária e visa o lucro capital ao invés dos benefícios sociais. Essa falta de clareza e de democratização nas organizações das cidades se reflete nas capitais e nas cidades do interior, proporcionando o crescimento das favelas e dos subúrbios e os desdobramentos de outras conseqüências que impactam negativamente a vida nessas cidades. O trágico e ao mesmo tempo cômico é saber que na Constituição Federal do Brasil, mais especificamente no seu 6ª artigo, estão os termos de garantias sociais dos cidadãos, entre eles a moradia.

Sobre o processo de ocupação, observaremos que na tabela abaixo (Tabela 08), existe uma considerável margem (128 residências/ 27,89%) de imóveis ocupados.

Tabela 08 - Procedência dos Imóveis

<i>CLASSIFICAÇÃO</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
Próprio	278	60,57
Cedido	23	5,01
Ocupado	128	27,89
Abandonado	01	0,22
Alugado	29	6,31
TOTAL	459	100

Fonte: PHB-BID - 2001

A interpretação da categoria: “ocupado” se faz a partir do entendimento de que ocupar, aqui, nesse caso, é de apropriação de um imóvel por famílias e pessoas que não tinham condições econômicas para comprarem uma residência com seus próprios recursos ou não preenchiam os pré-requisitos para obter o financiamento estatal ou privado. As residências foram melhoradas, pois muitas já se encontravam em ruínas. A utilização de técnicas artesanais na remodelação dessas moradias foi importante para a garantia do espaço.

Grande parte dessas habitações foi construída pelos próprios moradores, produzindo o “*adobão*” e confeccionando de forma artesanal. Toda matéria-prima foi conseguida nas redondezas da região.

Nesse aspecto, convém reafirmar o que já foi mencionando anteriormente; as documentações das casas não estão regulamentadas juridicamente perante a Prefeitura Municipal de Jequié. Somente as que fazem parte do PHB-BID estão sendo oficializadas.

Com efeito, é certo mencionarmos que, apesar de ter um índice de 60,57% de imóveis próprios, as condições básicas de urbanidade como: piso, telhado, banheiro; não estão dentro de uma regularidade estética e habitável, sobretudo, no campo da saúde e do bem estar dos moradores. O estado de conservação das residências não é bom. O grau de insalubridade é grande já que foram organizadas em torno de lixos e da criação de animais. Nesse sentido, as raízes históricas da gênese de sua formação ainda estão muito presentes nas ações sociais dos homens que habitam o Alto da Bela Vista. Domingos Ailton²⁷ afirma:

[...] mais de 80% da população de Jequié vivia na zona rural. Nos últimos quarenta anos houve um êxito muito grande da zona rural para a zona urbana. A população mais pobre ocupou justamente as áreas periféricas da cidade como o km 3, km 4; entre os locais que foram ocupados o Barro Preto e a Suíça (Conhecido como Alto da Boa Vista da Bela Vista). Havia já um certo povoamento, já de há muito tempo, haja vista que existiam fazendas naquele local, servia inclusive para que os carreiros dos carros de boi colocassem os seus animais, havia também naquela proximidade o Posto Manoel Antônio que era uma rancharia onde se hospedavam os tropeiros os boiadeiros; isso no início da povoação de Jequié por volta de 1.860.

A projeção do tecido social do Alto da Bela Vista revela-se entre um Brasil rural e urbano. Ao percorrermos vamos nos deparar com um perfil de organização

²⁷Entrevista de Campo: Pesquisador da História de Jequié. (Jornalista e Mestre em Memória Social pela Universidade do Rio de Janeiro).

social e econômica muito próxima das generalizações estudadas nos bairros periféricos brasileiros, sobretudo no Nordeste.



Foto 04 - Os animais são alternativas de rendas para a comunidade
Fonte: PC- 2006

A conexão entre o urbano e o rural faz parte da paisagem dos hábitos de seus residentes. Nesse aspecto, vamos encontrar modelos de comportamentos que se aproximam e reproduzem do período em que o Brasil tinha um perfil sociocultural fundamentado no âmbito rural.

É certo afirmar que, apesar desse arcabouço de costumes e hábitos trazidos do meio rural, Jequié tem atualmente um perfil de uma cidade de médio porte urbana.



Foto 05 - Instrumento de trabalho

Fonte: PC – 2006

Existem inúmeros moradores²⁸ que ainda criam eqüinos para fazer o transporte pessoal e, sobretudo, para prestarem serviços no fornecimento de produtos para a construção civil, especialmente, areia, a brita e o barro. Atividades que a população denomina de *carroceiros*. Os animais são criados nos quintais de suas residências e na maioria das vezes esse trabalho é a única fonte de renda familiar. O povo cria alternativas diante os muros visíveis e invisíveis que o impede de avançar em direção a uma vida mais digna.

A seguir vamos observar como o PHB-BID influenciou e influencia a vida dessa população.

²⁸ Segundo nosso levantamento de campo existe um total de 33 “carroceiros” cada um tendo em média 2 animais. A reivindicação da construção de um curral mobilizou os moradores no intuito de colocar essa melhoria nas ações do PHB-BID.

1.4 O Projeto de Habitação do Banco Mundial: os impactos no Alto da Bela Vista

Foi a partir de 1998 que o Governo Federal implantou O Programa Habitar Brasil-BID (PHB-BID). Esse programa tem aporte de recurso no Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Governo Federal. A gestão é feita pela Secretaria de Desenvolvimento da Presidência da República - SEDU/ PR. A Caixa Econômica Federal entra como prestadora de serviços no tramite de implementação e operacionalização do projeto. A sua criação foi embasada visando criar mecanismos de incentivo para induzir os municípios a resolver a problemática dos bairros “subnormais”, tanto nas suas conseqüências como nas causas que os originam.

Tem como objetivo geral a estimulação dos municípios com finalidade de destinar maiores recursos ao financiamento de projetos de regularização dos bairros subnormais²⁹ e de atualização dos instrumentos e regulamentações relacionados com a gestão urbana, das quais foram as que precederam, em grande parte, a sua criação. Na sua formulação existem dois Subprogramas³⁰, são eles:

- **Subprograma de Desenvolvimento Institucional (DI)** - Objetiva fortalecer a capacidade dos municípios para atuar na melhoria das condições habitacionais da população, com foco especial nas famílias de baixa renda.
- **Subprograma de Urbanização de Assentamentos Subnormais (UAS)** - Desenvolve obras e serviços para regularização e urbanização de assentamentos precários complementados com ações voltadas para o desenvolvimento comunitário da população residente, e a regularização fundiária.

No Alto da Bela Vista desenvolve-se o Subprograma de Urbanização de Assentamentos Subnormais (UAS). No volume A, do projeto, onde aponta os aspectos Dominiais e Regularização Fundiária, justifica-se a ação da seguinte forma:

²⁹Terminologia utilizada pelo Programa Habitar Brasil BID que indica: aglomerado subnormal: assentamento habitacional irregular — favela, mocambo, palafita e assemelhados, localizado em terreno de propriedade alheia, pública ou particular, ocupado de forma desordenada e densa, carente de serviços pública essenciais, inclusive em área de risco ou legalmente protegida.

³⁰Fonte: Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/index.php?option=content&task=section&id=208> (Acesso em: 03 de set. de 2006).

O objetivo desse projeto é a urbanização do bairro³¹ Alto da Bela Vista contemplando obras de infra-estrutura tais como: drenagem de águas pluviais, visando eliminar pontos críticos de alagamento, implantação de rede de abastecimento de água e esgotamento sanitário em conjunto com outras intervenções. Neste local reside uma população carente de recursos financeiros que necessita de ações governamentais para a solução dos problemas decorrentes da falta de saneamento básico, pois a ausência dos mesmos gera significativa proliferação de doenças infecto-contagiosas, a implantação do projeto beneficiará as famílias, ajudando na prevenção de agravos a saúde e melhoria da qualidade de vida. Compõe-se aos trabalhos a serem realizados naquela comunidade a execução de obras de contenções nos taludes com riscos de desabamentos. (PHB-BID, 2001,p.2).

O Ministério das cidades aponta alguns pré-requisitos na implantação dessa modalidade: São eles³²:

- Terreno e regularização fundiária;
- Indenização de benfeitorias aos proprietários: em caso de remanejamento ou reassentamento;
- Projetos e estudos preliminares: limitado a 1,5% do valor de obras do projeto;
- Remanejamento / Alojamento provisório / reassentamento de famílias;
- Infra-estrutura básica e equipamentos comunitários públicos;
- Habitacional: unidade básica, cesta básica de materiais de construção e recuperação e/ou melhoria;
- Administração e gerenciamento;
- Trabalho de participação comunitária.

As lutas e as mobilizações reivindicatórias promovidas pela comunidade do Alto da Bela Vista geraram ações governamentais em seu benefício. Uma das maiores e que surtiu bons resultados e ainda impacta a vida dessa comunidade aconteceu na primeira administração do prefeito Roberto Pereira de Brito (PFL), em 2001, houve a iniciação do Programa Habitar Brasil / BID / UAA, Urbanização de Áreas Subnormais na cidade de Jequié e o Alto da Bela Vista foi quem conquistou essas melhorias.

O plano de trabalho³³ oficial afirma que a modalidade da ação seria a urbanização de áreas ocupadas por sub-habitações, sem reassentamento de famílias. A poligonal (área), determinada para ação do projeto, continha cerca de

³¹ O PHB-BID errou nessa nomenclatura, na verdade é comunidade e em toda sua extensão do PHB-BID é tratada como tal.

³² Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/index.php?option=content&task=section&id=208> (Acesso 02 de setembro de 2006).

³³ PHB-BID, Volume A, Aspectos Dominiais e Regularização Fundiária, 2001.

524 famílias, ficando uma boa parcela, quase o dobro da população, de fora das ações do PHB-BID. Na visualização do (Mapa 02) fica notados o limites das ações.



Mapa 02 – Área do Alto da Bela Vista

Fonte: PHB-2001

Paralelamente a esse trabalho de reordenação da parte urbana do Alto da Bela Vista, PHB-BID, desenvolve ações sociais no campo da formação para organização comunitária; educação ambiental; geração de trabalho; emprego e renda entre outros cursos. Atualmente funciona um grupo de capoeira, futebol, grupo de idosos, projeto Agente Jovem e o grupo de mulheres. Segundo uma das coordenadoras³⁴ do PHB-BID, o desenvolvimento dessas atividades fez diminuir os índices de violência na comunidade.

³⁴ PHB-BID tem a seguinte composição profissional: uma pedagoga, uma bióloga, uma assistente social, uma auxiliar administrativa, um funcionário responsável pelos serviços gerais, uma Equipe Técnica de apoio e um fiscal de obras. A responsabilidade geral sobre o andamento do PHB-BID é da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que tem como secretária a senhora, Lícia Quadros Cortes.

Os moradores reconhecem explicitamente as vantagens promovidas pelo PHB/BID, identificamos que os elogios são muitos, como as pavimentações de algumas ruas, as construções dos sanitários e das ações sociais desenvolvidas na região (Foto 06). Atualmente tem uma área de 17.093,37 m² de pavimentação em paralelepípedo, 2.079 m de rede de esgoto, 3.207,07 m de rede de abastecimento de água, 1.608,60 m de rede de drenagem além de complementar os 285 módulos hidráulicos (Banheiros) que faltavam nas edificações.



Foto 06 - Casas localizadas em uma rua com a assistência do PHB-BID
Fonte: PC - 2006

O projeto ofereceu uma organização mais urbana e dinâmica a localidade. Vejamos o depoimento de um morador quando indagado sobre as ações desenvolvidas:

[...] Veja bem, aqui o Alto da Bela Vista...com esse projeto do Banco Mundial melhorou 100%...porque nós não tinha calçamento, nós não tinha uma pracinha, muitas pessoas carentes não tinha banheiro...hoje nós temos banheiro com qualidade ótima...muitas pessoas ganhou esse banheiro...é...melhorou 100% do que era antes. (Y, 12 anos que reside no local).

A hipérbole utilizada pelo morador para se expressar é compreendida quando se traça um paralelo entre as antigas condições de habitações com as posteriores a implantação do PHB-BID. Observa-se que as condições mínimas de moradias oferecidas pelo Estado são sentidas como um lugar “quase ideal”, onde, após uns poucos esforços governamentais, a população reconhece de bom grado. Mas, nada

conseguido no Alto da Bela Vista foi oriundo somente do planejamento do Estado. As lutas e mobilizações foram as verdadeiras armas dessa comunidade. Essa dinâmica reivindicatória não cessou com implantação PHB-BID, elas estão no dia-a-dia desses habitantes, e o ponto que mais se destaca é a da inclusão no mercado de trabalho. É prudente mencionar que até os membros do PHB-BID reconhecem essa debilidade.

Em um depoimento, outra coordenadora do PHB-BID nos afirmou:

Nós tentamos montar uma cooperativa nos três seguimentos (corte e costura, culinária e mão de obra para construção civil) e barramos na questão burocrática". (U).

Existe uma idéia a qual está sendo incentivada pela coordenação do Projeto, ela consiste em aproveitar a mão-de-obra local nas atividades do Projeto, sobretudo na construção civil, especificamente nas atividades de pedreiros. Todavia, segundo informações coletadas, não encontram suporte governamental suficiente para colocar os projetos em prática. Mais uma vez observamos a mão invisível do Estado agindo contra as verdadeiras demandas dos moradores.

Em entrevista realizada, com outra coordenadora do PHB-BID, ela nos afirmou:

[...] O que eu acho que está faltando aqui hoje é a geração de renda...o que na verdade, o que a comunidade precisa é de emprego...o índice de desemprego aqui é muito grande...aqui por dia vem duas, três pessoas no turno da manhã e no turno da tarde nos procurando em busca de trabalho...a geração de renda seria a melhor opção hoje, no momento, para essa comunidade.(T).

Os dados obtidos nessas conversas e entrevistas e na visita do cotidiano local da comunidade convergem com os obtidos na pesquisa de campo realizada em 2001 (Tabela 09) e 2006 (Tabela 10):

Tabela 09 - Ocupação dos Chefes de Famílias

<i>OCUPAÇÃO</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Com Carteira Assinada	53	11,5
Sem Carteira Assinada	76	16,56
Desempregado	104	22,66
Aposentado	54	11,76
Autônomo	29	6,32
Empregador	03	0,65
Pensionista	05	1,09
Biscateiro	117	25,49
Não Respondeu	18	3,92
TOTAL	459	100

Fonte: PHB-BID - 2001

Tabela 10 - Situação Econômica

<i>CONDIÇÃO</i>	<i>%</i>
Empregado	13,46
Desempregado	80,76
Aposentado	1,92
Autônomo	0,96

Fonte: PMJ - 2006

No Projeto oficial realizado pelo membro coordenadores do PHB-BID pode-se lê:

A população que habita o Alto da Bela Vista é formada basicamente de famílias de baixa renda. A pesquisa realizada na área do projeto em 2001 indicou que apenas 11,55% dos chefes de famílias têm emprego com carteira assinada, no entanto, 16,56% são considerados como empregados, apesar de não terem vínculo legal com seus empregadores, pois, possuem uma relação de trabalho, todavia correm o risco de não receber o salário mínimo obrigatório como remuneração dos serviços prestados. (PHB-BID, p.6, 2001).

Conforme cadastramento social realizado com as famílias a serem beneficiadas nesta etapa do projeto no ano 2006, a situação econômica pouco difere da descrita anteriormente. Apenas 13,46% dos chefes de família têm emprego com carteira assinada, devendo-se considerar que alguns entrevistados que se consideram empregados, não têm vínculo legal com seus empregadores. (PHB-BID, p.6, 2001).

As dificuldades encontradas, principalmente na inserção no mercado de trabalho, consolidam o pensamento distorcido da naturalização de um ambiente pobre e sem perceptivas de renda. As ações desenvolvidas pelo PHB-BID se não tiver um acompanhamento contínuo e uma política clara para a geração de trabalho,

emprego e renda, não entrará no mérito da questão central sentida pelos moradores que é a divisão e distribuição de renda.

Como tantas outras áreas suburbanas, o Alto da Bela Vista está envolto pela pobreza e à miséria. A sua população sofre com a marginalização e a falta de renda. Como já mencionado, a maioria da renda das famílias provém de trabalhos sem registro oficial.

Os pais de família fazem serviços diversos, mas a maioria não tem carteira assinada. Em conversas com os moradores, a fala corrente é de que, a questão da renda influencia diretamente na forma “ruim” deles viverem. Um pastor evangélico confirmou que a pobreza era um dos maiores problemas da comunidade, que era um dos maiores motivos para as pessoas visitarem as igrejas.

O tecido social fica fragilizado sujeito a uma pluralidade de eventos negativos que mapeiam as vidas dos moradores. Os estigmas e as ações produzidas nesse ambiente acarretam em um acúmulo de violência e de práticas delituosas como furtos, roubos, violências das mais diversas, prostituição infantil e, sobretudo o tráfico de drogas.

Vejamos os dados que demonstram as ocupações dos chefes de famílias do Alto da Bela Vista.

Tabela 11 - Renda Familiar dos Chefes de Família / Salário Mínimo

<i>FAIXA DE RENDA</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
Considerados sem renda	50	10,89
Até 0,5 Salário Mínimo	112	24,40
Menor que 0,5 a 1 Salário Mínimos	196	42,70
Menor que 1 a 2 Salários Mínimos	67	14,60
Menor que 2 a 3 Salários Mínimos	22	4,79
Menor que 3 A Salários Mínimos	06	1,31
Menor que 4 a 5 Salários Mínimos	06	1,31
Menor que 5 Salários Mínimos	-	-
TOTAL	459	100

Fonte: PHB-BID - 2001

A tabela acima denuncia que dos 459 chefes de família entrevistados, 10,89% são considerados sem renda, proporcionando assim uma instabilidade econômica e social acentuada na localidade. Muitos entram na vida do tráfico de drogas ou na vida marginal, na prostituição e pequenos roubos. Quando analisamos a renda da maior parte da população residente vamos encontrar o número de 67.1% que conseguem ganhar entre meio Salário Mínimo a um Salário Mínimo.

Os números revelam o que se verifica no dia-a-dia dessa comunidade. Uma pobreza se organizando com poucas ajudas consistentes dos poderes públicos e da sociedade de uma forma geral. Ao invés dos órgãos e administradores públicos fazerem um movimento inclusivo dessas parcelas da população se organiza sistematicamente um movimento de repulsa. Podemos até fazer uma analogia com o pensamento de Bauman (2006), em seu livro *Europa*, quando nos afirma:

Políticas voltadas para dentro e não para fora, centrípetas e não centrífugas implosivas em vez de explosivas – tais como entrincheirar-se, fechar-se, construir cercas equipadas com uma rede de máquinas de raios X e câmeras de TV de circuito fechado, colocar mais agentes dentro das cabines de imigração e mais guardas de fronteiras fora delas, tornar mais restritivas as leis de imigração, manter os refugiados em campos guardados e impedir a chegada de outros antes que eles tenham a chance de reivindicar o status de refugiados ou pessoa em busca de asilo – em suma, lacrar os seus domínios contra as multidões que lhes batem às portas enquanto fazem muito pouco, se é que alguma coisa, para aliviar essa pressão eliminando as causas. (Bauman, 2006, pp. 24-25).

Os refugiados e os imigrantes ilegais que desejam morar em mundo europeu encontram a mesma mão do Estado, contrária aos seus desejos e aspirações, assim como a população da comunidade do Alto da Bela Vista encontra as restrições e as fortes forças centrípetas atuando contrárias aos seus sonhos e desejos.

Os dados refletem a forma de viver no Alto da Bela Vista. Andando pelas suas ruas em qualquer dia da semana verificamos uma grande quantidade de jovens, homens e mulheres nas portas das casas conversando ou fazendo algum trabalho nas próprias moradias. Em algumas casas existem pequenos comércios como bares, mercearias, serralherias e outros serviços.

A seguir iremos refletir sobre algumas das características socioeconômicas dessa comunidade.

1.5 - Características do perfil socioeconômico dos moradores³⁵

A relação entre o foco desse estudo e as condições socioeconômicas apresentadas, também nos ajudará no entendimento sobre o tecido social do Alto da Bela Vista. Nesse aspecto, quando observamos a distribuição de sua população ela perfaz o seguinte modelo:

³⁵ Dados do cadastramento sócio-econômico do PHB-BID - 2001.

Tabela 12 - Distribuição da População

<i>SEXO</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
Homens	870	50,32
Mulheres	859	49,68
TOTAL	1.729	100

Fonte: PHB-BID - 2001

Há uma equilibrada distribuição populacional do Alto da Bela Vista, em dados mais detalhados a qual apresentaremos adiante. Vamos enxergar que a força produtiva da comunidade se equilibra entre os homens e as mulheres. Todavia, seguindo o padrão da nossa cultura patriarcal, quando investigamos a distribuição de Chefes de Famílias³⁶ vamos encontrar o predomínio da força de trabalho masculina (Tabela 13) , sendo ainda o sustentáculo da economia familiar.

Tabela 13 - Economia da Casa

<i>SEXO</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
Homens	284	61,87
Mulheres	175	38,18
TOTAL	459	100

Fonte: PHB-BID - 2001

Nesse aspecto, durante a semana, nos variados dias encontramos muitas mulheres cuidando dos seus filhos, fazendo as tarefas domésticas ou conversando entre si. Existe uma forma organizacional de solidariedade entre essas famílias. Como fundamenta Machado (2001):

Para as classes populares, ou “pobres e trabalhadoras”, o valor da família é fundamentalmente instituidor de uma moralidade estabelecida por um conjunto de regras de reciprocidade, obrigações e dádiva. Para as classes altas, o valor da família é instituidor de um comportamento “corporado” da parentela estendida em nome do qual se dá um exercício privilegiado de recursos políticos e da transformação de recursos de capital social em capital econômico e político e vice-versa. (Machado, 2001, p.6).

Grandes maiorias comungam dos mesmos valores e padrões comportamentais. Devido o contato diário existem laços orgânicos de relações entre indivíduos e famílias. Uma amizade e um grau de *pertença* elevado onde todos

³⁶ Segundo os critérios da pesquisa PHB-BID se conceitua Chefe de Família como quem leva a renda para o sustento da casa e não quem cuida dos afazeres domésticos.

desenvolvem ações de propósitos comuns e mútuos, apesar de suas diferenças individuais. Como nos ensina Tolstoi, na abertura da sua obra, *Ana Karênina*: “Todas as famílias felizes são parecidas entre si. As infelizes são infelizes cada uma a sua maneira.” (Tolstoi, 2003, p. 9).

Ressaltamos também que nas visitas efetuadas nas igrejas pentecostais³⁷ existe um maior número de mulheres participando das atividades presentes nos horários não comerciais. Geralmente, não são muitos freqüentadores nesse horário, todavia uma minoria que compartilha das correntes de orações religiosas comparecem nessas reuniões.

Tabela 14 - Grau de Parentesco

<i>PARENTESCO</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
Chefe de Família	459	26,55
Primo (A)	01	0,06
Enteado (A)	14	0,81
Agregado (A)	03	0,17
Não Respondeu	06	0,35
Esposo (A)	303	17,52
Filho (A)	812	46,96
Genro/Nora	10	0,58
Pai/Mãe	12	0,69
Neto (S)	67	3,88
Irmão (A)	25	1,44
Tio (A)	01	0,06
Sobrinho (A)	14	0,81
TOTAL	1.729	100

Fonte: PHB-BID - 2001

Os moradores mais antigos do Alto da Bela Vista organizaram-se a partir de agrupamentos familiares. No início do povoamento e ainda hoje famílias se mudavam e convidavam os seus parentes para também se estabelecerem na localidade. Isso gerou uma comunidade onde boa parte da população é composta de membros das primeiras famílias ocupantes da área.

Observamos (Tabela 14) acima que, 812 (46,96%) dos membros são filhos. Isso gera certa aproximação entre os residentes conferindo uma singularidade no seu cotidiano, já que uma parcela é conhecida desde os primeiros passos de vida na comunidade. Uma das moradoras entrevistada, como já mencionado chegou a localidade graças a influência familiar.

³⁷ As reuniões são realizadas no turno vespertino com a finalidade de oferecer a agilização das tarefas domésticas que são mais concentradas no turno matutino.

Tabela 15 - Grau de Escolaridade

<i>ESCOLARIDADE</i>	<i>Nº.</i>	<i>%</i>
Analfabeto	365	21,11
Superior	02	0,12
Não respondeu	24	1,39
Abaixo da idade escolar	178	10,30
Pré-escolar	192	11,10
1º grau incompleto	848	49,04
1º grau completo	55	3,18
2º grau incompleto	46	2,66
2º grau completo	18	1,04
Curso técnico	01	0,06
TOTAL	1.729	100

Fonte: PHB-BID- 2001

O setor educacional do Alto da Bela Vista é contemplado pelo Centro Educacional Ministro Simões Filho que é de responsabilidade municipal. O seu funcionamento é nos turnos matutino, vespertino e noturno atende um público da 1ª a 8ª séries. Nas conversas com os moradores constatamos que existe uma forte evasão escolar, quando as crianças completam a idade de 18 anos são obrigadas a ocupar um lugar no mercado informal. A busca pelo sustento da casa. Nesse aspecto, verificamos que 58,67 % dos jovens entre 18 e 21 anos não freqüentam a escola.

O índice de evasão escolar amplia muito quando os jovens são considerados com uma idade suficiente para entrar no mundo do trabalho. A grande maioria ajuda a renda familiar praticando atividades como: carregador braçal de encomendas, ajudante de pedreiro, atividades ilícitas (Ex: tráfico de drogas), moto táxi, além de outras atividades.

A Creche Nossa Senhora de Fátima, que tem o apoio direto da Igreja Católica, atende as crianças da comunidade, exerce um papel destacado e é muito reconhecida no Alto da Bela Vista. A creche é altamente amparada pela Igreja Católica e tem o apoio da Prefeitura Municipal de Jequié.

No capítulo a seguir iremos focar o campo religioso do Alto da Bela Vista, onde faremos uma análise dos impactos dessa economia religiosa na localidade relacionando com o seu tecido social.

CAPÍTULO 2
DA FÉ: A RELIGIÃO PRESENTE NO COTIDIANO

2. A Religião presente no cotidiano

O objetivo desse capítulo é investigar o universo religioso do Alto da Bela Vista articulando com os aspectos da sua formação socioeconômica. Serão destacadas as interferências do poder simbólico religioso nessa localidade, bem como a apresentação dos *especialistas* e *consumidores* dessa economia. Pierre Bourdieu (1998), em sua obra: *O Poder Simbólico*, afirma: “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) [...]”. (Bourdieu, 1989, p.9). Com efeito, observaremos os desdobramentos do mundo social nesse universo.

Nesse sentido, investigaremos a unidade na religião (Nos católicos e, sobretudo os pentecostais) a qual vem desenvolvendo, imprimindo uma identidade cotidiana na construção da realidade política e social dos seus habitantes. Introduziremos o capítulo registrando e fazendo uma reflexão sobre a formação da matriz religiosa brasileira e o crescimento do pentecostalismo.

Logo abaixo (Tabela 16) observamos como se distribui a população brasileira no âmbito religioso:

Tabela 16 - Divisão Religiosa Brasileira

<i>RELIGIÃO</i>	<i>QUANTIDADE / PESSOAS</i>
Católica Apostólica Romana	124.976.912
Evangélicos	26.166.930
Espíritas:	2.337.432
Umbanda e o Candomblé	571.329
Judaica	101.062
Religiões Orientais	427.449
Outras religiões	2.118.055
Sem religião	12.330.101

Fonte: IBGE-2000

É sabido que o Brasil é um país onde a grande maioria da população é vinculada à religião católica. Os fatos históricos, de nossa colonização, do período do Império e da República³⁸ forjam a marca identitária brasileira no mundo religioso

³⁸ Mesmo depois da Proclamação da República, onde a liberdade religiosa foi instaurada pela lei, a situação dos fiéis ligados às religiões afro-descendentes e de outras denominações continuavam cercadas de preconceitos e perseguições de toda ordem. Como nos demonstra Fausto (1999): “Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas. Deixou assim de existir religião oficial no Brasil. Importantes funções, até então monopolizada pela Igreja Católica, foram atribuídas ao Estado. [...] As medidas refletiam a convicção laica dos dirigentes republicanos, a necessidade de aplainar os conflitos entre Estado e Igreja.” (Fausto, 1998, 251).

do catolicismo³⁹. A inculcação dos valores cristãos aos povos não-cristãos, por meio da Igreja Católica, através de seu caminhar belicoso representados pelas Cruzadas e Missões buscavam, além de amparo econômico para Europa, a adição de mais “fiéis-consumidores” para mercado dos bens simbólicos religioso católico. Nesse sentido, Berkenbrock (1999) menciona:

Era evidente que a única religião permitida no Brasil - colônia era o catolicismo. [...] A conversão era simplesmente obrigatória, se é que podemos falar de conversão. [...] Aos proprietários que não providenciasse o batizado, ameaçava a prisão por 30 dias e multa. O batismo era, pois uma obrigação imposta pelo Estado. [...] A igreja Católica era a única - e estatal - organização religiosa e com isso era parte do Estado, cabendo a direção do Estado prover pela Igreja. (Berkenbrock, 1999, pp. 96-97).

Essas ações garantiram a identidade que foi conquistada nas lutas travadas em grande medida com a religião afro-descendente, onde dessa mistura de crenças, lutas violentas e fortes demarcações culturais; surgiu o sincretismo brasileiro. O nosso sincretismo religioso é fruto da dor e da esperança. O contorno religioso brasileiro foi realizado com muita imposição simbólica.

Em um outro momento histórico mais recente, quando da chegada no Brasil dos Evangélicos Pentecostais, à partir dos idos do século XIX, essa fé religiosa também garante um papel importante na formação da matriz religiosa brasileira, colocando em cheque a hegemonia católica, como nos afirma Jacob (2004):

No entanto, entre 1980 e 1991, a supremacia católica começa a sofrer fissuras. Nesse período, os católicos perdem 5,7 pontos percentuais, enquanto os evangélicos aumentam 2,4 pontos e os sem religião apresentam um crescimento relativamente alto, de 3,1 pontos. O recenseamento demográfico de 2000 não apenas confirma a tendência observada ao longo da década anterior (1980-1991), mas, sobretudo revela a sua aceleração: os católicos perdem 9,4 pontos percentuais e representam agora 73,9%, ou seja, cerca de três quartos da população do país. Ao contrário, os evangélicos crescem 6,6 pontos, sendo os pentecostais o principal motor desta transformação. Já os sem religião registram um aumento de 2,7 pontos. (Jacob, 2004, p. 9).

No quesito quantitativo, como mencionado nos estudos de César Romero Jacob (2004), a fé Pentecostal foi crescendo de forma oscilante e tímida nas

³⁹ Ressaltamos que os dados produzidos pela pesquisa do IBGE não evidenciam a verdade sobre a dimensão religiosa, mas demonstram um grande percentual de adeptos que garante o perfil de um país católico, mesmo sabendo, segundo a mesma pesquisa que 80% se dizem não praticantes.

primeiras décadas de 1940, 1950, 1960. Mas, segundo dados do IBGE, em 1970 já representavam um crescimento de 5,17%, o dobro do crescimento da população brasileira⁴⁰, no final da década de 80. Ainda segundo o IBGE, representavam 6,62% da população⁴¹, na análise do censo, de 1991 já representavam 8,98% da população brasileira⁴² e se observarmos os dados do censo, também elaborado pelo IBGE, em 1996, encontraremos lá a marca de 10,95%⁴³. Os últimos dados do censo de 2000 oferecem uma informação de que 15,6% da população brasileira é evangélica e que, 10,6% se caracteriza no âmbito exclusivamente pentecostal⁴⁴. Como veremos logo (Tabela 17) abaixo:

Tabela 17 - Crescimento dos Evangélicos no Brasil

<i>ANO</i>	<i>CRESCIMENTO %</i>
1970	5,17
1980	6,62
1991	8,98
1996	10,95
2000	15,6

Fonte: IBGE - 1970, 1980, 1991, 1996 e 2000

Diante todos esses dados, destacamos que o crescimento dos evangélicos pentecostais no Brasil é um fato evidente. Em 2000, os pentecostais somavam 18 milhões de brasileiros com uma taxa de crescimento média anual de 8,3%, entre 1991 e 2000. A Assembléia de Deus, Congregação Cristã e IURD representam 75% dos fiéis.

Abaixo (Tabela 18) segue alguns dados reveladores sobre o crescimento dos evangélicos, no seu conjunto geral, no Brasil. Foram obtidos segundo os estudos do Atlas de Filiação Religiosa (2000):

40 Segundo o IBGE, em 1970 a população era composta de 93.134.845 pessoas e os evangélicos somavam 4.814.728 (5,17%).

41 Ainda segundo o IBGE, em 1980 a população era composta de 119.011.052 pessoas e os evangélicos somavam 7.885.846 (6,62%).

42 O Censo demográfico de 1991, divulgado pelo IBGE, a população total era constituída de 146.815.818 pessoas e os evangélicos de 13.189.282 (8,98%).

43 Em 1996 o IBGE registrou uma população total de 161.523.398 pessoas e de 17.693.914 de evangélicos (10,95%).

44 Em 2000 o IBGE apontou para uma população de 168.870.803 pessoas e um universo de 15,6% evangélicos e 10,6 % de pentecostais.

Tabela 18 - Quantidade e Crescimento Anual dos Evangélicos

<i>DENOMINAÇÃO</i>	<i>QUANTIDADE DE FIÉIS EM MILHÕES</i>	<i>CRESCIMENTO ANUAL %</i>
Assembléia de Deus	8,4	14,8
Igreja Batista	3,1	***
Congregação Cristã no Brasil	2,5	4,8
Universal do Reino de Deus	2,1	25,7
Evangelho Quadrangular	1,3	15,8%

Fonte: Atlas de Filiação Religiosa Indicadores Sociais no Brasil e IBGE - 2000

Na Bahia (Tabela 19) quanto no Brasil, cabe fazer uma a observação quanto à filiação religiosa; pois muitas pessoas que são ligadas às religiões afro-brasileiras não se declaram adeptas, aparecendo sob outras denominações, especialmente a católica, o que implica, neste caso, de um sub-registro, mas de qualquer modo, a polarização vai se fazendo entre o catolicismo, que a cada ano perde mais adeptos para os pentecostais e os evangélicos. A marca do preconceito é explícita, sobretudo quando se reduz a religião afro-descendente a uma religião primitiva, como nos adverte Teles⁴⁵ (2005):

O culto aos orixás era considerado a “expressão de uma cultura primitiva sem maiores caracterizações teológicas, fundamentando-as numa visão absolutamente sacral da realidade, na qual tudo é sintetizado em apenas Deus (Olorum) e os seus intermediários, os orixás”. Ou como dizia D. Vicente Scherer sobre o sincretismo umbandista em Porto Alegre: “absurda e grossa mistificação, produto da fantasia ingênua de povos primitivos”. (Teles, 2005, pp. 137-138)

Tabela 19 - Divisão Religiosa Baiana

<i>RELIGIÃO</i>	<i>QUANTIDADE / PESSOAS</i>
Católica Apostólica Romana	9.837.905
Evangélicos	1.516.494
Espíritas	96.303
Umbanda e Candomblé	11.590
Judaica	1.107
Religiões Orientais	18.499
Outras religiões	197.357
Sem religião	1.335.341

Fonte: IBGE-2000

A cidade de Jequié tem, no seu passado, uma fundação européia, sobretudo italiana, influenciando assim a alta densidade numérica dos católicos. A sua

⁴⁵ Jocélio Teles extraiu as respectivas frases do trabalho de: Nadya A. Coelho e Vanda S. Barreto, Trabalho e Desigualdade Raciais: Negros e Brancos no Mercado de Trabalho em Salvador, SP, Annablume, A Cor da Bahia, p. 6 e V. Jornal Estado de São Paulo, “Negros propõem órgão”, 14/05/1986.

primeira igreja data de 9 de fevereiro de 1885. Atualmente a sua divisão religiosa (Tabela 20) é a seguinte:

Tabela 20 - Divisão Religiosa de Jequié

<i>RELIGIÃO</i>	<i>QUANTIDADE / PESSOAS</i>
Católica Apostólica Romana	95.638
Evangélicos	28.434
Espíritas	550
Umbanda e Candomblé	48
Outras religiões	2.176
Sem religião	19.696

Fonte: IBGE - 2000

A seguir vamos adentrar especificamente na análise principal do capítulo, que é o campo religioso do Alto da Bela Vista.

2.1 Alto da Bela Vista: universos religiosos que se cruzam e se comunicam

Uma breve caminhada pela localidade ficará logo evidente, para qualquer observador mais atento, que existe uma grande densidade religiosa concentrada nas igrejas pentecostais, tanto na quantidade de membros e igrejas quanto no próprio discurso dos moradores. É notório também mencionar que a Igreja Católica tem um peso simbólico significativo na localidade e que a religião afro-brasileira, (o Candomblé, especificamente), vem crescendo em números de membros, mas nada que ultrapasse os índices de crescimentos dos Evangélicos Pentecostais.

Nesse sentido, veremos (Tabela 21 e Tabela 22) que existe uma pluralidade de padrões religiosos disponíveis para a população dessa comunidade:

Tabela 21 - Divisão Religiosa do Alto da Bela Vista

<i>DENOMINAÇÃO</i>	<i>Nº.</i>
Congregação Pentecostal	01
Igreja Católica	01
Evangélicas	02
Afro-Religiosas	03
Pentecostais	08
TOTAL	15

Fonte: PC – 2005

Tabela 22 - Denominações Religiosas do Alto da Bela Vista

<i>DENOMINAÇÃO</i>	<i>ENDEREÇO</i>	<i>INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES</i>
Igreja Pente. Monte das Oliveiras	Rua Osvaldo Souza Rocha, 162	Não está funcionando
Igreja Evangélica Pentecostal Ressurreição de Cristo	II Travessa, Ademário Pinheiro, 162	***** A sua programação é seguinte: segunda-feira: Culto de oração; terça-feira: Não tem culto; quarta-feira: Culto de Libertação; quinta-feira: Culto de Avivamento; sexta-feira: Círculo de Oração; sábado: Louvor; domingo: Culto da Família. O responsável é o Pastor Gilvam. Funcionando nas segundas-feiras, quartas-feiras, às 15h, quintas-feiras, sábados e aos domingos, às 19h30m
Igreja Pentecostal Unidos em Cristo	II Travessa, Ademário Pinheiro, 110	*** O pastor é um policial militar
II Igreja Pentecostal Deus do Impossível	IV Travessa São Lucas, 18	*** Não está funcionando
Igreja Pentecostal Rocha Eterna Congregação Monte Moria Assembléia de Deus Assembléia de Deus	V Travessa Humberto de Campos, 88 Rua Alto Bela Vista, 155	*** Atualmente, a comunidade religiosa Católica é coordenada pelo padre Sidney Marques da Silva, ordenado pela diocese de Jequié, trabalha a três anos na paróquia de Nossa Senhora das Graças que é responsável pela Igreja e Creche Nossa Senhora de Fátima. Tem missas (quinzenais) que acontecem às quartas-feiras e domingos. A Comunidade Eclesial de Base se reúne as sextas-feiras, a Catequese e o Grupo de Jovens se reúnem aos sábados. A verba para a construção da igreja e da creche foi originada da Igreja católica de Madri. Sob responsabilidade do Pai Antônio. O Terreiro que tem oito anos de funcionamento. Sob responsabilidade de Odília Francisca de Oliveira, (87 anos), mais conhecida como: Mãe Nininha Preta, uma das mães-de-santo mais antigas de Jequié.
Igreja Adventista do Sétimo Dia Igreja Batista	II Travessa Humberto de Campos, 140 Rua Nova Torinho Bispo, II Travessa, 29 I Travessa João Costa, 309 I Travessa João Costa, S/N	*** ***
Igreja Católica	IV Travessa, S/N	***
O Terreiro de Candomblé: Ilê Axé Olójum Onirê Ogum	II Travessa Deputado Ademário Pinheiro, 154	***
Terreiro da Mãe Nininha Preta	Alto da Bela Vista, localidade da “Suíça”, S/N	***
Terreiro de Candomblé Fonte: PC – 2005	Alto da Bela Vista / S/N	***

2.2. O universo Católico

A Igreja Católica tem uma relação muito antiga com a comunidade, cerca de 20 anos. Ela se projetou logo no início das organizações das primeiras habitações na localidade, como já observamos no primeiro capítulo. A chegada dos primeiros missionários tinha basicamente dois objetivos: organizar a população na busca de melhorias urbanas no local e a implantar um templo católico, ampliando assim o seu rebanho.

O primeiro objetivo resultou com uma série de manifestações e cobranças em torno das reivindicações dos moradores. A chegada da energia elétrica e da água encanada são alguns dos resultados positivos dessas mobilizações. Um movimento com um pé na fé e o outro nas bases concretas das carências do mundo material.

O segundo objetivo logrou êxito com a construção do primeiro salão comunitário. Foi organizado em regime de mutirão e coordenado pela igreja católica com a ajuda dos moradores e de colaboradores de outros bairros.

Antes da construção da Igreja Nossa Senhora de Fátima (Foto 7), já havia celebrações religiosas no local, onde os moradores se mobilizavam para organizar o espaço do culto forrando algumas construções com galhos de árvores retirados do local. Nesse período houve celebração de missas, casamentos e até batizados.



Foto 07 – Entrada da Igreja e da Creche Nossa Senhora de Fátima
Fonte: PC - 2006

Do seu início até os dias de hoje há um deslocamento de membros de outras comunidades católicas para prestar serviços religiosos no Alto da Bela Vista. Funções como: catequistas, coordenação dos grupos de jovens, animadores de comunidade ou serviços na Pastoral da Criança.

A comunidade precisou de colaborações externas, isso devido à carência na formação escolar refletindo diretamente na formação religiosa do público alvo da igreja católica. Essa prática resultou na baixa formação de lideranças locais e uma maior ampliação dos domínios católicos. Todos os agentes que participavam dessas mobilizações, como já mencionado, eram externo a comunidade, resultando em uma dependência negativa da comunidade, no sentido de não projetar uma liderança que coordene as atividades religiosas locais. Como afirma o padre:

[...] isso dificultou porque não é só formar lideranças locais que quando você vai sempre de fora você sai e o povo fica você não vive o dia-a-dia, ai não firma a liderança local.

Atualmente o serviço católico mais utilizado e elogiado pela população é a Creche Nossa Senhora de Fátima. Fundada em meados de 1998, a creche atende uma clientela de quase 200 crianças, de 03 a 06 anos e funciona nos turnos da manhã e tarde. O seu corpo operacional é composto por 09 profissionais, entre eles 08 professores e 01 uma diretora, a senhora Ana Cruz. Todos são funcionários públicos vinculados a Prefeitura Municipal de Jequié. A Creche é mantida, além das doações externas, pela Igreja Católica e recebe auxílio econômico da Prefeitura Municipal.

A *Missão*, como chama o padre Sidney em uma entrevista, se desenvolve da seguinte forma:

[...] se desenvolve devagar e ainda não foi feito o que se gostaria. A creche que é a “menina dos olhos” “do bairro”. Sentimos que temos que ter mais presença, organizar melhor o povo, tentar perceber melhores pessoas que professam a fé católica para se congregar.

Através de sua intervenção, na melhoria do plano material é que a Igreja articula a sua propagação de fé e arrebatamento de fiéis. Em volta a uma comunidade carente, os mínimos serviços omitidos pelo Estado, proporcionam um cenário fértil para o controle simbólico religioso. O amparo aos pobres e oprimidos e a consolidação da fé católica caminham juntas. Todavia, ações desenvolvidas pela

igreja não rende os dividendos requeridos. Existe uma baixa freqüência nas missas e a busca pela religião é pouca, apenas cerca de 100 a 150 pessoas estão nesse público. O padre acredita que seja a falta de políticas e métodos mais carismáticos e populares não adotadas pela igreja no local. Têm-se perdido fiéis para as religiões evangélicas, um efeito sentido pela igreja católica em todo o Brasil. Fato que será explorado ainda nesse capítulo.

A realidade cotidiana, as emoções e os sentimentos da contemporaneidade são complexos e de múltiplas facetas. A religião perde o seu espaço no plano do projeto a longo prazo de salvação/cura e volta-se para o imediatismo da vida. O campo simbólico no Alto da Bela Vista é fértil para essas ações. A falta de emprego, a doença, a conquista da moradia e uma vida melhor são algumas das solicitações dos fiéis.

Como adverte Espinheira:

As normas da igreja perdem eficácia diante dos requerimentos da vida cotidiana em face das mudanças aceleradas da sociedade que se moderniza, mas aí, como destaca Prandi 'por mais que a religião venha a perder a sua importância social, não há registro de nenhuma sociedade onde a religião tenha desaparecido completamente' A partir dessa observação, que deve servir de consolo as instituições religiosas e para todos aqueles a que elas estão ligados, deve-se ir um pouco mais longe e observar que não se trata da Religião, mas Igrejas que disputam o mercado dos bens simbólicos de *cura* e salvação. Assim, e se for considerada como verdadeira a preservação da Religião, cada uma dela em particular deve estar preocupada com a sua perda específica de importância social. (Espinheira, 2005, p.221).

É o que verificamos em nossas entrevistas e conversas com o público católico. Existe uma carência de discurso e ação interligados com o plano do cotidiano. Como já mencionamos, o somatório dos problemas que assolam essa comunidade coloca-a em uma situação de passividade vinculando-se as instituições religiosas; tendo como foco central de sua fé conseguir resolver os seus problemas materiais do dia-a-dia. Das conversas com os moradores sistematizamos (Tabela 23) o seguinte grau de hierarquia nas bênçãos solicitadas:

Tabela 23 - Pedidos aos Céus

<i>GRAUDE</i>	
<i>PRIORIDADE</i>	<i>BENÇÃO SOLICITADA</i>
1ª	Emprego
2ª	Saúde
3ª	Habitação

Fonte: PC 2005

Verificamos que a salvação não consta em suas prioridades, isso mostra que a reorganização do discurso é destaque nas ações implementadas pelas igrejas na localidade. É necessário à busca de ações mais eficazes para manter a dominação simbólica. Quando perguntado sobre essa baixa frequência de fiéis na denominação católica diante o crescimento dos evangélicos pentecostais, o padre afirmou que:

[...] as pessoas andam mais afastadas, mais distantes [...] Muito difícil é um povo que entra e que sai também...” Já teve mais gente envolvida, mais engajada, o pessoal do início, dos mutirões...” O padre Sidney observa que uma possibilidade do afastamento de pessoas da Missão católica pode ser a ausência de um “padre mais carismático “e complementa:” a pessoa se apega ao padre e sai junto com o padre quando o padre sai.

A utilização de discursos e de ações que ampliem as fileiras de fiéis é uma característica muito peculiar da Igreja Católica e dos Evangélicos. Como demonstra Foucault (1999), quando fala sobre a relação de poder existente nos discursos:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que o objeto do desejo; é visto que a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar. (Foucault, 1999, p.10).

A Igreja Católica brasileira se vê diante de um desafio, pois o crescimento dos pentecostais retirou uma grande quantidade de fiéis. As novas formas de abordagens como filmes, ações na TV e rádio, além do reforço nas missas carismáticas são algumas das ações ministradas pela igreja. Essa nova metodologia tenta tirar as diferenças das perdas anuais de fiéis/consumidores dos bens simbólicos católicos, como já demonstrados nesse estudo.

O grande número de igrejas pentecostais na Comunidade do Alto da Bela Vista, segundo o Padre Sidney Marques da Silva⁴⁶, é um fenômeno recente. Em entrevista ele declarou:

Agora é mais recente, talvez, há alguns anos atrás... cinco... ou mais anos atrás... existia uma ou outra igreja mais tradicional... mas, agora, bem, assim recente que você vê... muitas portas, muitas casas até normais com o nome de igreja na frente...isso é muito recente.

Em uma outra entrevista feita com um morador (M, 45 anos), católico, residente a mais de 11 anos na localidade, ele foi enfático a afirmar que a maior responsável pelo crescimento dos pentecostais é de responsabilidade da própria igreja católica. Ele cobra ações mais ousadas da igreja católica, como curso de formação e ações missionárias. Existe uma confluência entre as afirmações dos fiéis e da igreja local.

Ricardo Mariano, em sua obra: *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*; mostra como a Igreja Católica se posiciona na sociedade moderna brasileira:

Acomodada aos cinco séculos de dominação religiosa no Brasil, atordoada diante a vertiginosa expansão dos concorrentes, só recentemente, quando sua liderança tomou enfim consciência do atraso de suas reações, a Igreja Católica começou a redefinir seu papel numa sociedade cada vez mais secularizada e cada vez mais pluralista em termos religiosos. (Mariano, 1999, p.14).

Nesse aspecto, não é à toa que em vários trechos da entrevista o padre se mostra preocupado em ampliar o número de fiéis. A idéia de reunir os jovens e concentrar seus trabalhos na creche é uma estratégia de consolidar a fé católica e constituir lideranças locais que possam continuar e oferecer mais atenção aos anseios da comunidade.

Essa aproximação dos moradores do Alto da Bela Vista tem se intensificado com a parceria com o PHB-BID. As reuniões dos moradores com os coordenadores do Projeto sempre foram apoiadas pela igreja. Além do local de reunião, a igreja teve participação nos cursos de costureira, pedreiro, curso sobre meio ambiente dentre outros.

⁴⁶ Nascido no município de Aiquara-BA foi ordenado pela Diocese de Jequié, trabalha há três anos na Paróquia Nossa Senhora das Graças.

Não podemos deixar de mencionar que as igrejas desenvolvem um papel social importante na comunidade. Sabemos de todas as articulações para a manutenção e o domínio do campo simbólico, todavia no plano material das necessidades elementares de sobrevivência as igrejas ajudam esses moradores no âmbito da saúde, sobretudo de crianças e na inserção de formação educacional profissionalizante.

A comunidade reconhece os trabalhos prestados por esses agentes, sobretudo no que diz respeito a Creche Nossa Senhora de Fátima, que também atende a clientela de filiação religiosa diferente da católica.

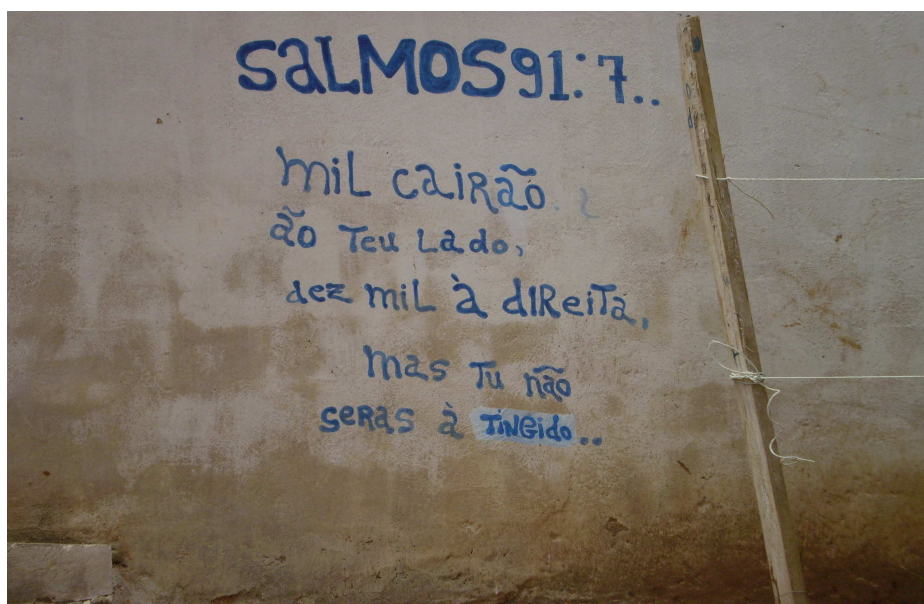


Foto 08 - A fé: inscrição feita pelos moradores no muro da sede do PHB-BID

Fonte: PC - 2006

Com efeito, a construção, o controle e a manutenção de um discurso que gera desdobramentos no mundo simbólico do Alto da Bela Vista, perpassa as barreiras no campo religioso. Existe uma finalidade de dominar o território e ordenar um discurso em que à condução de comportamento e condutas de vida sejam moldadas pelas orientações passadas pelas lideranças que manipulam o capital simbólico naquela localidade. Como ensina Bourdieu (2004):

Os agentes que estão em concorrência no campo de manipulação simbólica têm em comum o fato de exercerem uma ação simbólica. São pessoas que se esforçam para manipular as visões de mundo e, desse modo, pra transformar as práticas manipulando a estrutura da percepção do mundo (natural e social), manipulando as palavras, e através delas, os princípios da construção da realidade social [...] (Bourdieu, 2004, pp.121-122).

A busca de um caminho, que traga a possibilidade de “fugir” de um destino “pré-determinado”, leva muitos moradores a aproximação dessas igrejas e dos seus discursos de prosperidade, saúde e abundância. Nesse ponto, se evidencia um homem em fuga, na tentativa de ordenar as suas significações e se inserir na sociedade de forma respeitosa e com acolhimento coletivo. A fuga é o caminho percorrido por muitos. Fugir para se libertar ou encontrar outra forma de sentir e se portar na realidade imposta pelos meios sociais e econômicos, mascarados pela naturalização dos fatos.

O homem constrói deferentes sistemas simbólicos com o intuito de compreender a si mesmo e o mundo que o cerca, mas as transformações sociais, quando se processam com maior intensidade, podem expor fragilidade desses sistemas, pois todos eles seja a religião, a ciência, a arte ou mesmo o senso comum, enquanto sistemas culturais possuem falhas, em parte, devido à própria natureza dos símbolos, em parte, devido a própria vida social. Quando os diversos recursos disponibilizados por esses sistemas simbólicos se mostram insuficientes, e o mundo se insinuar caótico e sem sentido, mostrando-se a vida como então irremediavelmente fragmentada, os indivíduos recorrerão a religião que, nesse caso, será chamada a dar conta da totalidade da vida. (Geertz,1978, pp.101-142).

O divino acolhe o homem nas diversas situações de angústias, medos ou frustrações com a realidade, essa é uma dimensão da criação humana que responde as fragmentações das dificuldades da vida, de forma totalizadora e estruturante, colocando uma lógica, um sentido, um significado na vida de quem a procura.

A seguir vamos investigar mais detalhadamente a presença dos evangélicos pentecostais na comunidade. Eles não têm o mesmo tempo estabelecidos no local como a igreja católica, porém com poucos anos de investidas no universo simbólico, lhes trouxeram vários êxitos do ponto de vista do discurso religioso e da quantidade de freqüentadores.

Como já sabemos, eles são maioria no local e vem crescendo continuamente. Não oferecem um serviço organizado como o da Creche da Igreja Católica ou outro que demande um sentimento de coletividade como o da Igreja Católica, sobretudo como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Os Pentecostais⁴⁷ se organizam através das correntes de orações e de ações utilitaristas, como as ajudas individuais no plano material de compra de alimentos, remédios ou nas demandas espirituais.

2.3. O Universo Pentecostal

A chegada dos evangélicos pentecostais na localidade foi por volta da década de 90 acompanhando o movimento nacional. Antes disso, o Alto detinha um perfil religioso mais concentrado no âmbito do catolicismo e do candomblé. Com o crescimento da população e conseqüentemente com a chegada de moradores de outras localidades, também houve um impacto no universo simbólico local.

As primeiras igrejas pentecostais nasceram das congregações organizadas por moradores e colaboradores de outras igrejas evangélicas pentecostais. Vale ressaltar que essas congregações são pequenas estruturas administrativas de igrejas já organizadas, com pastor, público fixo, sede e uma programação ordenada. As congregações iniciam com um pequeno aglomerado de fiéis, geralmente se organizam nas suas casas e tem uma programação flutuante, pois dependem das ações desenvolvidas pelas igrejas sedes.

A meta dos fiéis que fazem parte das congregações é de transformá-las em igrejas autônomas. Um exemplo dessa prática administrativa no local, é a I Congregação Pentecostal Deus do Impossível, a qual chegou ao Alto da Bela Vista há cerca de quatro anos e hoje já é uma congregação organizada com sede própria, pastor, público e uma programação estabelecida. No seu decorrer já passou por uma série de transições no nível hierárquico, mas, por possuir terreno próprio, ela se conserva no local e ainda, quando solicitada, os seus membros auxiliam nas demandas de outras igrejas e congregações pentecostais.

⁴⁷ No estudo intitulado: *Religião e Cura: Algumas Reflexões Sobre a Experiência Religiosa das Classes Populares Urbanas*, a professora Rabelo (1993) nos ensina como o Pentecostalismo age no plano individual. Vejamos: No pentecostalismo a resolução de problemas ou aflições individuais deve levar a uma reorientação do comportamento, segundo padrões morais: o fiel pentecostal não bebe, não fuma, não vai a festas etc. O culto, na verdade, oferece um espaço alternativo que substitui os “prazeres do mundo” pelo prazer das práticas e celebrações religiosas. Visa constituir-se, assim, em um subuniverso de ordem contraposto ao meio circundante. (Rabelo, 1993, p. 321).



Foto 09 - Frontispício da I Congregação Pentecostal Deus do Impossível
Fonte: PC - 2006

Diante as dificuldades encontradas, algumas igrejas pentecostais do Alto da Bela Vista são residências onde moram geralmente o pastor e sua família.

Na hora dos cultos ou alguma outra atividade religiosa modifica-se a estrutura da arrumação dos móveis para receber os fiéis. A precariedade das instalações e os poucos números de freqüentadores não desanimam⁴⁸ os pastores, a prova disso é o crescimento dessa fé no local. No decorrer da pesquisa muitas igrejas e congregações foram implantadas em residências e depois de algum tempo foram destituídas, ficando apenas o local de moradia.

Muitos migram para outras igrejas, mas não existe uma incidência de migração considerável para outras religiões.

No tópico a seguir; iremos fazer algumas reflexões mais especificamente sobre as engrenagens que fazem essa forma religiosa se expandir e a sua relação com o capitalismo.

⁴⁸Sobre esse ânimo e confiança, Durkheim (2003), nos demonstra: “[...] a verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar as representações que devemos a ciência representações de uma outra origem de um outro caráter, mas sim nos fazer agir, nos ajudar a viver. O fiel [...] é um homem que *pode* mais.” (Durkheim, 2003, p.459). Com efeito, podemos afirmar que a sua teoria confirma mais uma vez o poder da representação coletiva social na formação da sociedade. Esse desencantamento do sobrenatural na realidade social é definido por Durkheim, onde tende a considerar os modelos religiosos como uma manifestação simbólica da sociedade e ao mesmo tempo define os mais fundamentais aspectos da sociedade como um conjunto de modelos de sentimento moral e religioso.

2.3.1. O Espírito do Capitalismo e a Religião

Existe um discurso único entre os pastores e missionários, eles acreditam que foram designados por Deus para exercer um trabalho de crescimento do evangelho naquela localidade. Em conversa com um pastor que preferiu ficar no anonimato ele afirmou:

A igreja é igual uma empresa... Começa pequena, com pouca gente, mas, depois pode crescer com as bênçãos de Deus... Não podemos desanimar [...] (R, pastor pentecostal).

Essa lógica mercadológica no âmbito da religião pentecostal é acentuada, principalmente pela interpretação do livro bíblico, Atos capítulo 2, onde se destaca os dons do Espírito Santo.

A prosperidade está aberta a todos, mas é preciso que se dê o que se tem para a igreja, quanto mais melhor, de preferência tudo. Quanto mais se dá para Deus, mais se recebe, e isso não é mera retórica. São inúmeras as estratégias e os jogos operados pelos pastores nos cultos para a extração do dinheiro. O ato de dar dinheiro, com a certeza de que ele vai voltar, acrescido, é um gesto do investidor. Para os crentes de negócio, os pequenos empresários, os desejosos de se estabelecerem, a nova religião oferece possibilidades de progresso mais ambiciosas: é possível fazer de Deus um sócio nos negócios e prosperar sem limites (Pierucci & Reginaldo Prandi, 1996, p. 270).

A prosperidade econômica aqui na terra é uma temática muito proferida nas igrejas do Alto da Bela Vista, em todos os cultos freqüentados, observamos que esse é um ponto certo na hora da pregação. Essa é uma mensagem que atrai os “fracos e oprimidos” em todo Brasil, sobretudo nas camadas economicamente menos favorecidas.

A necessidade de consumir de se inserir na sociedade da “aparência”, onde o jovem deseja um tênis da moda ou a garota o vestido que passou na última novela, modela as mentes desse público sedento de benefícios mínimos estruturais, bem como a necessidade de extravasar os desejos reprimidos da sociedade de consumo. A busca por uma estabilidade monetária e uma vida mais rica é a tônica das necessidades espirituais desse público.

Como demonstra Espinheira:

As igrejas evangélicas se multiplicam, estão em toda parte, dominam os serviços públicos falantes, enchem os bairros populares com pregações ostensivas e prometem, sobretudo, o sucesso no trabalho, nos negócios, na família e no amor. Prometem, também, um padrão de vida que se afasta as pessoas do crime e do pecado. Dizer-se evangélico ou converter-se, é anunciar publicamente um estilo de vida que torna “puro”, comprometido com a realização de um projeto: tornar-se um “consumidor válido”, portanto uma pessoa não desviante. (Espinheira, 2004, p.60).

Seguindo essa reflexão, ao analisar a perspectiva dada ao capitalismo moderno através do mundo religioso cristão a partir da Reforma Protestante, Weber (2004) verifica que o trabalho serve como uma fonte geradora de riqueza para a glória de Deus e a situação predeterminada do homem diante do divino oferece uma substância inicial para entender a lógica do lucro na vida capitalista:

Um dos elementos componentes do espírito capitalista [moderno], e não só deste, mas da própria cultura moderna: a conduta de vida racional fundada na idéia de profissão como vocação, nasceu [...] da *ascese cristã*”. (Weber, 2004, p.164).

A nova forma de encarar a vida secular, a economia sendo organizada através da produção em série, o uso de novas técnicas, mostrou o caráter verdadeiro do capitalismo. Continua o que Weber (2004) afirma:

You may labour in that manner as tendeth most to your sucess and law-full gain. You are bound to improve all your atalents (...) { “ Podes trabalhar da maneira que melhor favorecer teu sucesso e ganho legítimo. É tua obrigação desenvolver todos os teus talentos (...) “ } [...] há um paralelismo direto entre a ambição de riqueza no reino de Deus e a ambição de sucesso na profissão terrena. (Weber, 2004, pp.257-258).

Essa afirmação feita pelos jansenista⁴⁹ (doutrina que prega a predestinação e nega a capacidade do homem praticar o bem), sintetiza em parte a forma moderna dos homens se relacionarem com o mundo do trabalho no universo capitalista.

⁴⁹ Para eles toda ação benéfica desenvolvida pelo homem é da ordenação divina. O homem é um universo antagônico entre o pecado e a graça. A predestinação é tônica jansenista, onde o homem é uma espécie de “fanteche” mão de Deus.

Ao observarmos a obra, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber (2004) nos oferece uma leitura apurada sobre o capitalismo no ocidente e a sua relação com a religião.

Para Weber (1997), o *espírito do capitalismo*, é uma mentalidade, um comportamento, em busca de lucros, utilizando a racionalidade, a concepção metódica e tendo como núcleo duro à racionalização das ações. Vejamos:

Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente, e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História. Hoje em dia ou definitivamente, quem sabe seu espírito religioso safou-se da prisão. O capitalismo vencedor, **apoiado numa base mecânica**, não carece mais do seu abrigo. [...] No setor de seu mais alto desenvolvimento, nos Estados Unidos, a procura da riqueza, despida de roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que freqüentemente lhe dão caráter de esporte. (Weber, 1997, p.131) (Grifos Nossos).

A obra inicia demonstrando umas estatísticas da produção e a acumulação de riquezas entre católicos e protestantes e busca uma interpretação para o “sucesso” da fé protestante em relação à católica. A ligação entre a fé religiosa, a ascensão e a prosperidade econômica da fé protestante, leva o sociólogo, também a uma compreensão e a responder suas inquietações.

Nos seus estudos sociológicos, Weber concentra o seu foco no capitalismo industrial e persegue sua trajetória na especificidade do Ocidente. A conexão entre fé religiosa ligada ao desenvolvimento econômico leva Weber (1997) a teorizar sobre o trabalho concebido como vocação pelos religiosos protestantes. Sobre esse fato, ele afirma:

O católico é mais tranqüilo, tem menos impulso aquisitivo; prefere uma vida, a mais segura possível, mesmo que isso explique em uma renda menor, a uma vida arriscada e cheia de excitação, mesmo que essa torne possível a obtenção de honrarias e riquezas. Isso é comprovado de maneira irônica pelo provérbio “coma ou durma bem”. No presente caso, o protestante prefere saciar-se, e o católico dormir sem ser perturbado. (Weber, 1997, p.23).

Com efeito, trechos e frases enumeradas por Weber (1997), retirados de um texto de Benjamin Franklin, nos conduzem a um melhor entendimento do que ele caracterizava como Espírito do Capitalismo na ótica protestante. Sentenças como: “Lembra-te que *tempo* é dinheiro”, “Lembra-te de que o *crédito* é dinheiro”, Lembra-

te que dinheiro é de natureza prolífera, procriativa “, As mais insignificantes ações que afetem o crédito de um homem devem ser consideradas”. Essas assertivas funcionam como um *ethos*, segundo Weber (1997):

Do modo pelo qual o problema está colocado, é óbvio que estamos falando do Capitalismo da Europa Ocidental e do norte americano: “capitalismo” houve na China, na Índia, na Babilônia, na antiguidade Clássica, na Idade Média. Mas, todos estes casos faltavam como veremos esse *ethos*, particular. (Weber, 1997, p.23).

O trabalho, nessa nomenclatura capitalista, entra como um instrumento para acumulação do lucro e de ganhar dinheiro. Sendo assim uma ética a seguir. Não há impedimento sagrado para ganhar dinheiro nessa ética capitalista moderna. “O trabalho deve, ao contrário, ser executado como um fim em si mesmo - como uma vocação”. (Weber, 1997, p.39).

Nesse sentido, a sua investigação segue fazendo atentas observações sobre as peculiaridades do pensamento histórico e as manifestações no cristianismo. Dessa forma estuda o Calvinismo, o Petismo, o Metodismo, as seitas que originaram do movimento Batista.

No tocante as denominações do protestantismo ascético; observa-se que o Calvinismo contém um caráter utilitarista inserido na sua concepção ética, a idéia da predestinação e a separação entre o homem e a divindade. “Deus não existe para os homens, mas estes por causa de Deus”. (Weber, 1997, p.71).

A formulação calvinista coloca o homem com um instrumento de trabalho para a consolidação da obra e da graça divina. O trabalho é encarado não como uma atividade humana em relação a natureza, ou ao puro acúmulo de riqueza, o trabalho é um meio para o aumento da glória de Deus:

O condenado reclamar do seu destino seria o mesmo que os animais deplorarem o fato de não terem nascido homens porque tudo que é de carne está separado de Deus por um golfo intransponível, e Dele merece apenas a morte eterna, na medida que Ele não tiver deliberado diferentemente para a glorificação de sua Majestade. Sabemos que apenas uma parte da humanidade será salva, e outra condenada. (Weber, 1997, p.71).

Outra importante investigação efetuada é a da concepção de vocação de Lutero. A valorização da vida profissional e o esforço para o trabalho. A contestação da ociosidade dos monges e o desafio do homem perante o mundo secular têm no trabalho o elemento central. Dessa forma Weber (1997) ensina:

A vocação para ele era algo aceito como uma ordem divina, a qual cada um devia adaptar-se. Essa tendência domina o outro pensamento, também presente, de que o trabalho vocacional é uma, ou melhor, a tarefa ordenada por Deus. (Weber, 1997, p.57).

O homem precisa participar da vida secular com a finalidade de satisfazer as vontades de Deus. A profissão e as aspirações do indivíduo são interligadas com a Providência divina. Em outras palavras, o que se produz na terra em termos de riqueza pode ser aproveitado pelos indivíduos, todavia a riqueza e a tarefa desempenhada por eles são coordenadas pelo poder divino. O homem é apenas um apêndice dos desígnios do deus cristão.

Continuando as investigações e teorizações sobre o universo religioso no Alto da Bela Vista, o próximo campo de reflexão será sobre as influencias que a religião insere no cotidiano do local.

2.3.2. As influências das mudanças dos valores no cotidiano

Alguns sujeitos que se consideram ou estão sem perspectivas de futuro na vida (econômico, social) começam a freqüentar essas Igrejas; influenciados pelos discursos dos pastores, os quais levam muitos a mudarem aspectos de seus comportamentos. A religião conduz uma série de ações no âmbito do tecido social freqüentado pelos novos convertidos. A constatação dessas alterações nas atitudes desses novos crentes é vista e sentida por toda comunidade. Nas entrevistas efetuadas, observamos que a modificação mais comentada e referenciada pela comunidade é, quando algum viciado em drogas ou traficante se converte a fé pentecostal. Como menciona um entrevistado:

[...] As pessoas ficam como ovelha desgarrada... ai eles procura, a igreja, e nós damos todo o apoio para não deixar aquela pessoa praticar novamente o que praticava, talvez ele praticava antes um tráfico, talvez ele antes era uma pessoa que na sociedade não tinha valor, ele passou a ter valor e se a gente deixar sem nossa assistência essa pessoa vai ficar, vai voltar a praticar o que praticava antes, e a nossa preocupação é essa... conduzir a pessoas a ter Deus. (Q, morador e um dos líderes dos cultos pentecostais).

Essas ações desenvolvidas são apoiadas pelos moradores das diversas crenças e pelas instituições que permeiam o Alto da Bela Vista. O discurso religioso acaba que beneficiando a comunidade como um todo quando um criminoso ou uma pessoa que traz problemas para os habitantes se converte à religião. Como veremos no próximo capítulo, a violência associada ao tráfico de droga é muito acentuada nessa comunidade, além de outros tipos de problemas como o alcoolismo e a prostituição infantil.

A fé acaba sendo uma espécie de catalisador dos dilemas vivenciados.

Nesse aspecto, os convertidos mudam a forma de ler o mundo, de se vestir, de comer, de beber, enfim, modificando toda uma estrutura de valores, pois inculcam os valores passados pelo pastor da igreja, através das pregações, reuniões e conselhos. Isso é sentido eficazmente no núcleo familiar, onde a nova forma de viver traz melhorias na renda e na harmonização do lar, o que fica mais evidente quando todos os membros da família fazem parte da mesma igreja. Isso gera um espírito de unidade religiosa.

Efeito já lembrado por Durkheim (2003), onde confirma mais uma vez o poder da representação coletiva social na formação da sociedade. Esse desencantamento do sobrenatural na realidade social é definido quando vem a considerar os modelos religiosos como uma manifestação simbólica da sociedade e ao mesmo tempo define os mais fundamentais aspectos da sociedade como um conjunto de modelos de sentimentos moral e religioso. Confirmado quando ele escreve:

Mas ela é antes de tudo um sistema de noções através das quais os indivíduos se representam em sociedade da qual são membros e as relações, obscuras mais íntimas, que mantêm com ela. Tal é o seu papel primordial. E, ainda que metafórica e simbólica essa representação não é infiel. Ela traduz, ao contrário, tudo o que há de essencial nas relações que se trata de exprimir, pois é uma verdade eterna que existe fora de nós algo maior que nós e com o qual nos comunicamos. (Durkheim, 2003, p.234)

Essa “nova tábula” de valores leva o sujeito a fazer uma nova leitura de mundo e as suas expectativas e explicações sobre as mazelas que o aflige são explicadas a partir do plano espiritual (do “encontro” com Deus), no qual se busca, sobretudo, um “tipo ideal” de prosperidade, a exemplo: a conquista de um emprego, as reconstruções ou construções de famílias, pagamentos de dívidas, afastamento dos vícios, habitação e outras necessidades. Nesse quesito, as solicitações dos fiéis

pentecostais não se diferem sobre a dos católicos. A hierarquia sistematizada das prioridades dos pedidos de bênçãos continua assim: 1ª) emprego, 2ª) saúde e 3ª) moradia. Recorremos mais uma vez a Espinheira (2004) quando afirma:

A opção evangélica é uma forma de reordenação do mundo pessoal e social de pessoas que se sentem fragmentárias na pobreza e procuram uma radicalidade que dê sentido ‘a vida pessoal no “infernado emaranhado de coisas” em que as pessoas são obrigadas, diante de ausências e omissões, a se apegarem á proteção divina [...] (Espinheira, 2004, p.61).

É certo observar essas “mudanças nos valores”, também sobre outra perspectiva. Quando nos deparamos com a visão de Karl Marx sobre o fenômeno religioso ele adverte colocando o campo religioso no mesmo nível do seu conceito sobre a alienação. Para ele o homem se perde na relação com o outro. “A alienação do homem, em geral toda a relação em que o homem [está] para consigo mesmo, é primeiro realizada efetivamente // verwirklicht //, se expressa na relação em que o homem está com o // s // homem // ns //” (Marx, 1994, p.158).

A partir do momento em que, através da crença de uma nomenclatura de mundo sagrado, alguns homens começaram a empregar a sua força de trabalho para a construção e manutenção de um aparato institucional religioso que era (ou é) controlado para os interesses de outros, verifica-se a interface entre a alienação do homem sendo manipulada por outrem para a consolidação de uma mentalidade fundamentada na lógica das relações materiais de produção. Em poucas palavras: No campo sagrado à alienação do trabalho está presente, pois, o sagrado é criação do homem. O próprio Marx (1976) afirma:

Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, as sublimações necessariamente resultantes do processo da vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia. Não tem história, não têm desenvolvimento a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. (Marx, 1976, p.26).

O mundo sagrado, os deuses ou outros agentes em que consideramos externos, ao construto humano, não passam de produtos dos nossos cérebros, logo

o que se justificava ou se justifica que o mundo sagrado é na verdade trabalho do homem para o próprio homem. Não existe poder alheio ao homem. “Não os deuses, não a natureza, só o homem mesmo pode ser este poder alheio sobre o // s // homem // ns” (Marx, 1994, p.159).

Observamos que as mudanças das nomenclaturas dos valores desses habitantes são recheadas de análises sociológicas das mais diversas perspectivas.

O certo é compreendermos como as ações do campo religioso influenciam diretamente as relações sociais cotidianas das pessoas nesse derredor. As famílias e toda estrutura social comunitária são perpassadas pelas alterações dos envolvidos nesse universo. Quer seja unidade social, quer seja busca por uma vida melhor ou alienação e ainda quer sejam as três influências; os habitantes se beneficiam dessas alterações que estão imbricadas no dia-a-dia de suas relações.

A diminuição dos crimes, das desordens domésticas e a convicção que os dias futuros serão melhores transformam o encantamento do Alto da Bela Vista em um ambiente em que as forças religiosas encontram o vasto espaço para as suas atuações.

2.3.3. Os discursos e as disputas por fiéis

A disputa para deter o controle dos fiéis cristãos é uma característica fortemente visível nas estratégias de dominação do catolicismo e do pentecostalismo. Uma das mais recentes ações da Igreja Católica no âmbito nacional foi à implementação da Renovação Carismática⁵⁰.

Na prática cotidiana da disputa pelo mercado religioso, tal política de boa vizinhança não deve passar pela mera retórica. Pois, diante da estimada fuga anual de 600 mil fiéis no Brasil, a hierarquia católica, temerosa de perder a sua secular hegemonia religiosa na América latina, chegou à conclusão de que é preciso agir e com urgência, antes que seja tarde demais, nem que seja copiando a estratégia da concorrência. (Mariano, 1999, p.15).

⁵⁰ No Brasil como no resto do mundo ocidental, a Renovação Carismática Católica surge em um contexto caracterizado pelo uso de explicações como desencantamento do mundo, crise da racionalidade científica, impossibilidade de identificar um sentido para a história, para explicar profundas transformações socioculturais do final da década de 60. (Miranda, 1999, p.45)

Apesar de no Alto da Bela Vista, as igrejas pentecostais não utilizarem tantos recursos de mídia, até pelos poucos recursos que dispõem, os cultos são as grandes atrações de demonstrações de performance religiosa. Muitos cânticos, orações aplicadas às problemáticas locais e a relação próxima entre os pastores com os fiéis fazem o diferencial dos pentecostais. Os cultos acontecem quase que diariamente, diferentemente da igreja católica. As visitas e os cultos domiciliares são comuns, agregando um número significativo de fiéis que se juntam com objetivos delimitados na ajuda ao próximo.

Ao adentrar do mundo do pentecostalismo, verifica-se que eles trabalham com a construção de um poder simbólico pensado e organizado. As dificuldades do cotidiano do sujeito, as aspirações e os desejos deste sujeito são revertidos em pregações, conselhos. Podemos citar como exemplo, as campanhas e correntes temáticas que eles produzem, cada uma com um significado, de acordo com os objetivos a serem alcançados.

Essas campanhas e correntes modificam o contexto de vida de quem participa, oferece uma esperança, uma convicção de vitória, sem comparação com nenhum poder instituído. Uma das mais conhecidas, atualmente, que trabalha com essas práticas é a Igreja Universal do Reino de Deus-IURD. Ressaltamos que, no Alto da Bela Vista, não existe uma organização da IURD, todavia, todas as semanas um *carro-de-som* passa por todas as ruas divulgando as mensagens da IURD e convidando os moradores para participarem das suas correntes.

Uma das correntes mais oferecidas e mais freqüentadas é a de terça-feira, a Sessão Espiritual do Descarrego. Nessa corrente, a igreja anuncia a liberação dos “encostos” que estariam atrasando ou prejudicando a vida material e espiritual das pessoas. O referido “encosto”, seria uma ação de bruxaria produzida por alguém com propósito de prejudicar o crente.

Dentro dos seus repertórios de discursos, as igrejas pentecostais, têm um vasto número de correntes. Uma das características que as diferenciam, é que, enquanto na IURD as correntes são mais amplas e com um número de pessoas envolvidas bem maiores, culminando com um atendimento, de certa forma, até distanciado entre os pastores e a maioria dos féis, nas igrejas menores, como as do Alto da Bela Vista, o contato é mais próximo, os problemas são conhecidos na comunidade e a atenção é dada de forma mais contínua pois, todos moram por ali, inclusive os pastores. Eles se reúnem em até três pessoas, narram o problema

vivenciado nas suas orações, pedem soluções a Deus, imploram para conseguirem a bênção e se dizem pequenos diante do obstáculo.

A palavra de animação e conforto dos pastores faz as pessoas chorarem e às vezes perdem o controle emocional, articulando palavras sem sentido, mas, que para eles, é mais uma manifestação do Dom das Línguas⁵¹.

A mensagem chegada aos moradores do Alto da Bela Vista é confeccionada para atingir os padrões simbólicos de suas necessidades e vontades. Ressalta-se, não se encontram os discursos que envolvam problemas nos negócios ou de cunho empresariais oferecidos ou pelo IURD ou por outra igreja pentecostal.

A tônica central é a pobreza. Essa produção do discurso é muito bem organizada e tem um grau de proximidade com as demandas da comunidade, surpreendente, os efeitos são visíveis, conversando com os fies, pastores ou com as pessoas próximas identifica-se logo esses efeitos.

Em entrevista, um pastor, quando indagado sobre os maiores problemas que motivam a busca das pessoas a sua igreja, ele nos relata o seguinte:

Aqui mais é a pobreza... a pobreza e as pessoas é... muitas pessoas tem necessidade de encontrar uma pessoa que dê uma palavra amiga, uma palavra de conforto...é...uma palavra onde venha menizar a situação daquele pessoa...desemprego...é muita carência em tudo falando...as crianças...é...pessoas mais ou menos que não tem instrução para criar os seus filhos e procura muito a igreja, muito, o pastor, os obreiros, para instruir para ficar assim...aprendendo mais um pouco...é como criar uma criança, tal, esse tipo de coisa que a gente tem feito aqui. (Pastor, Y).

A palavra de conforto é coordenada pelos pastores e pelos obreiros (as). Estes, na hierarquia da maioria dessas igrejas, são os crentes que fazem a intermediação entre os féis ou suprem as necessidades da igreja, quando na ausência do pastor.

A atenção que não é encontrada em outras esferas da sociedade ou no campo dos interesses do Estado é dada por esses controladores dos bens simbólicos. Os discursos da sociedade capitalista, dos jogos mercadológicos, concorridíssimos, não atraem e não contemplam as condições sociais que essas pessoas vivem. A doença, a pobreza, a angústia e as diversas projeções de

⁵¹ Relatado em Atos 2, versículo 4, onde o crente fala outra língua: “ Todos firam cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. “

realidades, encontram um refúgio, um significado próprio, quando orientado dentro dos princípios estabelecidos pelos pastores.

A crença, no que se fala no que se lê e interpreta na Bíblia modifica e desloca esses fiéis para uma dimensão simbólica das explicações, aceitações e tentativas de mudanças no curso de suas vidas. O que está em disputa são *ethos* de vidas, é um projeto de comportamento e decodificação da realidade. Não se trata apenas de comportamento só religioso, mas, de uma concepção de mundo que amplia para todas as dimensões, perpassando do social até o plano espiritual.

Com efeito, concordamos com Rabelo (1998) quando afirma:

Muitas das igrejas pentecostais constituem verdadeiras comunidades, marcadas por relações próximas e difusas entre pessoas que se conhecem. Os laços que a prática religiosa sela entre os fiéis são descritos em termos de parentesco: os membros batizados são irmãos. Estes laços podem vir a ser bastante fortes, constituindo uma teia de relações que ultrapassa o âmbito da igreja. O modelo do parentesco entretanto é transformado segundo regras do universo burocrático: os fiéis batizados têm carteira de membro e pagam o dízimo. A igreja conta com as colaborações de alguns membros se que encarregam do trabalho geral de organização e administração do espaço, bem como de assistência aos demais fiéis: estes não são apenas irmãos, mas obreiros e obreiras. (Rabelo, 1998, p.15,16).

A forma de inculcação dos discursos, os limites percorridos pelos pastores e o desejo de ouvir os conteúdos das mensagens, se amparam no conteúdo bíblico. Há uma organização proposital também para construção dos cultos. Compreender a escolha dos trechos da Bíblia mais utilizados nas pregações e a forma que são interpretados pelos pastores é muito valioso para entendermos a demanda simbólica do Alto da Bela Vista.

A chegada do fim do mundo faz parte do repertório das mensagens passadas pelos pastores do Alto da Bela Vista. Há uma demanda em ouvir explicações sobre o que está acontecendo. Tantas catástrofes naturais, a fome e as novas doenças são alvos de vinculações interpretativas amparadas no livro do Apocalipse. O retorno de Jesus Cristo para arrebanhar os seus seguidores e o propósito da salvação espiritual são objetos de discussões em torno dos fiéis e pastores das igrejas pentecostais do Alto da Bela Vista. Na entrevista, o pastor, mais uma vez, afirmou:

Veja bem, nós pregamos, nós... é... escolhemos assim... vários trechos da Bíblia... como o Senhor nos mostra... nós pegamos vários trechos da Bíblia, nós pregamos muito em Apocalipse... onde ensina a volta do senhor Jesus Cristo... como ta preparado pra alcançar a salvação em Cristo, como a pessoa receber a libertação, fazendo um trabalho articulado com ele para ele aprender como serve a Deus, como pode tá no estatuto de Senhor Jesus... por que... assim... uma pessoa que ele era traficante... ele sai das drogas... então... nós temos que instruir ele dentro da Palavra para que ele venha aprender como agora ele tornas integrar outra... outra sociedade... sair das drogas para ser uma outra pessoa que serve a Deus verdadeiramente. (Y, Pastor).

O contato com esses pastores e evangélicos remete a uma observação sobre a construção dos discursos e da formação de mentalidades. Há de fato uma melhora na unidade, uma melhor coesão social da comunidade quando as reuniões e os problemas dos moradores são socializados e compartilhados pelos outros. A proteção do social se manifesta.

Em várias reuniões que foram observadas existia uma série de problemas que era de foro íntimo do fiel, todavia, problemas de saúde, desemprego, marido alcoólatra, eram compartilhados e solicitados uma ou mais correntes de oração para sanar, *restituir*, termo muito utilizado pelos pentecostais, a vida daquele membro. Como já citado, todos sabem da vida de todos, todo compartilha das dores e angústias dos moradores e vizinhos daquela localidade.

Essa faceta da religião é benéfica em certa medida; já que se estabelece em uma comunidade que passa por uma série de problemas estruturais e falta de apoio estratégico estatal, além do estigma negativo construído em torno dela.

2.4. O Universo do Candomblé

A cultura religiosa popular, com seus ritos e ações fundam o imaginário simbólico religioso do Alto da Bela Vista.

O Candomblé desenvolvido nessa localidade remonta à época de sua ocupação, inclusive um de seus terreiros mais antigo é comandado pela Mãe-de-Santo conhecida por D.Nininha Preta, uma das primeiras a habitar e desenvolver trabalhos religiosos no Alto da Bela Vista. Sempre existiu certo distanciamento preconceituoso ou uma aproximação interesseira dos poderes constituídos na representação religiosa do Candomblé. Até recente, esse distanciamento era oficial como lembra Teles (2005):

Apesar da liberdade de culto ter sido incluída desde a Constituição Federal de 1946, é muito recente a adoção de medidas por parte do Estado no sentido de eliminar os mecanismos legais de repressão sobre as religiões afro-brasileiras. Até janeiro de 1976, as religiões afro-brasileiras estavam na Bahia submetidas à fiscalização da polícia, através da Delegacia de Jogos e Costumes, do mesmo modo que cinemas, cabarés, casas de diversão eram obrigados a pagar taxas e obter licença de funcionamento. (Teles, 2005, pp.147-148).

O Candomblé sempre procurou lugares mais afastados em razão das características de seu culto, sendo uma das pontas de lança da incorporação de novos territórios, à trama urbana contínua que se fará com o tempo. Além de toda uma formação e uma política religiosa contrária aos cultos afro-brasileiros patrocinada pelo Estado, o distanciamento dos centros das cidades era medida de segurança e de fuga das perseguições; hábitos oriundos do tempo da escravidão.

Observando o campo religioso do Alto da Bela Vista entrevistamos o Sr. Z, 70 anos, natural de Santo Antônio de Jesus, há 30 anos conduz os trabalhos no terreiro: Ilê Axé Olójum Onirê Ogum (Foto 09), terreiro que tem 8 anos, sendo antes localizado ao lado da sua residência. Segundo o Pai-de-Santo, o novo terreiro foi uma missão que tinha de ser efetivada em 7 anos, na cidade de Jequié-Ba.

Segundo o seu relato; começou a adoecer⁵² (passou dez anos doente), agravado por uma loucura, desenganado pelos médicos, seus pais o levaram para Salvador, os médicos também não acharam a cura, disseram que cura tinha de ser do Espiritismo. O Espiritismo Kardequista não resolveu problema nenhum. O Pai-de-Santo afirmou que o iniciaram no Candomblé, onde efetivou todos os trabalhos, encontrando a cura e seguindo assim a religião. Antes, da conversão ao Candomblé, pertencia à religião Católica, foi batizado e a família era católica. Até hoje vai e gosta da missa da igreja católica, participa até de batizado. Tem aproximação com os orixás: Oxóssi, Ogum e Oboluaé.

Diferente da igreja católica e o dos evangélicos pentecostais a clientela do Candomblé vem de outras localidades. Segundo o Pai-de-Santo, ele atende mais pessoas de outros bairros (Jequiezinho, Cidade Nova e Mandacaru) e de cidades

⁵² Nesse sentido, bom verificar Rabelo (1998), quando afirma: “Compreender o contexto que conduz a doença e a saúde requer compreender as relações entre o humano e o divino estabelecidas na religião, no cotidiano do terreiro e nos contextos rituais. No candomblé considera-se que cada indivíduo pertence a um orixá que é dono da sua cabeça. Os orixás cultuados em um terreiro correspondem a modelos gerais, cada qual associado a certos elementos da natureza, a cores, dias e sacrifícios, e possuidor de certos traços de personalidade, conforme se pode ver através dos seus mitos”. (Rabelo, 1998, p.9).

circunvizinhas (Ipiaú, Itabuna, Ilhéus e Maracás entre outras). Ele trabalha por correspondência com pessoas de São Paulo, Salvador e do Espírito Santo.



Foto 10 – Frontispício do Terreiro

Fonte: PC - 2006

Quando indagado sobre o índice de freqüência dos moradores do Alto da Bela Vista ele afirmou:

[...] São mais de fora...existe alguns, nê...divide.,nê? divide as religiões...uns são católicos “mermo”, legítimo, outros são... protestantes, outros são do terreiro mais também freqüentam outros terreiros...acontece...tem alguns daqui, tem de outros bairros, Cidade Nova , Mandacaru , Jequezinho, é tanto que tem reunião que de cada lugar tem, dois , três quatro (Z, Pai-de-Santo).

A estigmatização religiosa é evidenciada nas conversas que tivemos com os moradores. Muitos não gostavam de mencionar sobre o lado religioso afro demarcado no local. Observa-se com certo distanciamento a realidade dos cultos afros e isso repercute nas relações sociais vivenciadas no Alto. Apesar dos terreiros de Candomblé se estabelecerem ao redor das moradias convencionais, como as igrejas; na comunidade não existe uma boa convivência ou apreço por essa religião.

Como sabemos essa marca cultural impregnada no Brasil desde as bases de sua fundação imprimiu uma áurea negativa nas religiões-afros. O próprio Pai-de Santo afirmou:

[...] Às vezes... eles...não aceitam...A religião africana, nê ? que são...os terreiros de Candomblé... eles não aceitam... acham que todas... é...tipo de macumba, é pra ofender, é pra fazer mal aos outros. (Z)

Com efeito, o Alto da Bela Vista é composto por uma pluralidade religiosa que se cruza em universos paralelos ofertando ao público local uma diversidade nas prestações dos serviços simbólicos. A relação tensa e cordial reina na localidade, apesar das diferenças entre os cultos e os ritos. O Candomblé segue a sua trajetória com poucos adeptos da localidade e muitos visitantes de outros bairros e cidades, perfazendo assim o espaço religioso do Alto.

3. A Religião (Pentecostal e Católica) e seus aconselhamentos na política eleitoral do Alto da Bela Vista

Nos itens anteriores, observou-se a investida das igrejas com o discurso da salvação orientando-se para a pobreza, pois esta é a motivação primeira das pessoas em busca de uma religião radical que promete a salvação neste mundo, tal como preconizava Weber (2004) em sua compreensão da função social da religião. A política, como organização da administração da vida social e das formas de estar no mundo em relação aos interesses plurais, tem também o mesmo telos: organizar da melhor forma a vida sobre a terra e contemplar de modo mais pleno possível a diversidade de interesses em um regime político concebido como democrático.

Assim, neste pequeno espaço comunitário, sem serem excludentes, essas duas forças, em seus campos específicos, se movem para conquistar os moradores e se fortalecerem, defendendo cada qual o seu campo nos mercados de cura e salvação (cf. Bourdieu) e no mercado das ideologias partidárias, aqui se podendo tomar emprestado a Gramsci (2000) quando se remete ao Estado:

[...] tem e pede o consenso, mas também 'educa' esse consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente[...]. (Gramsci, 2000, p. 119).

A noção de hegemonia, que partidos políticos formais procuram consolidar, também com o discurso de *salvação*, só que não pelo sagrado, mas pela eficácia das realizações materiais e imateriais de superação das carências em infra-estrutura e de prestação de serviços. A noção do “homem bom”, aquele que vem para

resolver os problemas, aparece bem nítida na configuração dos perfis dos candidatos.

Apesar dos históricos⁵³ de mobilizações e das reivindicações dos moradores, no Alto, a política é conceituada de forma desconfiada como mais um instrumento de conseguir benefícios particulares ou para a comunidade. Cultura herdada através das desilusões e da falta de credibilidade na política brasileira. A promessa de cargos e funções no poder público local, a resolução de problemas estritamente particulares ou algumas melhorias para a comunidade é a tônica conceitual e a voz coletiva sobre a política. Dessa forma, Carvalho (1997) menciona:

As relações clientelísticas, nesse caso, dispensam a presença do coronel, pois ela se dá entre governo, ou políticos, e setores pobres da população. Deputados trocam votos por empregos e serviços públicos que aconselham graças à sua capacidade de influir sobre o Poder Executivo. (Carvalho, 1997, p.233).

As ausências e as urgências para se viver melhor é a interpretação dada à política. Uma visão padronizada e arraigada nos erros culturais da vida pública do país consubstanciada no clientelismo e no mandonismo, visões remetidas e caracterizadas nos fundamentos da História do Brasil, na época dos coronéis que vem permanecendo viva até hoje. Sobre o coronelismo e as suas características: o mandonismo e o clientelismo⁵⁴.

Líderes religiosos, moradores e líderes comunitários seguem essa forma de pensar que é tida como verdadeira e reproduzida nos seus discursos. Usando e sendo usados por esse mecanismo.

Nos centros urbanos, encontramos a presença de um clientelismo distinto do rural, sem o caráter monopolizador de recursos e meios de existência do eleitorado, como no tempo dos coronéis. A heterogeneidade das sociedades complexas permite o eleitorado – em diferentes níveis, segundo suas possibilidade de acesso às informações-opções mais ou menos viáveis para usar seu voto, segundo benefícios imediatos através de trocas (voto-troca) ou utilizando-se em fins mais “coletivos”, por exemplo. (Fonseca, 1996, p.40).

⁵³ Como já mencionado nesse estudo a fundação da comunidade, a implantação da energia elétrica, a água encanada o projeto PHB-BID e outras melhorias. Décadas de 80, 90 e início de 2000.

⁵⁴ Nesse aspecto é bom verificar o que Carvalho (1997), nos ensina: “A terminologia usada para discutir poder local na Colônia, no império, ou na Primeira República, reflete visões do Brasil de hoje ou mesmo visões mais gerais sobre as leis e tendências das trajetórias das sociedades.” (Carvalho, 1997, pp.244-245).

Ao investigar as participações das entidades religiosas na vida da política eleitoral da localidade constatamos um discurso com certas "reservas", quando se fala de religião e política. Nas entrevistas e conversas muitos afirmaram que a religião e a política não se "misturavam", todavia, ao decorrer do trabalho verificamos que todos os líderes espirituais pesquisados apoiaram ou ainda apóiam candidatos e políticos locais, que por sua vez são apoiados por eles nas suas ações e nas melhorias dos seus trabalhos. Cabe novamente refletir, conforme afirma (Oro, 2003), mesmo com a Proclamação da República, em 1889, onde o Estado foi separado da religião a nossa forma de conduzir a vida pública, ainda vincula-se, sofre influências dos desígnios do campo religioso:

[...] malgrado a separação oficial entre igreja e Estado, a história das relações entre política e religião no Brasil sugere menos a existência de autonomia e oposição entre esses campos de que de continuidade, ponte, trânsito e passagem, o que resulta na dificuldade de se traçar fronteiras claras. (Oro, 2003, p.64).

As interfaces entre a política e a religião se completam com esses laços simbólicos, entre os fiéis e a direção política da igreja, sobretudo a pentecostal. É um poder revertido de símbolos que atuam no imaginário religioso desse público e que controlado se materializa na política. Os pastores, sobretudo, aconselham abertamente, às vezes de forma sutil, para os fiéis votarem em determinados candidatos, sendo uma das justificativas para o crescimento na política da fé pentecostal.

Em entrevista realizada, um pastor pentecostal do Alto da Bela Vista, dá o seu depoimento, afirmando inicialmente à separação entre religião e política, todavia, logo adiante, em sua fala, menciona a sua participação e o seu pensamento sobre o tema.

Política chama política... né?...a gente tem que participar..na verdade.. tem que votar e até mesmo gente apoiou uma certa pessoa...é...o Pastoleiro⁵⁵, apoio como vereador...e veja bem... a gente apoiou ele e foi eleito....a gente tem que está envolvido no meio da sociedade...não apoiar dentro da nossa igreja, porque a nossa igreja só e pregar o evangelho...não dentro de nossa igreja, mas quando precisa do apoio, do alcance que e a gente pode dar, a gente ajuda. (Pastor, Y)

⁵⁵ Apelido do vereador: Valdemir Souza Braga-PSDC que obteve 19 votos totalizados das seções eleitorais, da zona 23, localizada no Colégio Estadual Simões Filho, no Alto da Bela Vista, em 2004. Local de votação: n. 1.457. Fonte: <http://www.tre.ba.gov.br> (Acesso em 05.07.2006)

As carências de inserção no âmbito social urbano fazem das igrejas pentecostais uma espécie de apoio, de mediador entre os fiéis e as autoridades. A relação é clara: de interesses mútuos. Observa-se que no decorrer dessa pesquisa a Prefeitura Municipal de Jequié, tinha uma série de ações previstas para serem realizadas: como gincanas educativas, aumento da estrutura física do posto de saúde, iluminação, entre outras. Faz-se a observação de que as relações entre os líderes comunitários e religiosos são muito próximas com o poder público local.



Foto 11 – Muros das casas pintados nas eleições de 2006
Fonte: PC - 2006

Esta passagem não se deu do dia para a noite. Desde as primeiras eleições pluripartidárias, em 1982, havia sinais de que, nessas águas, algo se movia nesse sentido. “Abandonando-se a longamente a cultivada atitude de não se envolver na política, aqui e ali se registram ocorrências do recém despertado interesse no voto”. (Pierucci, 1989, p.108)

Essa vinculação da busca pelo poder institucional, merece atenção, pois ela também está contida, dentro das possibilidades das construções dos símbolos e imagens. Existem discursos que “satanizam” os candidatos oponentes, afirmando assim, essa mistura intrínseca entre a religião e o poder político institucional.

Um exemplo clássico foi o segundo turno da eleição presidencial de 1989, quando os pentecostais, sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus, apoiaram

Collor com todo o fervor e chegou até a “satanizar” o candidato Lula. O desdobramento desse episódio, todos nós sabemos: a vitória de Collor, não por causa exclusiva dos pentecostais, mas com as suas consideráveis ajudas. Nesse campo, o poder religioso mostra a sua face. Balandier (1982) ajuda-nos a refletir:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza esse conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. (Balandier, 1982, p.7).

As analogias dos candidatos de oposição com o maligno não é nenhuma novidade, nessa manipulação organizada pelos pastores e os seus interesses políticos maiores. A candidatura de Lula em 2002 e a vitória nas eleições, aliança do PT com o PL, em parte controlado pela cúpula da Igreja Universal, mostra claramente essa conjugação entre os interesses políticos e religiosos da cúpula dessa fé religiosa, que estão acima dos interesses dos seus fiéis. Como bem ressalta-nos Guertz (1978):

A religião é sociologicamente interessante não porque descreve a ordem social, mas porque modela. Não é uma “representação” da sociedade, nem das forças em conflito na sociedade, mas uma esfera autônoma de construção simbólica em constante interação com a ordem e como poder, modelando-se continuamente. (Guertz, 1978, p.136).

A Igreja Católica, também participou das últimas eleições municipais. Em entrevista, o padre responsável afirma que apresentou a comunidade dois candidatos ao cargo de vereador: Reges Silva (PT)⁵⁶ e Domingos Ailton (PV)⁵⁷.

No seu depoimento o padre ressalta que não pediu votos para os candidatos, mas que apenas apresentou-os com finalidade de deixar a comunidade esclarecida sobre as eleições. Todavia, ao apresentá-los em missas ou em atividades religiosas,

⁵⁶ Vereador eleito pelo PT-Partido dos Trabalhadores, obteve 150 votos totalizados das seções eleitorais da zona 23, localizada no Colégio Estadual Simões Filho, no Alto da Vela Vista, em 2004. Local de votação: n. 1.457. Fonte: <http://www.tre.ba.gov.br> (Acesso em 05.07.2006).

⁵⁷ Candidato ao cargo de vereador pelo PV - Partido Verde, obteve 12 votos totalizados das seções eleitorais da zona 23, localizada no Colégio Estadual Simões Filho, no Alto da Vela Vista, em 2004. Local de votação: n. 1.457. Fonte: <http://www.tre.ba.gov.br> (Acesso em 05.07.2006).

a igreja demonstra quais são os candidatos defendidos e direciona os votos dos fiéis e simpatizantes. Vejamos o discurso:

Os dois candidatos... Foram apresentados igualmente em todas as paróquias... E teve apoios iguais, não houve destaque lá em cima (referindo-se ao Alto)... Os dois candidatos... Réges Silva (PT) e Domingos Ailton (PV), esses dois candidatos foram apresentados, não obrigando ninguém, nós analisamos, são pessoas filhas da Paróquia que tem serviços prestados tanto a comunidades de fé, e aí nós apresentamos, igualmente. (Padre).

A relação da Igreja Católica com poder político não é novidade. Desde as Cruzadas até o povoamento do Brasil o vínculo estreito entre fé católica e poder político caminham juntas, porém autônomas.

O reflexo desse apoio foi a boa votação, de 150 votos obtidos pelo então candidato Réges Silva (PT), culminado com a sua eleição. As participações nas reuniões em projetos para a comunidade, o envolvimento com a realidade local e o alinhamento com os aconselhamentos da Igreja contribuíram para a sua eleição. Nesse aspecto, Bourdieu (2002), afirma:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos. (Bourdieu, 2002, pp.33-34).

A inclinação ou o apoio para um determinado candidato está repleto de simbolismo e de artifícios nas estruturações mentais e das ordens dadas aos fiéis.

Os interesses da manutenção de representantes na esfera pública; tem como um dos objetivos viabilizarem as demandas materiais e concretas da população carente, organizando assim um ciclo que alimenta o domínio do campo simbólico. Essa relação, essa forma de operar serve para garantir a sustentação da Igreja Católica na comunidade do Alto e em outras localidades.

No capítulo seguinte; iremos adentrar na parte final do trabalho, onde observaremos a formação identitária do Alto da Bela Vista, enfocando o estigma construído através do nome Inferninho que foi “dado” a localidade na intenção de demarcar espaço e difundir discursos contra a população do Alto.

CAPÍTULO 3

DA IDENTIDADE: DO INFERNINHO AO ALTO DA BELA VISTA: DISCURSOS EM BUSCA DA CONFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

3. Do Inferninho ao Alto da Bela Vista: discursos em busca da confirmação de uma identidade

O objetivo desse último capítulo é problematizar a cerca das questões que envolvem o processo de construção da identidade local, averiguando, sobretudo, os aspectos ligados à duplicidade dos nomes (Inferninho e Alto da Bela Vista), nessa comunidade. Dessa forma, finalizaremos (por hora) nossos estudos proporcionando ao leitor um olhar sobre a comunidade do Alto da Bela Vista, cujos eixos principais se articularam entre a sua origem (Cap. 1); entre o campo religioso (Cap.2) e por fim, sobre o processo de consolidação de sua identidade.

A análise se estenderá em averiguar a construção identitária⁵⁸ encontrada na transição entre o nome: Inferninho, o qual é um nome vinculado, aparentemente, ao universo dos tipos de violências difundidos no local, principalmente, a droga; para a consolidação do nome Alto da Bela Vista, o qual vem sendo construído pela comunidade com o intuito de se reestruturar identitariamente.

Encontraremos em uma única localidade dois nomes e um processo de transição de identidade, onde os discursos subjacentes se opõem provocando sentimentos que se materializam em ações praticadas no cotidiano dos moradores e das pessoas e instituições envolvidas com esse espaço.

3.1. A origem do Inferninho: prólogo de um conflito identitário

Como já mencionado⁵⁹, o Alto da Bela Vista também é conhecido na cidade pelo nome de Inferninho. Essa nomeação não foi originada no próprio local. Segundo informações dos moradores mais antigos, esse nome tem início na década de 80 e remonta a Rua Umberto de Campos, perto das imediações do *Cedil* (um largo que serve como ponto referência aos moradores da região e de Jequié) que interliga o bairro Joaquim Romão a comunidade Alto da Bela Vista.

⁵⁸ Nesse quesito atentamos para as formulações de identidade estabelecidas nesse trabalho, não corresponde a um modelo fixo conceitual sobre a mesma, pois utilizamos de formulações que servem para amparar a análise de nossos estudos, mas não estamos propondo elaborar uma definição conceitual de identidade. Nesse quesito, concordamos com o pensamento de Hall (1998) quando afirma que é esse conceito é complexo e pouco compreendido na Ciência Social Contemporânea. Dessa forma, advertimos ao leitor que as formulações sobre o conceito de identidade não são conclusivas, mas como já mencionado, utilizadas sobre os olhares dos variados autores que nos guiarão nessa investigação.

⁵⁹ No capítulo 1, sobre a origem e o processo de ocupação do Alto da Bela Vista.

A designação, nas explicações dos moradores, advém do elevado índice de violência ligado ao tráfico de drogas e dos conflitos que existiam entre os traficantes e a polícia, todavia com o crescimento populacional do Alto e as ações contra o tráfico local desenvolvidas pela polícia, favoreceu a migração dos moradores da Rua Umberto de Campos e imediações, levando consigo, o cidadão de bem, além de muitos traficantes e praticantes de outros crimes, para a localidade que hoje se chama Alto da Bela Vista.



Foto 12 - Largo do Cedil, através das ruas que o cruzam se chega ao Alto da Bela Vista
Fonte: PC- 2006

Sabemos que a construção de uma identidade tem várias referências e perpassam várias óticas, mas é certo destacar que os crimes ocorridos depois dessa migração, não pararam, favorecendo assim, a consolidação do nome, inferninho, ao Alto da Bela Vista. Essa área, como outras em tantos lugares do país; são afastadas do centro da cidade e o poder público tem ações, porém insuficientes. Além disso, como já destacado nesse estudo, há efetivamente uma carência de renda dos moradores e problemas de várias naturezas.

É certo afirmar que esses motivadores sociais negativos, já explorados no primeiro capítulo desse trabalho, colaboram para a construção de uma identidade burilada no meio das carências em forma de exclusão, onde a tônica é a

estigmatização social⁶⁰, mas além dessa falta de apoio no âmbito material, a consolidação do nome Inferninho se *naturalizou*, durante muito tempo, diante os moradores da cidade de Jequié e dos próprios habitantes do local.

3.2. A Violência: construções e reorganizações comunitárias em torno de uma falsa imagem projetada

Vamos continuar nossa exposição abordando como o processo da subjetivação da violência no local interfere diretamente na construção de auto-imagem negativa dos moradores e dos envolvidos com o local.

A projeção negativa de uma auto-imagem é reconhecida no cotidiano dos moradores. Essa percepção, de como o centro da cidade lhes observa, é difundida no seu dia-a-dia. Nesse aspecto, quando se fez a seguinte indagação ao morador: Como o centro da cidade vê o Alto da Bela Vista? Vamos encontrar na resposta abaixo a ótica que ele tem sobre essa auto-imagem.

Há uma discriminação do centro com o bairro! Há! [...] Todas as pessoas que foram convidadas para trabalhar aqui não vinham, pois diziam que o bairro é violento... E não é! E não é! Existe um medo! Uma discriminação! (C, morador há 11 anos).

A naturalização de uma identidade local é pré-estabelecida em padrões estigmatizados amparado na estrutura da construção da realidade, bem como todo modelo socialmente elaborado perpassa por ações de grupos e indivíduos imbuídos por interesses e metas propositais, às vezes de forma consciente (objetivamente) e às vezes de forma inconsciente (subjetivamente), mas, sempre objetivando a concluir a ação. Seguindo esse raciocínio, Hall (2005)⁶¹ baliza afirmando que a

⁶⁰ Entendemos esse conceito seguindo as referências de Elias (2000), onde ele valoriza e adverte-nos sobre a importância da visão coletiva na confecção da identidade, dessa forma, observamos que o processo de construção identitária é coletiva e direcionada, nesse propósito ele escreve: "Atualmente há uma tendência a discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um despreço acentuado por outras pessoas como indivíduos. Um modo conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-la como preconceito. Entretanto, isso vale a discernir apenas no plano individual algo que não pode ser entendido sem que se perceba, só mesmo tempo, no nível do grupo." (Elias, 2000, p. 23).

⁶¹ É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma "identidade" em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade

historicidade desse ordenamento e o amparo desses tipos de discursos são trabalhados para moldar a realidade social. As identidades são produzidas dentro das relações sociais.

O ato de repulsa opinado pelo morador em relação aos conceitos emitidos pelo “centro”, fundamenta as ações que são fabricadas pelos não moradores, pois podemos afirmar que as pessoas não residentes, observam o Alto como um local inóspito e de pouco valor. As materializações dessas ações são observadas nas declarações feitas por não moradores que confirmam o discurso explicitado pelos residentes no Alto. Vejamos a declaração de um morador do Centro, quando indagado sobre o local:

[...] É um lugar perigoso... A visão que a gente tem... O conceito é esse... Um lugar perigoso lá no Inferninho [...] Já ouvi falar muita coisa... [...] É verdade mesmo... Pela situação que o povo vive lá... Desemprego, muita coisa ruim, tem essas coisas mesmo lá... Gente cheio de tatuagem... O pessoal passa uma dificuldade muito grande ali... A rua não é pavimentada... O povo lá é carente... O local lá é perigoso... Família muito desorganizada [...]. (J.N, morador do bairro do centro há 37 anos)

A contribuição maior com esse estigma se dá com a difusão do nome Inferninho. Também é certo afirmar que a maior parte da população jequeense não associa o nome Alto da Bela Vista ao Inferninho. Na visão dos jequeenses são lugares opostos que não se comunicam ou não pertencem ao mesmo território. Com efeito, isso é comprovado em nossas observações de campo, com a vivência na cidade e nas entrevistas e conversas tidas os moradores do local ou não. A manutenção dessa estratégia de organização social é definidora para a sustentação dessa realidade⁶².

que tudo inclui uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (Hall, 2005, pp.109).

⁶² Seguindo essa linha de pensamento, na obra: *A Construção Social da Realidade (2004)*, os autores Berger e Luckmann, nos ensinam: Sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se, e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos. Se nos deixarmos absorver pela complexidade dos mecanismos conceituais pelos quais é mantido qualquer universo específico, podemos esquecer este fato sociológico fundamental. A realidade é socialmente definida. Mas as definições são sempre encarnadas, isto é, indivíduos concretos e grupos de indivíduos servem como definidores da realidade. Para entender o estado do universo socialmente construído em qualquer momento, ou a variação dele com o tempo, é preciso entender a organização social que permite aos definidores fazerem sua definição. (Berger e Luckmann, 2005, p. 158).



Foto 13 - O Alto da Bela Vista e sua faceta cotidiana

Fonte: PC- 2006

A utilização do diminutivo de inferno para designar essa localidade vem carregada de proposições negativas e estigmas. Ao observarmos as declarações feitas pelos entrevistados, iremos perceber que a identidade de local perigoso é uma tônica em ambos os discursos. Todavia, sentidos opostos. Cada um defendendo a sua maneira a forma de observar o cotidiano.



Foto 14 - O centro da cidade de Jequié

Fonte: PC- 2006

Enquanto o morador da comunidade defende enfaticamente que o local não é perigoso nem violento, chega a repetir várias vezes, o morador de Centro, quando indagado sobre o Alto da Bela Vista responde sem titubear que é um lugar perigoso.

A idéia de um local perigoso anda imbricada com a consolidação da identidade local. Quando investigados as declarações da nomenclatura de perigoso, atribui-se prontamente que essa comunidade é carente e necessitada. Esse discurso acaba naturalizando a relação direta entre o sinônimo de falta de apoio estatal ou carência material normalizando assim, o ser perigoso, o local violento. Em um estudo efetuado sobre o bairro popular do Nordeste de Amaralina na cidade de Salvador, que se intitula, *A violência: elemento central sobre a formação de identidade de classes trabalhadoras (1998)*, a professora Maria Gabriela Hita, nos esclarece de como o processo de naturalização pode afetar a construção das identidades dos sujeitos submetidos a manifestações da violência.

Em todas estas formas de manifestação da violência se encontra uma certa tendência à sua naturalização, tornando a sensibilidade, a dor e os sentimentos da sua experiência algo próprio, do domínio da micro-física e não apenas algo externo, estrutural, não condizente dos sujeitos que falam. A violência tida como algo próprio, como experiência vivida e exercida pelos sujeitos (e não como meros cúmplices ou vítimas da violência alheia) permite realizar o salto da sua utilização teórica como mera variável explicativa a uma outra de matriz de concepções, de visão de mundo que incide na constituição das identidades e da consciência de cidadania, permitindo demarcar melhor na sociedade e para os próprios indivíduos, as desigualdades sociais, relações de força e situações de conflito em geral, que lhes outorgam um lugar e os situam no mundo. (Hita, 1998, p.31).

Com efeito, assim como no Nordeste de Amaralina, o Alto da Bela Vista também vivencia as experiências no universo da violência. Mas, ao reconhecer os limites dessa violência local, que se aplica em várias dimensões há uma interferência direta na consolidação da cidadania que é trabalhada no local; com a intenção de compreender como as desigualdades sociais são construções humanas e não naturais. Dessa forma, esse processo de consciência cidadã também aflora nos moradores do Alto, em que o natural começa a ser observado com mais atenção e reflexão. Veremos esse assunto quando tratarmos dos mecanismos de defesa organizados por essa comunidade.

O nome Inferninho; permeia a consciência coletiva de Jequié, como se fosse o inferno da construção cristã em que as esperanças são abandonadas⁶³, um local de pecadores, de coisas feias, ruins e perigosas. O medo coletivo se transforma em um estigma coletivo.

Em conversas e entrevistas com moradores e não moradores dessa localidade; observamos que a estigmatização da localidade é muito acentuada nas opiniões. Isso ocorre nos variados níveis educacionais ou de renda.

Em um diálogo com estudantes universitários⁶⁴ de uma faculdade particular de Jequié, quando perguntados se eles sabiam onde ficava o Alto da Bela Vista, todos responderam que nunca ouviram falar ou que se localizava em outra cidade. Todavia, quando perguntados onde ficava o Inferninho, a grande maioria sabia e ainda deu detalhes de como se chegar e emitiram informações sobre a periculosidade do local. Eis a confecção de um discurso, eis o que Foucault (2004), ensina:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2004, p.8)

Os discursos trabalhados no seio da comunidade são excludentes e discriminatórios. Existe uma predisposição de proteção de território e de marginalização de grupos e pessoas. Grande parte dos entrevistados ou de pessoas que conversamos (de outra localidade de Jequié) sobre o Alto da Bela Vista, nunca foram lá, não sabem como se organiza a comunidade, não sabem da vida e do cotidiano dessa comunidade, mas afirma, reproduz, pensa e difunde que lá é um local perigoso e violento.

Em outra entrevista, uma profissional de saúde, que trabalha no local, afirmou como esse discurso ganha corpo na sociedade jequieense.

⁶³Um lugar onde o fogo, o enxofre, o sofrimento e a dor são eternos. Como no clássico da literatura mundial, A Divina Comédia, cujo letreiro na porta do inferno avisa: "Por mim se vai à cidade das dores; por mim se vai à ininterrupta dor; por mim se vai à gente condenada. Foi a Justiça que inspirou o meu Autor; fui feito por Podres Divinais, suma sapiência e Supremo Amor. Antes de mim, havia apenas coisas eternas, e eu, eterno, perduro. Abandonai toda esperança, ó nós que entraís." (Dante, 2003, p. 17).

⁶⁴ Estudantes do 3º semestre do curso de Administração.

[...] às vezes eu estou em reunião e me apresento: eu trabalho no Alto da Bela Vista... Ninguém sabe onde é o Alto da Bela Vista... Ai quando eu falo: eu trabalho no inferninho... Ai todo mundo sabe onde é o Inferninho... Às vezes até para me referi onde eu trabalho, na universidade, na escola, por exemplo, eu digo: olha gente eu trabalho no Alto da Bela Vista... Mas ai me pergunta onde é o Alto da Bela Vista?...Ai eu explico: o Inferninho... Ai todo mundo sabe onde é o inferninho... O Alto da Bela Vista fica meio (D, Profissional da Saúde, trabalha com a comunidade).

A difusão nome do Inferninho é reproduzida⁶⁵, com mais frequência, nas rádios, jornais, em órgãos públicos ou em conversa informais, apesar de se tratar da mesma localidade e realidade, a duplicidade do nome cria uma duplicidade de identidades nos seus moradores e nas pessoas que se relacionam com essa área. Em entrevista⁶⁶, quando perguntado sobre a periculosidade da região o repórter policial nos afirmou que era a área mais perigosa da cidade e quando divulgava uma notícia se “esforçava”, evitava mencionar o nome inferninho, mas, segundo ele, a população jequieense não sabe identificar o local pelo nome Alto da Bela Vista.

É notório que a população do Alto passa por problemas econômicos. Como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 24 - Ocupação Econômica

<i>OCUPAÇÃO</i>	<i>N.</i>	<i>%</i>
Com carteira assinada	53	11,5
Sem carteira assinada	76	16,56
Desempregado	104	22,66
Aposentado	54	11,76
Autônomo	29	6,32
Empregador	03	0,65
Pensionista	05	1,09
Biscateiro	117	25,49
Não respondeu	18	3,92
TOTAL	459	100

Fonte: PHB-BID - Levantamento socioeconômico 2001.

Todavia, não podemos correlacionar diretamente os índices econômicos com os índices de violência no local. A violência se manifesta em um conjunto agregado com várias causas e motivadores. A subjetividade da construção do conceito de violência é uma problemática apresentada no Alto.

⁶⁵ Observações feitas através da escuta dos programas policiais e dos noticiários nas rádios locais das Rádios 95 FM e Rádio 93 FM. Essa reprodução do nome é difundida, sobretudo nos programas policiais. (anos de 2005 e 2006). Mesmo afirmando o nome Alto da Bela Vista, ainda assim se pronuncia Inferninho, para servir como referência aos ouvintes.

⁶⁶ Reporte policial há 12 anos e também colunista da parte policial do Jornal Jequié.

Como já citado, o tráfico de drogas é o maior problema apontado pelos moradores como motivo para a violência. A proliferação do tráfico de drogas em todo Brasil e o *ethos* referenciado pelo narcotráfico do Rio de Janeiro se pulverizam e fazem “escolas” nas mais diversas localidades. O Alto da Bela Vista também está contido nessa lógica.

Nas entrevistas eles reforçaram a idéia de que a droga é o maior problema e é a geradora da violência na comunidade.

Sabemos que a produção da violência está vinculada a um somatório de fatores, tem várias características e facetas, todavia, há uma série de construções coletivas propositadas que não compreendem a violência sob essas perspectivas. Mais uma vez vamos nos fundamentar em Espinheira (2004), quando menciona:

A violência é algo em constante construção, está disseminada por toda a teia social envolvendo elementos dos mais diversos. Em nosso caso, consideramos “violência” toda ação, em uma interação social, que um ou mais de um exerce sobre o (s) outro (s), exprimindo constrangimento ou danos físicos ou psicológicos, ou seja, consideramos como violência tudo aquilo que quem sofre admite como sendo. (Espinheira, 2004, p.88).

A droga, por si só, não gera violência, não produz assassinatos, tampouco comete qualquer tipo de crime. Todavia, a interação dessas substâncias com o tecido social fragilizado altera o estado de humor, gerando violências diversas. Interessante mencionar que a comunidade não se considera violenta, como veremos nas entrevistas, e acusam os traficantes de serem de outras localidades, só usam o Alto da Bela Vista para fazerem os seus negócios, mas não residem no local e não existem gangues ou agrupamentos de criminosos organizados.

Concordamos com o pensamento de que transformações e implicações promovidas pelos discursos pré-estabelecidos que ocorrem no imaginário coletivo são falsas impressões do real. A vulnerabilidade e as complicações do tecido social do Alto da Boa Vista são “esquecidas”, pouco faladas quando se aborda o tema da violência. Erroneamente, tudo se explica pela droga. Podemos elencar vários potencializadores dessa falsa conceituação e os seus desdobramentos na formação da identidade do Alto da Bela Vista.

[...] o perigo da violência, mesmo que esta se movimente dentro de uma estrutura não extremista de objetivos a curto prazo, será sempre que os meios poderão dominar os fins. [...] A ação é irreversível, e

um retorno ao status quo em caso de derrota é sempre pouco provável. A prática da violência como toda ação, transforma o mundo, mas a transformação mais provável é em um mundo mais violento. (Arendt, 1985, p.45).

O *ethos* copiado do tráfico carioca também reflete na formação dessa identidade e a coerção social implementada pelos meliantes influencia as opiniões dos moradores, lideranças e profissionais que trabalham na área.

Há uma reciprocidade de proteção, mesmo que articulada nos “subterrâneos” das relações sociais, há também a produção de uma coerção. As sanções, as influências das multidões sobre o comportamento individual, a exterioridade dos fatos sociais através da força coletiva. Eis a fala reveladora do morador.

[...] Já conheci os maiores traficantes daqui... por que eu não denunciava? (pergunta para si mesmo, auto afirmando a opinião) é o seguinte... olha... eles nunca fizeram nada comigo... eu não tenho porque denunciar... entendeu? se eles têm problemas com a justiça...é com a justiça que eles têm problemas...eles não têm problema comigo...muito pelo contrário...eram pessoas que se eu batesse nas portas deles...[...] muitas vezes ocorreu de dar até exames, remédios, darem “adobo” (para construção) [...] os traficantes tem uma relação muito boa com a comunidade.[...] mas aqueles que trabalhavam para eles, eles tinham na palma da mão. (C).

Essa convivência, sob ameaça, está inserida na formação dos moradores do Alto da Bela Vista. É preciso saber se conduzir, existem normas que não podem ser quebradas, como em toda comunidade em que se convive com esse tipo de violência. Uma violência que, segundo eles, vem de fora para dentro, pois consideram a localidade não violenta.

Os caminhos perigosos que fazem parte do Alto da Bela Vista, são caminhos construídos no seio da sociedade brasileira, em que a desestruturação urbana é fruto da falta de planejamento, transformando a população em vítima das desordens. Todavia, em algumas ruas, existem casas que não são visitadas e muitos agentes que trabalham no local mostraram muita preocupação com os filhos, pois já presenciaram alguns tiroteios entre polícia e traficantes.

O problema maior da comunidade, não com o quantitativo maior dos moradores, o que eles apontam são para os pólos de marginais que se apropriaram de certas áreas na localidade, transformando-as em “bocas-de-fumo”, mas no dia-a-dia, reina certa tranqüilidade vigiada entre os moradores. O turno da noite é mais

temido devido a movimentação de pessoas de outros bairros que comparecem no local para buscar entorpecentes.

Com efeito, podemos afirmar que a ampliação da violência no Alto é também fruto dessa estigmatização social, pois em nossas investigações constatamos que o índice de ocorrências policiais⁶⁷ é praticamente dentro dos níveis que pontuam a violência jequeense. Então, é certo afirmar que lá existe uma gama de violência, porém em grande medida ampliada pela difusão dos discursos que observam o local como o Inferninho.

3.3. Processo identitário: a criação, a consolidação e a naturalização

O jogo simbólico de poder antagônico, entre os eixos do centro e da periferia é claramente percebido em três dimensões: a) criação; b) consolidação e c) naturalização, desse nome.

A criação de uma identidade é um jogo de poder entre os diferentes. Aqui fica bem delimitado o poder do centro de produção cultural e econômico em relação a um espaço necessitado de instrumentos que permitam a difusão de suas idéias e padrões. Verificamos que o poder de nomear uma localidade perpassa várias esferas na escala da produção simbólica, onde o nome é a materialização de um conjunto de conceitos estabelecidos em conformidade com o julgamento criterioso de quem o produz. No caso do Alto da Bela Vista, o que se observa é a maximização de um aspecto: o da violência, para ancorar e imprimir uma identidade nessa comunidade. Nesse aspecto, concordamos com os argumentos de Woodward (2005), quando no seu estudo sobre *identidade e diferença*, menciona:

As identidades são fabricadas por meio da marcação a diferença. Essa marcação da diferença tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas ao menos em parte por meio de sistemas classificatórios. O sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la entre (e a todas as suas características) e em ao menos dois grupos opostos - nós/eles (por exemplo, servos e croatas); eu/ outro. (Woodward, 2005, p. 40).

⁶⁷ Levantamento feito na Polícia Militar de Jequié.

Dessa forma, observamos que os discursos travados entre os moradores da localidade são modelados com marcadores de diferenças que se manifestam no cotidiano, sobretudo quando querem omitir ou *desconstruir* o estigma confeccionado através do nome Inferninho. Na verdade, o nome, apesar de está enraizado no cotidiano ele passa por um processo de negação contínuo.

A reorganização de uma auto-imagem confeccionada ao longo do tempo anda em curso. O dia-a-dia dos moradores e pessoas ligadas a comunidade é repleto de fatos que denotam essa marcação da diferença, isso fica evidenciado quando existe o deslocamento dos habitantes da comunidade para o centro comercial de Jequié.

Existe uma ampliação do conflito identitário quando um morador precisa revelar o nome do local onde reside ou onde trabalha. Isso interfere no mundo do trabalho, no mundo do lazer e nas relações mais simples de identificação de pertença. O estigma social concentra-se nas esferas básicas que agilizam o processo cotidiano dos moradores, a manutenção e a justificativa de uma identidade é uma constante. Ao emitir o local de sua origem também se emite um conjunto de construções simbólicas elaboradas e fundamentadas nos limites universo cultural jequeense. Então, existe um conflito latente, como já mencionado, onde a idéia emanada coletivamente, sobre local, modela a imagem dos residentes do Alto. Sobre esse ângulo, Bauman (2003), colabora com a discussão quando menciona:

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. "Identidade" significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E no entanto a vulnerabilidade das identidades levam os construtores de identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (Bauman, 2003, p.21).

As perguntas cotidianas que poderiam ser respondidas sem grandes esforços são transformadas em conflitos e problemas identitários vivenciado pelos moradores do Alto da Bela Vista. Perguntas que identificam e localizam os sujeitos e seu espaço: onde mora? ou onde trabalha? Todos entrevistados nessa pesquisa demonstram a sua angústia quando foram solicitados a responder essas questões. Sabemos que a ralação de aproximação de um indivíduo na presença de outro é cercada de consultas pré-estabelecidas, nas quais, a necessidade de saber a

origem e a representação do indivíduo é marcante. É o que destaca Eving Goffman (2004):

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informações a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação sócio-econômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (Goffman, p.11, 2004).

É no cotidiano que as ações se cristalizam, o tecido social se manifesta, e as pessoas se relacionam com o mundo. As suas crenças e valores são relacionados com os diversos campos de interesses, cujos mapeamentos dos territórios, onde os de “fora” e os de “dentro”⁶⁸ se confrontam em discursos e ações modulando o *ethos* identitário que defendem. Mesmo nas relações cotidianas em que os de “fora” estão em par de igualdade nos quesitos de renda, nível educacional ou classe social; existe um distanciamento, um estigma velado aos de “dentro” da comunidade. Essa constatação reforça a conceituação de Norbert Elias e J. Scotson, quando demonstram em sua obra: *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), como a luta de um grupo humano mais organizado e que detém instrumentos de poder mais consolidados pode utilizar as suas armas de manipulações para afirmar e modelar a auto-imagem do grupo menos poderoso. Um verdadeiro conflito de interesses⁶⁹.

Essas questões são interligadas a questão de pertença. E leva a construção de universo simbólico identitário em que à classificação entre o eu (morador) e o outro (não morador) ficam latentes extrapolando as questões estigmatizadas visíveis

⁶⁸ Utilizamos essas expressões para designar os moradores dos não moradores.

⁶⁹ Nessa questão vale a pena observamos atentamente o que os autores nos advertem sobre esses mecanismos de poder que são apropriados por certos grupos que estigmatizam os outros. Vejamos: “Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das qual o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer. O desprezo absoluto e a estigmatização unilateral e irremediável dos outsiders, tal como a estigmatização dos intocáveis pelas castas superiores da Índia ou na dos escravos africanos os seus descendentes na América, apontam para um equilíbrio de poder muito instável. Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem desse último e, com isso, enfraquecê-lo desarma-lo.” (Elias, 2000, pp. 23-24).

nessa relação. Essa demarcação de território⁷⁰ se maximiza nas pequenas ações do cotidiano, pois anda carregado de símbolos que modelam essa identidade, um conflito de classe⁷¹ e em um conflito dos bens simbólicos, entre os moradores da localidade e os não moradores.

Há um jogo de poder sempre presente no dia-a-dia dessa comunidade. As regras são delineadas sobre a hegemonia das forças contrárias, produzidas no centro, em que objetivam afastá-la da boa socialização. A imagem do centro, sendo um lugar limpo e de boa articulação com os bens de consumo inseridos no mundo capitalista, enquanto que a “periferia” vive afastada desses bens materiais e sucumbindo com desamparo do Estado. Essas ações desenvolvidas não são aleatórias e se enquadram nos padrões dessa localidade como de outras, em que uma situação de baixa mobilidade social favorece o certo distanciamento entre o centro e a periferia. Há um movimento de repulsa em desenvolvimento contínuo.

3.4. Mecanismos de defesas: a busca pela afirmação da identidade no Alto da Bela Vista

Os mecanismos de defesa da comunidade sempre estão em alerta. Criam e reforçam uma identidade, mesmo sendo questionada e ignorada pelos agentes externos. Existem ressalvas e um corolário de idéias que internamente não se estabelecem pelo medo, nem pelo “ar” de violência, nem tão pouco de um local perigoso como foi mencionado por não moradores. Há um discurso modulado em prol dessa proteção e atinge a todos que se relacionam com a comunidade.

⁷⁰ E aqui nos remetemos a Milton Santos (2005) quando defende uma concepção mais ampla de território em que as projeções humanas nos campos de sua materialidade e símbolos se confeccionam conjuntamente no processo de solidificação identitária. Vejamos: “O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre o que eles influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população.” (Santos, 2005, p. 97).

⁷¹ Amparado nos argumentos de Bourdieu (2004), atentamos para a pluralidade de campos que modelam a identidade desse local, onde além das questões econômicas e de estrutura material urbana existe outras variáveis que compartilham essa modelação identitária dos indivíduos que residem por lá. Com efeito, corroboramos com o autor quando menciona: “Uma classe jamais pode ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações, que mantém objetivamente com as outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provêm do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos das outras classes sociais, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática tendendo a transmutá-las em distinções significantes”. (Bourdieu, 2004, p.14)

Vejamos o que nos afirma uma profissional a saúde que trabalha há mais de quatro anos no Alto:

*[...] Aqui dentro da unidade nunca houve fato nenhum que chamasse a atenção... É muito tranqüilo aqui... A gente não tem problema nenhum... o que tem é assim, digamos: às vezes curativos de usuários que vem aqui, que tá drogado, geralmente pesso para a porta ficar fechada... a gente nunca teve nenhum desrespeito aqui dentro, nenhum fato, nenhum roubo. nem nada...Acontece muito fora na área...ontem mesmo um rapaz...(Baixa o tom da voz e fala quase que sussurrando) um traficante da área foi baleado com com oito tiros... e morreu na área...mas...ai é... foi à tarde, não é à noite...acontece muito...aqui tem muita violência, mas por conta disso mesmo...dessa questão de tráfico e de drogas na área...por que é área que tem mais isso aqui em Jequié...mas, aqui no posto é um **ceuzinho**, não tem nada de **inferninho**[...](grifos e observações nossos). (D).*

São várias as defesas organizadas⁷² pela comunidade a fim de se proteger dessa modelação, da idéia confeccionada, como já bem debatemos, sob uma teia de interesses. A utilização do antônimo “ceuzinho” mencionado no depoimento acima, mostra como uma idéia de repulsa ao nome inferninho é demonstrada e a defesa sobre o desejo do mundo que cerca os moradores e trabalhadores da comunidade é difundo. Aqui, vale ressaltar, que esse conceito de violência construído socialmente é maximizado nas partes periféricas empobrecidas das cidades, já que, em invés de se desconstruir esse estigma de violência ele é ampliado e pulverizado em toda sociedade. A resistência em prol dessa nova identidade é uma tônica na vida dos moradores.

O diálogo contínuo na formação e na afirmação de uma identidade apontado por Hall (1998)⁷³, é vivenciado no Alto da Boa Vista de forma sistemática. Nesse sentido, de tanto mencionar e afirmar uma identidade, a comunidade acaba fragilizada e cedendo às pressões expressas no pensamento da maioria. Vejamos o que nos afirmou o repórter policial entrevistado:

[...] Olha... “inferninho” não é nome nem é bairro... o bairro (comunidade) se chama Alto da Bela Vista...eu acho se há essa mudança já deveria mudado e há muito tempo...por que...o local não

⁷² Essas ações em defesa do nome Alto da Bela Vista são compostas de várias frentes: nas igrejas, no projeto PHB/BID e a própria comunidade desenvolve-as. O critério é modificar a imagem negativa difundida na cidade.

⁷³ Mas, sabemos que a resistência não é tarefa fácil, pois a identidade se modela no mundo difícil e defensor de estigmas, com nos afirma o autor: “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 1998. p.11).

se trata de inferno... "Deus o livre!" daquele povo que ali mora se conhecesse o inferno... "Deus o livre!" eles de conhecer o inferno... eu acho que os próprio moradores diante de muitas brigas e de todos os fatos que ocorrem em Jequié...baseados em delitos...os delinqüentes correm para lá por que tem comparsas...para aquelas bandas...refúgio...naquela localidade...ai os próprios moradores apelidaram aquilo de "Inferninho"... que eu sou contra até hoje! (G, Repórter policial há 12 anos).

A criação de ações socializadoras, de reuniões, de participação no processo eleitoral da associação, o slogan: "gente é para brilhar"⁷⁴, difundindo pela localidade, o projeto do PHB/BID, somados a outros mecanismos de defesas e de ataques reforçam o conflito entre a opinião do Alto da Bela Vista, sobre ele mesmo, sobre a sua identidade e as elaborações feitas pelos não moradores. Um dos projetos atuais foi à mudança das ruas para o nome de flores, sol; onde todos os nomes são ligados a uma visão bucólica da natureza. O PHB/BID vem desenvolvendo ações através de oficinas de cidadania, de meio-ambiente visando o público adolescente e o público em geral; utilizando assim esses espaços para difundir a idéia de cristalizar esse nome.

Outro fato relevante dentro dessa análise é o apego e o bem querer dos moradores sobre a comunidade. Esse fato contraria o pensamento geral que se estabelece sobre o Alto da Bela Vista. Os moradores e as pessoas que trabalham com a comunidade têm uma posição muito determinada quando se aventa uma possibilidade de mudança do local.

Mesmo reconhecendo as dificuldades da comunidade, eles não cogitam trocar, por exemplo, a morada ou o ambiente de trabalho da comunidade do Alto da Bela Vista, por uma no centro da cidade. Essas questões revelam, em parte, as visões dos moradores sobre o seu território, bem como maximizam o respeito e o trato cuidadoso para com sua comunidade. Apesar das fragilidades sociais observadas no tecido social que ampara esses sujeitos, é visível a busca por uma unidade comum em torno de proteger e valorizar a localidade, isso reflete no processo de humanização, pois se ampara no conjunto das relações sociais interdependentes.

A valorização de um sentimento de segurança e de estabilidade garante a diferenciação em um mundo de incertezas onde a insegurança molda os homens e

⁷⁴ Camisas observadas no mês de janeiro de 2006 em pleno processo eleitoral da Associação de Moradores do Alto da Bela Vista.

mulheres. Nesse sentido, quando um morador do Alto da bela Vista foi indagado sobre um desejo de mudança de local, ele respondeu com a franqueza e a serenidade de quem mora há muito tempo no local:

[...] Olha... Eu não vejo essa vontade da população daqui morar no centro, não... Eu mesmo (para e fica refletindo)... Eu mesmo não tenho... A menor vontade de sair daqui... Para ir para o centro... E olha que eu já morei no centro... Mas aqui... O centro é assim você parece que está em outra cidade... Entendeu? É... Eu sou acostumado a sair na porta e acenar para meu vizinho do lado e no centro não é bem assim... Entendeu? Aqui a gente ainda continua falando com o vizinho e ainda mantém a nossa janela aberta... O centro já não é assim... O centro é de porta fechada... Você às vezes mora na mesma rua... Você conhece seu vizinho de um lado de outro... Mas você não conhece a pessoa... Entendeu? (C).

Nessas breves palavras observamos que a lógica da proteção, da familiaridade e do sentido de comunidade⁷⁵ andam solidificados no universo simbólico desse local. O ato de conhecer uns aos outros no plano próximo e previsível, potencializa o sentimento de unidade em torno de uma consolidação identitária, contornando as ações e práticas cotidianas de seus habitantes. Ao contrário dessa concepção, eles observam o centro como um lugar onde as relações de proximidade são diminuídas e fracionadas.

⁷⁵ O sociólogo, Bauman (2003), faz uma exposição geral do que vem a ser o desejado conceito de comunidade em um mundo onde a insegurança e a instabilidade são as regras. Nesse aspecto, concordamos com a seguinte definição que ele propõe: “[...] a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o sol o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos em um dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que está alertas quando saímos prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala estar de prontidão a cada minuto”. (Bauman, 2003, pp.7-8).



Foto 15 - Placa em uma residência indicando o nome do local
Fonte: PC- 2006

Nesse aspecto, o vazio produtivo, essa marginalização “forçada”, confeccionada e o afastamento do centro urbano da cidade⁷⁶ é um terreno fértil para os mais diversos discursos de estigmatização dessa localidade.

A violência, o tráfico de drogas e outras variáveis como já mencionadas foram relevantes para a confusão identitária formada entre o nome Alto da Bela Vista e o bem mais difundido Inferninho.

O certo é afirmar que, com o passar dos anos e com ações desenvolvidas por essa comunidade, o nome Inferninho poderá ser apenas uma página decadente da história jequieense.

As marcas das faltas de apoio estatal e da estigmatização social ficarão presente na memória dessa população, mas as histórias de resistências e lutas serão lembradas por todos quando as dificuldades chegarem.

⁷⁶ O estigmatizar de bairros justifica o Estado em não fazer presente na prestação de serviços que, atendidos, favoreciam, em muito, decisões em seguir as normas e as leis ao invés de se tornarem vantajosas as transgressões. Nos senso comum o ditado popular: “a ocasião faz o ladrão” situa bem a questão de desnaturalizar o comportamento humano, colocando face ao cálculo do tipo custo / benefício, incluindo o pano-de-fundo moral da formação das pessoas. O homem como produto do meio não é mais visto como uma verdade, e sim que há pessoas naturalmente ruins e orientadas para o crime. (Espinheira, 2004, p.56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar uma comunidade não é tarefa fácil, pois encontramos vários ângulos de investigações que possibilitam inúmeros olhares. A comunidade não é estanque, não é imóvel; ao contrário é dinâmica e modificável. Os agentes vivos causam e sofrem reações contínuas.

Uma análise sociológica com um recorte de tempo preciso, como o nosso estudo, nos apresenta uma parcela finita sobre as linhas investigativas perseguidas. Em outras palavras, não se pode exaurir as análises sobre uma comunidade, porque ela é viva. O que se pode fazer é, dentro das limitações científicas, que não são poucas, uma compreensão dos objetivos traçados sobre o objeto estudado.

Foi com esse sentimento que chegamos ao “fim” desse trabalho, o tempo se expira, assuntos devem ser concluídos, mas a vida continua na comunidade do Alto da Bela Vista.

O estudo proposto teve como objetivo o desafio de investigar a comunidade do Alto da Bela Vista sob três focos de análises, sendo que o primeiro se ateve ao processo do seu surgimento, da sua ocupação, dos agentes envolvidos nesse momento e por fim as intervenções do PHB-BID. Precisamente, um estudo sobre a origem da comunidade.

Nesse aspecto, verificamos que a origem dessa comunidade é acompanhada pelo movimento nacional de migração e de moradia ocorrido no Brasil nos anos 60, 70 e 80, decorrente da falta de planejamento do poder público em projetar e executar ações no campo da moradia, sobretudo para as camadas desfavorecidas economicamente, gerando assim, um processo de urbanização errôneo, onde os privilégios do apoio estatal giram em torno dos grandes centros detentores de capital econômico.

No caso do Alto da Bela Vista, todo o processo de ocupação para moradia foi ordenado seguindo a lógica própria dos moradores, onde as construções de casas e das ruas eram feitas de forma minimamente organizadas entre eles, sem aval de técnicos ou especialistas, denunciando assim a omissão do Estado. Também constatamos que a Igreja Católica teve um importante papel nesse processo, pois a organização de mutirões e das reuniões com as autoridades da época surtiram bons

efeitos para a comunidade, proporcionando também um bom retorno no campo religioso e simbólico para a Igreja.

Por outro lado, chegamos à conclusão de que o PHB-BID foi uma grande conquista da comunidade, que melhorou consideravelmente os aspectos da moradia e de qualidade de vida de uma parte dessa população. Todavia, ainda encontra-se em andamento, um desafio maior e com muita dificuldade a ser implementado, que seria tão relevante quanto o processo de urbanização da área, a criação urgente de mecanismos eficazes de inclusão social desses moradores, no campo do trabalho, da renda e do emprego.

Essa é a maior cobrança dos habitantes do Alto da Bela Vista, onde o nível de desemprego é alto e vem ameaçando constantemente, de forma negativa, o seu tecido social. Foi detectado que desde a aplicação das primeiras ações dos PHB-BID no ano de 2001 até os últimos dados coletados em 2006, não houve variação considerável nessa área. O maior problema que ainda aflige a população é o desemprego.

As ações governamentais não conseguem atingir o centro crucial do problema no local, precisando ser reordenadas e aplicadas com mais eficácia e seriedade sendo encaradas como um problema tão grande quanto, ou maior, ao da pavimentação de ruas e construções de banheiros.

Na segunda parte desse trabalho tivemos como propósito fazer uma análise do campo religioso local, em que atentamos para a economia simbólica dos universos religiosos que alimentam o Alto da Bela Vista; observando, sobretudo, o campo religioso do Católico, do Candomblé e do Pentecostalismo, dando mais ênfase a esse último devido ao seu crescimento contínuo em que vem ocorrendo no movimento religioso brasileiro.

Ao adentrar nessa etapa da investigação verificamos que o universo religioso da comunidade é contemplado de forma plural com as três religiões, todavia com destaque para o pentecostalismo que vem crescendo e ocasionando uma diferenciação em relação às demais. Foi notado que a difusão dos discursos pentecostais são fundamentos em três esferas:

A) a conversação e explicação para os problemas⁷⁷ do cotidiano dos moradores;

⁷⁷ Mais evidenciado nessa ordem: emprego, saúde e moradia.

B) a relação de vida próxima (dos pastores e fiéis) dando um sentido de coesão coletiva;

C) o oferecimento de um ethos de vida que ameniza os sofrimentos das vidas de uma parcela dessa população que é o propulsor dessa fé no local.

Os pastores servem como conselheiros e auxiliam em atividades do dia-a-dia da população. São realizadas correntes de orações, cultos domésticos e atividades de visita domiciliar que são ferramentas fundamentais no trabalho desses religiosos.

Com essas constatações fizemos uma relação com os índices socioeconômicos do local e verificamos que esse tecido social é fértil para determinadas práticas simbólicas, onde os discursos são confeccionados em uma base material concreta e fértil para a propagação dessas idéias. Concluímos que o crescimento dos evangélicos é um jogo de interesses entre as ânsias de uma boa vida e uma idéia de pertença para esses moradores e a ampliação de fiéis consumidores dessa simbologia manipulada pelo corpo de especialistas, que são os pastores e obreiros.

No âmbito da Igreja Católica, encontramos elementos que afirmam a importância dessa fé na origem do local, com a implantação de mutirões e da organização da comunidade no início de sua ocupação, bem como os serviços ministrados da Creche Nossa Senhora de Fátima, os cursos e as ações desenvolvidas para a melhoria social do local.

Também verificamos que assim como a fé pentecostal no local, acompanha o movimento brasileiro no seu crescimento e solidificação, a Igreja Católica no Alto da Bela Vista, traça estratégias para não perder os seus fiéis e se preocupa, assim como a cúria brasileira, com o avanço de pentecostalismo. Atestamos dessa forma que existe um conflito latente entre esses especialistas da fé, no Alto da Bela Vista, refletido pelo mesmo conflito existente no cenário nacional, haja vista que os dados dos censos religiosos coletados para a nossa pesquisa apontam para uma perda acentuada de fiéis para o catolicismo brasileiro.

Ainda comentando as análises das constatações do universo religioso do local, vamos observar que no campo do Candomblé, apesar de ser umas das primeiras manifestações religiosas juntamente com igreja católica a se estabelecerem no local, existe muito preconceito e um distanciamento da comunidade em relação a essa religião. Descobrimos que, diferente das demais religiões que abastecem a fé no local, o público consumidor dessa economia é de

outras localidades do município e até de cidades e municípios distantes. Nesse quesito, o Alto da Bela Vista se modela dentro dos padrões históricos da constituição do Candomblé no Brasil. Uma mistura de preconceito luta e esperança.

Nessa parte do trabalho, também fizemos uma breve incursão nos aconselhamentos realizados por essas religiões à política eleitoral. Concluímos em nossos estudos que todos os agentes religiosos, com exceção do pentecostal, afirmaram em não participação no campo da política. O discurso geral era de que “a política e religião não se misturavam”, essa era a tônica das entrevistas e conversas.

Entretanto, quando iniciamos uma análise mais aprofundada encontramos elos de ligações entre muitos candidatos e os resultados das suas votações, bem como os apoios dos Católicos, Candomblé em menor grau e declaradamente dos Pentecostais. Assim ficou patente a relação implícita, mais existente, entre o universo religioso da comunidade do Alto da Bela Vista e a política jequeense. A concluir, de maneira que, mesmo estando vivendo em um país em que a sua Carta Magna separa os poderes constituídos do Estado aos da Religião; o que existe de fato é que no cotidiano de “cada esquina” desse país, as lógicas das relações entre a fé e política andam presentes mais do que nunca.

A última parte do trabalho, direcionamos a nossa atenção para um tema que anda presente no cotidiano da população e que interfere no processo de afirmação identitária dos moradores. Com já vimos, a questão geradora é a dubiedade entre os nomes Inferninho e Alto da Bela Vista que fazem parte do processo de construção, consolidação e naturalização da identidade local.

Vamos comprovar que esse nome Inferninho é oriundo de outra localidade e que foi no processo de mudança de alguns moradores das imediações do largo do Cedil para o local, que hoje é o Alto da Bela Vista. Trouxeram juntamente consigo o nome de Inferninho; gerando assim diversos estigmas sociais e iniciando uma identidade comprometida. A começar pela materialização da idéia de um lugar perigoso e hostil, onde o feio e o inóspito convivem.

A dissipação dessas idéias perpassou para os outros cantos da cidade, gerando uma imagem coletiva negativa do ambiente, tendo como grande justificativa o tráfico de drogas que existia e existe no local.

Com efeito, também verificamos como a imagem de local violento é rebatida pelos moradores e que na verdade, a violência que existe é mais fruto do estigma do que no mundo real. Através da pesquisa chegamos a conclusão que o Alto da Bela

Vista, de fato, é uma comunidade, composta por pessoas de baixo poder aquisitivo, que apresenta pendências sociais a qual tem os mesmo problemas de violência urbana como em tantas outras cidades do país. Nada de diferente acontece no local que não seja dentro da realidade urbana brasileira contemporânea.

Por último, foram demonstrados os mecanismos de defesas implementados pela comunidade com o propósito central de buscar uma afirmação identitária e rebater os discursos que se propagam sobre o nome Inferninho, associando assim a um lugar perigoso. A mudança dos nomes das ruas, as conscientizações e as ações em prol de um lugar feliz para viver, como já apontado, motivam esses moradores na luta cotidiana para afirmar a sua identidade.

Por fim, sabemos que seria insuficiente o espaço aqui proposto para relatar todas as impressões e conclusões retiradas desse trabalho. As entrevistas, conversas, observações, dados e teóricos utilizados; serviram-nos de instrumentos para compreender e responder as indagações feitas no início e no meio desse estudo que daremos; por hora, encerrado.

BIBLIOGRAFIA

Livros, artigos e dissertações

ALVES, Maria Teresa Gonzaga. **Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de surveys**. Opin. Publica, Campinas, v. 6, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762000000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de out. de 2007.

ARÁUJO, Emerson P. **A Nova História de Jequié**. Salvador: GSH Editora, 2005.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. Tradução Sérgio Bath. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BALANDIER, Georges. **O Poder em cena**. Brasília: Editora Unb, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Europa: uma aventura inacabada**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **O Mal Estar da Pós-Modernidade**. Tradução: Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERKENBROCK, Volney, J. **Experiências dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Tradução: Sérgio Miceli. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. CHAMBOREDON, J.-C. & PASSERON, J.-C. **A profissão de sociólogo. Preliminares epistemológicas**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Coisas Ditas**. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O Desencantamento do Mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **O Poder Simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMARGO, E.P.F. ; SOUZA, B.M. & PIERUCCI, A. F.O. **Comunidades eclesiais de base. São Paulo: O povo em movimento.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

CARVALHO, Alonso Bezerra. **Max Weber, Modernidade, Ciência e Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, **Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual.** Dados, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10 de fev. de 2005.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as Pessoas Neoliberalismo e Ordem Global.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil, 2002.

CORDEIRO, Sandra Maria A. **A Busca por Moradia: a Trajetória de Famílias Moradoras em Áreas Irregulares na Poligonal Turquino/Maracanã.** Londrina: UNICAMP, 2006. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=8118> Acesso em: 15 de jul. de 2006.

CUNHA, José Marcos Pinto. **Redistribuição espacial da população: tendências e trajetória.** São Paulo Perspec., São Paulo, v. 17, n. 3-4, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000300022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 de ago. de 2006.

DANTE, Alighieri. **A Divina Comédia.** Tradução: Fábio M. Alberti. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **As Regras do Método Sociológico.** Tradução: Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS. Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESPINHEIRA, Gey. **A ascensão do individualismo e o declínio das religiões ou o mal-estar na racionalidade.** In: Cadernos do Ceas, nº. 160, novembro/dezembro, Salvador, 1995.

_____. **Os limites do Indivíduo – mal estar na racionalidade: os limites do indivíduo na medicina e na religião.** Salvador, Fundação Pedro Calmon, 2005.

_____. **Reencantamento do mundo: individualismo e religiosidade no Brasil.** In: Cadernos do CEAS, nº. 168, março/abril, Salvador, 1977.

_____. **Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador.** Salvador-Bahia: Ministério Público do Estado da Bahia - Universidade Federal da Bahia, 2004.

ESTER, Limonad; BARBOSA, Jorge Luiz. **Entre o ideal e o real rumo a sociedade urbana - algumas considerações sobre o “Estatuto da Cidade”**, Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp13/Geousp13_Limonad_Barbosa.htm> Acesso em 05 de jun. de 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 6ª ed. São Paulo: Edusp, 1999.

FILHO, Antonio, T. **Habitação popular no Brasil: análise do modelo operacional financiado pelas agências oficiais.** Brasília (DF), UNB, 2006, Dissertação de Mestrado. Disponível em : <<http://www.unb.br>> Acesso em: 01 de jan. de 2007.

FONSECA, Alexandre B. **Igreja Universal do Reino de Deus: A Forma Protestante de Religiosidade Popular.** In: Cadernos do Ceas, nº. 155, Salvador, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Microfísica do Poder.** Tradução: Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Tradução: Sandra Regina Netz. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Tradução: de Célia Santos Raposo. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - vol. 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.** Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HAAL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1998.

_____. **“Quem precisa da identidade?”.** In: **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. (Org) Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HITA, Maria Gabriela. **A violência: elemento central sobre a formação de identidade de classes trabalhadoras.** In: XXI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, Vitória, 1998. p. 31.

JACOB, César Romero, et al. **Atlas de Filiação Religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **A diversificação religiosa**. 2004. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a02v1852.pdf> > Acesso em: 08 de out. de 2006.

LALLEMENT, Michel. Tradução: Ephraim F. Alves. **História das Idéias Sociológicas: Das Origens a Max Weber**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LIMONAD, E. **Estranhos no paraíso de Barcelona. Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona**. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, v. X, n. 610, 25 oct. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-610.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2006.

MACHADO, Lia Z. **Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil**. Brasília, UNB, Série Antropologia. 2001. Disponível em:
<<http://www.unb.br/ics/dan/Serie291empdf.pdf>> Acesso em: 15 de jun. de 2006.

MACHADO, Maria das Dores C. **Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas-SP: ed. Autores Associados, 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTA, Arretche. **Relações Federativas nas Políticas Sociais**. In: Revista Educação & Sociedade, vol.23, nº. 8, Campinas, 2002.

MARX, Karl & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Portugal: Editorial Presença; Brasil, SP: Martins Fontes. 1976.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos, História**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, Sociedade e Política: Novas Linguagens do Religioso e do Político**. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1999.

NORONHA, Eduardo, G. **“Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.18, nº. 53, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Francisco de. **O vício da virtude: autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil**. Novos estud. – CEBRAP, São Paulo, n. 74, 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de dez. de 2006.

ORO, Pedro Ari. **A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religiosos e políticos brasileiros**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, nº. 53, São Paulo, 2003.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Tradução: Giselle Unti. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PIERUCCI, A Flavio & PRANDI, Reginando. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Representantes de Deus em Brasília: A Bancada evangélica na Constituinte**. In: Ciências Sociais Hoje, São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1989.

RABELO, Miriam Cristina, et al. **Comparando experiências de aflição e tratamento no candomblé, pentecostalismo e espiritismo**. (versão preliminar). Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/rabelo.rtf>> Acessado em: 20 de out. de 2006.

RABELO, Miriam C.; ALVES, Paulo C. & MARIA, Iara. **Experiência de Doença e Narrativa**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24n1/11317.pdf>> Acessado em: 20 de out. de 2006

RABELO, Miriam C. **Religião e Cura: Algumas Reflexões Sobre a Experiência Religiosa das Classes Populares Urbanas**. Cad. Saúde, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/19.pdf>> Acessado em: 20 de out. de 2006.

SÁ, Tânia; SÁ, Marcelo T. **Os Processos Espaciais Presentes no Espaço Urbano de Jequié-Ba**. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%203/eg0201ts.pdf>> Acesso em: 15 de jul. de 2006.

SANTOS, Bruna; DUARTE, Edmara. & VASCONCELOS, Gilmar. **A concepção dos profissionais do serviço de moto táxi no bairro do Joaquim Romão – Jequié-BA, acerca dos riscos ocupacionais**. UESB, Departamento de Saúde, Curso de Enfermagem, 2001.

SANTOS, Cláudio Hamilton M. **Políticas Federais de Habitação no Brasil: 1964/1998**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_99/td_654.pdf> Acesso em: 20 de ago. de 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SILVEIRA, Wilson J. da Cunha. **Sistema construtivo para habitação social**. Florianópolis (SC), UFSC, 2006, Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://www.ufsc.br>> Acesso em: 12 de jan. de 2007.

SOUZA. Ângela G. **Mudanças urbanas em Salvador no final do século XX**. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/analise_dados/pdf/leiturasba_1/pag_53.pdf> Acesso em: 03 de nov. de 2006.

TELES, Jocélio. **O poder da cultura e a cultura do poder - a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba, 2005.

TOLSTÓI, Leon. **Ana Karênina**. Tradução: Mirtes Ugeda. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Tradução: Elia Ferreira Edel. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Economia e Sociedade, vol.1**. Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. **Ensaio de Sociologia**. 5º ed. São Paulo: Editora São Paulo, 1990.

WOODWARD, Kathryn. **“Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”**. In: **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. (Org) Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Censos, mapas, boletins e revistas

BAHIA. **Economia**. Disponível em: <<http://www.camaradejequie.com.br>> Acesso em: 10 de set. de 2006.

_____. **História**. Disponível em: <<http://www.jequie.ba.gov.br/content/blogcategory/24/122/>> Acesso em: 03 de out. de 2006.

_____. **Mapas 11ª Jequié**. Disponível em <http://www.derba.ba.gov.br/db_map_jequie.htm> Acesso em: 02 de set. 2006.

_____. **Prefeitura Municipal de Jequié**. Disponível em: <<http://www.jequie.ba.gov.br>> Acesso em: 05 de out. de 2006.

_____. **Tribunal Regional Eleitoral da Bahia, Eleições 2004 - divulgação de resultados**. Disponível em: <http://www.treba.gov.br/divulgacao/resultado_1turno/munic/BA36617.htm> Acessado em: 05 de jul. de 2006.

BOLETIM: **Auditoria Cidadã da Dívida**, Brasil, n. 15, 2006. Disponível em: <<http://www.rbrasil.org.br/file/603.pdf>> Acesso em 10 de set de 2006.

BRASIL. **Ministério das Cidades, Programa Habitar Brasil-BID-HBB**. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/index.php?option=content&task=section&id=208>> Acesso em: 03 de set. de 2006.

_____. **Subprograma de Urbanização de Assentamentos Subnormais (UAS), volume A**. Brasília, PHB-BID, 2001, p.2

IBGE. Censos Demográficos de 1950 a 2000.

_____. **Censos Demográficos dos anos de 1980 e 1991.**

_____. **Censo Demográfico do ano de 2000.**

_____. **Indicadores Sociais Divisão de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica 2004.**

_____. **Pesquisa da Divisão Territorial no ano de 2001.**

Revista eletrônica Integração. **IBGE lança Estatísticas do século XXI.** Disponível em: <<http://integracao.fgvsp.br/ano6/11/pesquisas.htm>> Acesso em: 30 de ago. de 2006.

Fontes Eletrônicas

<http://www.bahia.ba.gov.br>

<http://www.camaradejequie.com.br>

<http://www.cidades.gov.br>

<http://www.derba.ba.gov.br>

<http://www.ibge.br>

<http://www.jequie.ba.gov.br>

<http://www.scielo.br>

<http://www.sei.org.br>

<http://www.tre.ba.gov.br>

ANEXOS

ANEXOS A

ANEXOS A1

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES

ROTEIRO DE PERGUNTAS APLICADAS NAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES DO ALTO DA BELA VISTA

1. Como foi formada a comunidade do Alto da Bela Vista?
2. Quando chegou nessa comunidade?
3. Onde você morava antes de vir para esta comunidade?
4. Como obteve informação sobre o local antes de vir morar aqui?
5. Todos os seus familiares moram nesse local?
6. Em que o PHB-BID melhorou a vida da comunidade?
7. O que falta ser desenvolvido pelo PHB-BID para melhorar mais a vida da comunidade?
8. Existe algum político que foi apoiado pela comunidade no período eleitoral?
9. A Igreja Católica ajudou no processo de organização da comunidade?
10. Quais as ações desenvolvidas pela Igreja Católica no início do povoamento neste local?
11. Quando chegaram as primeiras igrejas pentecostais na comunidade?
12. Quais as causas que você atribui ao crescimento das igrejas pentecostais no local?
13. Você já participou de algum conflito com outros moradores por causa de sua religião?
14. Você sabe o porquê do nome Inferninho é dado a comunidade?
15. O que você pensa sobre o nome Inferninho que é dado a comunidade?
16. Quando você menciona que mora no Alto da Bela Vista as pessoas identificam prontamente o local?
17. Você já passou por algum constrangimento por causa de mencionar que mora neste local?
18. Como os moradores do centro da cidade observam a imagem deste local?
19. Você considera aqui um lugar perigoso?
20. Quais são os maiores motivadores da violência neste local?
21. Você gosta de morar neste local?
22. Se tivesse oportunidade de mudar para o centro da cidade você mudaria?

ANEXOS A2

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS COORDENADORES DO PHB-BID

ROTEIRO DE PERGUNTAS APLICADAS NAS ENTREVISTAS COM OS COORDENADORES DO PHB-BID

1. Como foi a recepção dos moradores no período de implantação do PHB-BID?
2. Existiram problemas no relacionamento com os moradores nesse período?
3. Qual a maior dificuldade encontrada pelo PHB-BID?
4. Qual a previsão de finalizar o PHB-BID?
5. Existem algumas atividades realizadas atualmente pelo PHB-BID que tente solucionar o problema da geração de trabalho, emprego e renda da população?
6. Quantas pessoas em média o PHB-BID mobiliza em suas reuniões?
7. Como você define a sua experiência profissional neste local?
8. Existe alguma relação do PHB-BID com as denominações religiosas da área?
9. De que forma se processa a relação da política eleitoral com o local?
10. Quais as causas que você atribui ao crescimento das igrejas pentecostais no local?
11. Existiu alguma recomendação dos moradores de como se comportar nesta área?
12. De que forma o PHB-BID encarou a dubiedade (Inferninho e Alto da Bela Vista) dos nomes no local?
13. Você já sofreu algum tipo de desconforto em mencionar que trabalha nesta área?
14. Quando você menciona que trabalha no Alto da Bela Vista as pessoas identificam prontamente o local?
15. Existe alguma ação específica no PHB-BID para amenizar a estigmatização do nome Inferninho que é dado a esta área?
16. Você considera aqui um lugar perigoso?
17. Você sabe o porquê do nome Inferninho é dado a comunidade?
18. O que você pensa sobre o nome Inferninho que é dado a comunidade?

ANEXOS A3

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS LÍDERES RELIGIOSOS DO ALTO DA BELA VISTA

ROTEIRO DE PERGUNTAS APLICADAS NAS ENTREVISTAS COM OS LÍDERES RELIGIOSOS DO ALTO DA BELA VISTA

1. De que forma ingressou nessa denominação religiosa?
2. Quando começou os seus trabalhos religiosos no Alto da Bela Vista?
3. Quais os principais objetivos da sua fé para com nessa comunidade?
4. Quantos membros fazem parte de sua denominação?
5. Quais os tipos de discursos mais realizados nos encontros com a comunidade?
6. Existe algum fato marcante que aconteceu entre as outras religiões e a sua?
7. Com qual finalidade é organizado os discursos para a população do Alto da Bela Vista?
8. Quais são os problemas que afligem os moradores desta localidade?
9. Quais tipos de atividades realizadas por sua fé religiosa?
10. Qual faixa etária e a procedência dos fiéis que freqüentam o seu estabelecimento religioso?
11. O senhor tem contato com o cotidiano dos lares dos adeptos de sua fé?
12. Existe uma relação da sua religião com as outras existentes nessa comunidade?
13. Existe um fluxo migratório dos fies para outra religião?
14. Como observa a relação da política com a religião?
15. Apoiou algum político nas últimas eleições?
16. Qual a sua avaliação sobre o PHB-BID?
17. Quais as causas que você atribui ao crescimento das igrejas pentecostais neste local?

ANEXO B

ANEXO B1

PROGRAMA HABITAR BRASIL – BID / UAS – URBANIZAÇÃO DE ÁREAS
SUBNORMAIS FASES I E II

VOLUME A

ASPECTOS DOMINIAIS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

IDU/PR - SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO



CAIXA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

PROGRAMA HABITAR BRASIL/BID UAS - URBANIZAÇÃO DE ÁREAS SUBNORMAIS FASES I e II

Comunidade

Alto da Bela Vista



Volume A Aspectos Dominiais e Regularização Fundiária

Jequié
PREFEITURA MUNICIPAL



PLANO DE TRABALHO

I – DADOS CADASTRAIS			
1. Dados Cadastrais do Estado, Distrito Federal ou Município – Proponente			
Nome do Estado/DF/Município – Proponente PREFEITURA MUNICIPAL DE JEQUIÉ - BA			CGC do Estado/DF/Município 13894878/0001-60
Endereço da sede do Poder Executivo (Rua, n.º, bairro, cidade, UF, CEP) PRAÇA DUQUE DE CAXIAS, S/N - JEQUIEZINHO			
DDD/Telefone/FAX da sede do Poder Executivo (XX73) 526-80035 / 8000			
2. Dados Cadastrais Referentes à Conta Corrente Específica do Contrato (a serem preenchidos pela CAIXA na etapa de contratação)			
N.º da Conta Corrente	Cód. do Banco	N.º da agência	Praça de Pagamento
3. Dados Cadastrais do Chefe do Poder Executivo			
Nome do Chefe do Poder Executivo ROBERTO PEREIRA DE BRITO			CPF
N.º da Carteira de Identidade-CI, sigla do Órgão Expedidor e UF 909167 – SSP/BA			
Endereço do Domicílio do Chefe do Poder Executivo (Rua, n.º, bairro, cidade, UF, CEP) RUA MADUREIRA, N° 77, MANDACARÚ – JEQUIÉ/BA			
II – DADOS CADASTRAIS DE OUTROS PARTICIPES (quando for o caso)			
1. Dados Cadastrais do Órgão ou Entidade Partícipe			
Nome do Órgão/Entidade que participará do contrato como executor ou interveniente			CGC do Órgão/Entidade
Endereço da sede do Órgão/Entidade (Rua, n.º, bairro, cidade, UF, CEP)			
DDD/Telefone/FAX da sede do Órgão/Entidade			
2. Dados Cadastrais do Responsável pelo Órgão/Entidade Partícipe			
Nome do responsável pelo Órgão/Entidade			CPF
N.º da CI, sigla do Órgão Expedidor e UF	Cargo	Matrícula	
Endereço do Domicílio do responsável (Rua, n.º, bairro, cidade, UF, CEP)			

III - DESCRIÇÃO DO PROJETO	
1 Modalidade:	
<input checked="" type="checkbox"/> Urbanização de Áreas Ocupadas por Sub-habitações, sem reassentamento de famílias. <input type="checkbox"/> Reassentamento de famílias em área a ser urbanizada	
2 Identificação do Objeto (Descrever todas as ações a serem desenvolvidas, sem quantificá-las, e indicar a área de intervenção: ruas, bairros, distritos, município e região metropolitana)	
URBANIZAÇÃO DO BAIRRO COMUNIDADE ALTO DA BELA VISTA COM OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO, DRENAGEM E HIDROSSANITÁRIA NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ - BAHIA	
3 Prazo de execução: (indicar o nº de meses necessários para a execução do empreendimento).	
23 (meses)	
4 Valores	
Valor Solicitado (SEDU/PR)	R\$ 2.489.551,02
Valor da Contrapartida Obrigatória	R\$ 239.469,47
Valor da Contrapartida Adicional.....	R\$ 29.521,89
Valor de Investimento (Somar os valores SEDU/PR e Contrapartida)	R\$ 2.825.602,18
5 Justificativa da Proposição	
<p>O OBJETIVO DESSE PROJETO É A URBANIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO DA BELA VISTA CONTEMPLANDO OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA TAIS COMO: DRENAGEM DE ÁGUAS PLUVIAIS, VISANDO ELIMINAR PONTOS CRÍTICOS DE ALAGAMENTO, IMPLANTAÇÃO DE REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA E ESGOTAMENTO SANITÁRIO EM CONJUNTO COM OUTRAS INTERVENÇÕES. NESTE LOCAL RESIDE UMA POPULAÇÃO CARENTE DE RECURSOS FINANCEIROS QUE NECESSITA DE AÇÕES GOVERNAMENTAIS PARA A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DECORRENTES DA FALTA DE SANEAMENTO BÁSICO, POIS A AUSÊNCIA DOS MESMOS GERA SIGNIFICATIVA PROLIFERAÇÃO DE DOENÇAS INFECTO-CONTAGIOSAS. A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO BENEFICIARÁ AS FAMÍLIAS, AJUDANDO NA PREVENÇÃO DE AGRAVOS A SAÚDE E MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA.</p> <p>COMPÕE-SE AOS TRABALHOS A SEREM REALIZADOS NAQUELA COMUNIDADE A EXECUÇÃO DE OBRAS DE CONTENÇÕES NOS TALUDES COM RISCOS DE DESABAMENTOS.</p>	

6 Regime construtivo proposto - (Assinalar de acordo com o tipo de construção/administração que será adotado)

	Edificação	Infra-estrutura
1. Auto-construção / mutirão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Administração Direta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Empreitada	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

7 Caracterização da Área objeto da Intervenção - (Assinalar de acordo com as características da área/população a ser beneficiada)

1. Área incluída no Programa Comunidade Solidária
2. Área incluída no Programa Comunidade Ativa
3. Área de emergência oficialmente reconhecidaData: / /
4. Qualificação da atual condição de moradia da população a ser beneficiada pela intervenção:
 - 4.1 Favelas
 - 4.2 Mocambos
 - 4.3 Palafitas
 - 4.4 Cortiços
 - 4.5 Outros, especificar:
 - 4.6 Situação de Risco: Deslizamento/Desmoronamento
 - 4.7 Situação de Risco: Erosões
 - 4.8 Situação de Risco: Enchentes
 - 4.9 Situação de Risco: Lixões
 - 4.10 Situação de Risco: Outras situações, especificar:.....

Número de famílias em situação de risco:.....523 famílias
 Número de famílias a serem remanejadas:.....31 famílias

8 Infra-estrutura de que dispõe, no momento, a população/área a ser beneficiada (Assinalar e preencher de acordo com as condições da infra-estrutura da área a ser beneficiada)

- 1) Abastecimento de água
 - Existente (100%) Inexistente Em execução. Fonte de recursos: _____
 - Cobertura parcial . 92 %

Número de famílias que serão beneficiadas por esta proposta: 523 famílias
- 2) Esgotamento Sanitário
 - Existente (100%) Inexistente Em execução. Fonte de recursos: _____
 - Cobertura parcial . 57 %

Número de famílias que serão beneficiadas por esta proposta: 523 famílias
- 3) Drenagem pluvial
 - Existente (100%) Inexistente Em execução. Fonte de recursos: _____
 - Cobertura parcial . %

Número de famílias que serão beneficiadas por esta proposta: 523 famílias
- 4) Pavimentação
 - Existente (100%) Inexistente Em execução. Fonte de recursos: _____
 - Cobertura parcial

Número de famílias que serão beneficiadas por esta proposta: 523 famílias
- 5) Energia Elétrica
 - Existente (100%) Inexistente Em execução. Fonte de recursos: _____
 - Cobertura parcial %

Número de famílias que serão beneficiadas por esta proposta: 523 famílias
- 6) Iluminação Pública
 - Existente (100%) Inexistente Em execução. Fonte de recursos: _____
 - Cobertura parcial 50 %

Número de famílias que serão beneficiadas por esta proposta: 523 famílias

ANEXO B2 IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

PROGRAMA - PLANO ESTRATÉGICO MUNICIPAL PARA ASSENTAMENTOS SUBNORMAIS - PEMAS



I. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

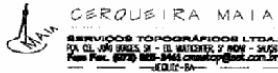
Programa – Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais – PEMAS

PROJETO:	Participação, Organização Comunitária e Educação Ambiental e Sanitária
LOCALIZAÇÃO :	Alto da Bela Vista
MUNICÍPIO :	Jequié
ESTADO :	Bahia
VALOR TOTAL DO PROJETO :	R\$ 2.500.000,00
INÍCIO PREVISTO :	Maio de 2002
DURAÇÃO :	23 meses
ENTIDADE PROPONENTE :	Prefeitura Municipal de Jequié
ENTIDADE EXECUTORA :	Prefeitura Municipal de Jequié
TÉCNICO RESPONSÁVEL :	Lícia Quadros Côrtes
PROFISSÃO	Assistente Social
REGISTRO PROFISSIONAL :	CRAS Nº: 1.164
EXPERIÊNCIA :	<p>Graduada em - Psicologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia. De 1975 a julho/80 e em Serviço Social - Escola de serviço Social, Universidade Católica do Salvador, De 1975 a 1978. Pós graduação em Administração de Recursos Humanos - V Curso CENID 1983/1984</p> <p>PREFEITURA MUNICIPAL DE JEQUIÉ - CONSULTORIA DE RECURSOS HUMANOS E PROJETOS SOCIAIS:</p> <p>Implantação da Rede de Atenção e Proteção à Criança e ao adolescente</p> <p>Coordenadora da UEM – Unidade Executora Municipal</p> <p>Coordenação de Projeto Social Morar Melhor – Km 03</p> <p>Implantação e Coordenação do Programa Bolsa Escola</p>

**ANEXO B3
LEGENDA DA PLANTA DE ANÁLISE GEOTÉCNICA COMUNIDADE:
ALTO DA BELA**

Legenda	
POLIGONAL DE INTERVENÇÃO (PRELIMINAR)	
RODAPÉ DA VIA – CONTENÇÃO BAIXA	
CONTENÇÃO (h=1,00 M)	
CONTENÇÃO (h= 2,00 M)	
SONDAGEM A PERCUSSÃO	
ENSAIO DE CBR	

BASE TOPOGRAFICA ELABORADA POR:



00	11/10/01	EMISSÃO INICIAL	
REV.	DATA	RESUMO	RESP.

PROPRIETÁRIO _____
CONSTRUTOR _____
RESP. TÉCNICO - PROJETO: GUILHERME BASTOS BORBA COSTA, ARQUIT. CREA 29.476/D

QUADRO DE REVISÕES

PROJETOS CONTEMPLADOS U A T F B D S L E H I C R J Z P M



Urbanismo - Diagnóstico Inicial

Comunidade Alto da Bela Vista

Endereço: **Jequié - Bahia**

Proprietário: **Prefeitura Municipal de Jequié**

Planta de Análise Geotécnica

Nomeação e Arquivamento: **6 3 0 1 E U 0 2 . DWG** DATA: Out/2001

Equipe: _____ Coordenação Geral: **Paulo Bastos** Arquiteto: **Guilherme Bastos**

ARQUITETO: _____

Técnicos: _____ Estagiários: **Alon Quintello Mendes**

ÍNDICE DE PRANCHAS

01	Localização
02	Planta Topográfica
03	Planta Aerofotogramétrica
04	Fotografia Aérea
05	Plan. Investigações em Alto da Bela Vista

PRANCHA	TOTAL
02	05

Escala(s): **1 / 1 000**

ANEXO C

ANEXO C1

APOIO A PESQUISA LEVANTANTADO PELAS AGENTES COMUNITÁRIAS DA ÁREA

RUAS, CASAS E IGREJAS

Bairro área 1

Total de famílias cadastradas 167

Rua - São Lucas 68 famílias (243 pessoas)

1º trav - São Lucas 29 famílias (98 pessoas)

Abilton Dias - 33 famílias (107 pessoas)

Vista Bela - 19 famílias (65 pessoas)

3º trav. São Lucas - 18 famílias (52 pessoas)

Relação da Mouraria 02

Rua: Osvaldo Souza Rocha

1ª e 2ª trav Osvaldo Souza Rocha

4ª travessa Palmario Pinheiro

Rua: São Loucos

Rua: Alto da Bela Vista

166 casas

580 pessoas

3 igrejas Evangélicas

- Monte da Restauração
- Congregação Batista
-

Relatório da área 03

1 / 1

Rua - Alto da Bela Vista

Rua - Alto da Bela Vista de cima

Rua - Alto da Bela Vista de Baixo

Rua - 2ª Americanas do Costa

Rua - 4ª Americanas do Costa.

Total de casas.

- 195 casas

Total de pessoas

- 693 pessoas

Total de Igrejas Evangélicas

- 2 Igrejas.

1 - Congregação Pentecostal Monte Maria

2 - Congregação Jesus Cristo Salva.

(1 1)

Famílias cadastradas no PSF:
no alto da Bela Vista

Meróaria 04.

Rua. Américo da Costa, 58. Famílias
no de Panoas 239.

2ª fronteira Américo da Costa 75. Famílias
Panoas, 271

Fundos da 2ª fronteira Panoas da Costa
22.

Panoas 27

Total 155.

Micro-área 07

3ª Trav. São Lucas

4ª Trav. São Lucas

5ª Trav. São Lucas

6ª Trav. São Lucas

176 famílias 650 pessoas

1 Igreja Pentecostal

ANEXO C2

CARTÕES DE VISITAS DAS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS PENTECOSTAL E CANDOMBLÉ

<p>Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço...⁴</p> <p>... E QUEM TEM SEDE, VENHA; E QUEM QUISER, TOME DE GRAÇA DA ÁGUA DA VIDA.⁵</p> <p><small>Os textos bíblicos são: 1) Atos 16.30; 2) João 4.10,13,14; 3) João 6.35; 4) Isaias 55.1; 5) Apocalipse 22.17.</small></p> <p>Publicações Verdades Vivas Cx. Postal 147 13480-970 - Limeira - SP -Brasil</p> <p><small>Para adquirir este folheto em maior quantidade, escreva-nos solicitando nossa lista de preços. Verdades Vivas não é responsável pelo modo como os folhetos são distribuídos. A pessoa que os distribui é responsável, perante as autoridades, por qualquer transgressão da lei.</small></p> <p>2ª IGREJA PENTECOSTAL DEUS DO IMPOSSÍVEL</p> <p>4ª Trav. São Lucas, nº 18 B. Joaquim Romão - Jequié-BA Dias de Cultos: Seg - Qui - Sáb Dom: 19:30hs / Qua (tarde): 15 00hs.</p> <p>NÃO JOGUE PAPEL NO CHÃO</p>	<p><i>Água à Sua Volta</i></p>  <p>2ª IGREJA PENTECOSTAL DEUS DO IMPOSSÍVEL</p> <p>4ª Trav. São Lucas, nº 18 B. Joaquim Romão - Jequié-BA Dias de Cultos: Seg - Qui - Sáb Dom: 19:30hs / Qua (tarde): 15 00hs</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ilê Axé Olójum Onirê Ogum

Pai Antônio

Fone: (73)525-0665

2ª TRAVESSA DEPUTADO ADEMÁRIO PINHEIRO
JOAQUIM ROMÃO - JEQUIÉ - BAHIA

ANEXO C3
RELAÇÃO DOS VEREADORES DE JEQUIÉ-BA GESTÃO: 2005/2008



ESTADO DA BAHIA
CÂMARA MUNICIPAL DE JEQUIÉ
 "Casa de Zenildo Tourinho"

VEREADORES – GESTÃO: 2005/2008

NOME	DATA NASC	PARTIDO	ENDEREÇO
1) Ednael Alves Almeida	19/01/58	PFL	Rua da Itália, 06 – Centro
2) Euclides Nunes Fernandes	17/10/51	PDT	Rua Manoel Vitorino, 100 - Edf. Barros - Centro
3) Ivan de Oliveira Santos	30/10/72	PRP	Rua Almirante Tamandaré s/n – Pompílio Sampaio
4) Joaquim Caíres Rocha	10/09/53	PDT	Rua Ademário Eloy Pereira - Centro
5) José Simões de Carvalho Júnior	16/12/52	PP	Praça Patrícia Fonseca – São Luiz
6) Ladislau Muniz de Bulhões Neto	17/03/53	PP	Av. São Bernardo, 269 – Caixa D'Água
7) Luiz Elizeu Ferreira Brito Oliveira	09/08/45	PL	Av. José Moreira Sobrinho, 279 - Jequezinho
8) Nara Rúbia Muniz Chaves Pelegrini	11/12/57	PFL	Rua Elizeu Mário e Jesus, 62 – Campo do América
9) Paulo Sérgio Souza Vasconcelos	22/02/69	PTC	Rua Artur Moraes, 66 1º -andar - Jequezinho
10) Réges Pereira da Silva	09/02/64	PT	Rua Americano da Costa, 580 – Caixa D'água
11) Sonia Maria Amparo Santos	20/04/54	PSB	Trav. 31 de Março s/n – São José
12) Valdemir Souza Braga	04/07/63	PSDC	Av Ulisses Coelho Lima - KM 03

**ANEXO C4
DEMONSTRATIVO DE OCORRÊNCIAS POLICIAIS
POLICIA MILITAR DO ESTADO DA BAHIA / CRPS - 19ª BPM/NQS**

DADOS OCORRÊNCIAS Nº CIA	DEMONSTRATIVO DE OCORRÊNCIAS MÊS DE JUNHO DAS 07H00 ÀS 19H00																												
	C. Comercial	Viveiro	C. América	São Luis	Gustavo Ribeiro	S. J. Tadeu	Lot. Amaralina	PQ . Algorobas	C. Portal Pindo.	Rodoviária e Adj.	Largo do CEDIL	Alto do Cohim	Pedreira	Santa Luz	Sol Nascente	Inferinho-B. Vista	Poliduto	A. Cemitério	Caixa D'Água	Cidade Nova	Cansansão	Curral Novo	Distrito Industrial	KM 03	KM 04	Fazenda Velha	Zona Rural	Outros	Total
AC. TRANS. C/ VITIMA	6									13																			19
AC. TRANS. S/ VITIMA	23								1	1	1																		27
AMEAÇA				1																									4
ARROJAMENTO	2								1	1																			6
ATENTADO V. AO PUDOR																													0
DESACATO									1	1																			0
DESORDEN	9								1	1																			1
ESTURPO									2	1																			20
FUGA DE PRESO																													0
FURTO	10								4																				0
HOMICIDIO			1																										16
LESÕES CORPORAIS																													0
RESISTÊNCIA/DESEMB.																													0
ROUBO																													0
SEQUESTRO																													0
TENT. FURTO/ ROUBO	2																												2
TENT. HOMICIDIO																													1
TENTATIVA DE ESTURPO																													0
TRAFICO / USO DE DROGAS									2																				2
VIAS DE FATO										2																			3
VIOLAÇÃO DE DOMICILIO										2																			3
OUTROS	18			1	1	4	2		24	2					1					3	2		1	5	4			1	66
TOTAL	88	0	1	2	1	6	4	0	51	4	0	1	0	0	1	0	3	0	9	0	3	0	3	0	10	5	0	0	170

POLICIA MILITAR DO ESTADO DA BAHIA
CRPS - 19ª BPM / NQS

DEMONSTRATIVO DE OCORRÊNCIAS MÊS DE JUNHO Das 19H00 Das 19H00 ÀS 07H00

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DA BAHIA
CPRS - 19º BPM / NCS

BARRIOS OCORRÊNCIAS 1ª CIA	C. Comercial																			Total									
	Viveiro	C. América	São Luis	Gustavo Ribeiro	S. J. Tadeu	Lot. Amaralina	PQ . Algorobas	C. Portal Pindo.	Rodoviária e Adj.	Largo do CEDIL	Alto do Cohim	Pedreira	Santa Luz	Soi Nascente	Inferminho-B. Vista	Poliduto	A. Cemitério	Caixa D'Água	Cidade Nova		Cansansão	Curral Novo	Distrito Industrial	KM 03	KM 04	Fazenda Velha	Zona Rural	Outros	
AC. TRANS C/VITIMA FATAL	2																												0
AC. TRANS C/VITIMA																													7
AC. TRANS S/VITIMA	10	1																											17
AMERCA	1														1														2
ARROMBAMENTO																													3
ATEN/ADCV. AO PULCOR																													0
DESACATO	2																												2
DESORDEN	11	1																											14
ESTURPO	1																												1
FUGA DE PRISO																													0
FURTO	3																												5
HOMICIDIO																													1
LESÕES CORPORAIS																													1
RESISTENCIA/DISOBEDI																													0
ROUBO	1																												2
SEQUESTRO																													0
TENT. FURTO/ROUBO	3																												6
TENT. HOMICIDIO																													1
TENTATIVA DE ESTURPO	1																												1
TRAFICO /USO DE DROGAS	1																												3
VAS DE FATO	3																												7
VICIAÇÃO DE DOMICILIO																													0
OUTROS	30	1	2		5	1	3	24	2						1	1	2	1	5	1	1	1	13	3				96	
TOTAL	69	2	1	3	0	8	2	45	4	0	3	0	1	2	1	2	2	9	3	3	0	25	7	0	0	5		201	